

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL

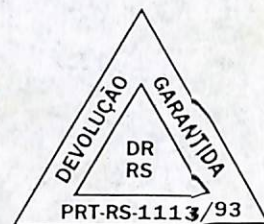


**Aranha
não é
bicho-papão**

PORTE PA GO

DR/RS

ISR-49-0399/81



Depoimento

**Brasil tem
café de
qualidade**

Gado de leite

**EUA esbanjam
genética e
produtividade**

Sanidade animal

**Agora é a hora:
vacine já!**

Agribusiness

**RS dá a
volta
por cima**



LUBRIFICAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

O maior rendimento líquido para a agricultura.

Se você pretende colher bons lucros, é importante manter o seu equipamento agrícola funcionando perfeitamente.

Os lubrificantes Shell garantem o melhor desempenho de tratores e máquinas agrícolas. Cultive esta idéia e conheça toda a linha.



Rimula Super MV

O óleo do dia-a-dia do produtor agrícola. Ele facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do motor, reduzindo o número de retíficas.



WBF-100

Exclusivo para tratores Maxion (Massey-Ferguson), Ford, CBT e Valmet. Indicado para sistemas de freios úmidos, hidráulicos e de transmissão, garantindo maior vida útil. Seus aditivos antidesgaste e modificador de fricção reduzem os ruídos e protegem contra ferrugem, corrosão e desgaste prematuro.



Spirax HD

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é indicado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Bastante resistente à deterioração por uso prolongado.



Retinax A

Para todos os pontos lubrificados a graxa. Mantém sua estabilidade e resistência em qualquer temperatura. É a sua graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



Tellus 68

Especial para sistemas hidráulicos e para todas as aplicações que exijam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



 **Shell** LÍDER MUNDIAL

Peça os óleos do seu dia-a-dia à Central Shell e ganhe mais tempo para se dedicar ao seu negócio.

Rio de Janeiro
Grande Rio
Tel.: 552-9732
Outras localidades
Tel.: (021) 800-3020
DDD grátis

São Paulo
Grande São Paulo
Tel.: 273-6188
Outras localidades
Tel.: (011) 800-2272
DDD grátis

Centro de Serviços
ao Consumidor Shell:

Rio de Janeiro
Grande Rio
Tel.: 396-4452
Outras localidades
Tel.: (021) 800-9978
DDD grátis

O café natural do Brasil

Qualidade, tradição e competência são alguns elementos essenciais que marcam a imagem de um país perante os demais. Por exemplo, quando se pensa em whisky vem à cabeça a Escócia; relógio, a Suíça; tequila, o México; tango, a Argentina, e por aí vai. O Brasil, sem dúvida, tem como marcas registradas, internacionalmente, futebol e samba (não vamos considerar violência, miséria ou fome). Porém, além dessas duas características brasileiras, o café também já teve seu tempo de glória no exterior. Hoje, anda meio por baixo, esquecido, principalmente por causa da vizinha Colômbia, que aproveitou a deixa e tomou conta desse segmento.

Nesta fase de maré baixa, dos 316 mil cafeicultores registrados no tempo do Instituto Brasileiro do Café, hoje não constam 300 mil. Por outro lado, especialistas no as-

sunto afirmam que está havendo uma espécie de seleção natural, permanecendo as verdadeiras empresas cafeeiras, aquelas que primam pela qualidade. Um desses experts em mercado é Carlos Henrique Brando, diretor da Pinnhalense S/A Máquinas Agrícolas e pós-graduado em Economia e Administração no Mas-

sachusetts Institute of Technology (MIT), de Boston, nos Estados Unidos, que faz um apanhado da cafeicultura brasileira e mundial, nesta entrevista.

Ele acredita que a fase ruim vai chegando ao final, e daqui para frente a tendência é recuperar o consumo per capita, que anda um pouco acima dos 2kg, e até mesmo ultrapassar os 4kg da fase áurea. Brando aposta numa retomada a curto e médio prazos em nível interno. E, em seguida, lá fora, resgatando e vendendo o café natural do Brasil.



Carlos Brando garante que brasileiro, hoje, toma um café de melhor qualidade

A Granja — Qual é a situação do café, hoje, em termos mundiais?

Carlos Brando — Nós estamos vivendo um momento interessante no aspecto de mercado, pois acabamos de sair de uma fase de inflexão. Os preços começam a reagir, e tenho uma visão otimista. Fatos físicos mostram

que a demanda vai superar a oferta, evidentemente se refletindo em valores crescentes, o que, por sinal, vem acontecendo.

P — Qual a situação do Brasil dentro desse panorama?

R — Apresentamos uma grande vantagem competitiva. Apesar das re-

clamações por parte do produtor, com dificuldades em manutenção e lucratividade, o Brasil ainda é, em nível mundial, uma das nações que apresentam baixos custos de produção. Na arrancada de preços, teremos condições de recuperação primeiro do que os outros. Embora possa ser criticado

pelos produtores, considero mais negócio para o Brasil que o valor do saco não fosse além dos US\$ 100. Nesse patamar, os concorrentes não sobrevivem. Com uma visão de longo prazo, a US\$ 100 o saco, o café colombiano, o guatemalteco e o keniano apresentam uma lucratividade pequena.

P — Os 34 países que respondem por quase 90% da produção mundial de café estão tentando proteger o produtor por meio das cotas de retenção. Qual a importância dessa estratégia?

R — Antes de mais nada, representa uma organização mercadológica. Uma linha de pensamento insiste no fato de que o mercado comprador é altamente concentrado, onde seis empresas, ativas em todos os países, congregam 80% do volume adquirido. Por outro lado, há uma forte pulverização por parte do vendedor. Então, algum tipo de organização seria indispensável. Mas, caso os preços continuem evoluindo, talvez nem seja preciso usar esse mecanismo.

Somos um verdadeiro supermercado do café, com a produção de todos os tipos

P — A possibilidade da criação do Departamento Nacional do Café, numa tentativa de ressuscitar o IBC, não causa apreensão ao setor, por deixar o governo em posição de intervir no mercado?

R — Realmente, tem gerado apreensão e temor. E nós, particularmente, como grandes incentivadores da qualidade do café brasileiro, acreditamos que, quando há intervenção estatal, o produto passa a se nivelar por baixo, como ocorria no passado, quando não era negócio fazer qualidade, bem ao contrário de hoje, onde quem investiu se posiciona melhor no mercado. O governo provoca um efeito perverso. Ao subir o preço, se espera que o pessoal busque maior qualidade e eficiência, mas muitas vezes ocorre o contrário.

P — O café brasileiro é competitivo lá fora?

R — Sim, porque somos um verdadeiro supermercado do café, onde se produz todos os tipos, tais como o arábica (natural e via seca e lavado), o

robusta (cornillon) e o cereja descascado (um tipo intermediário que a Pinalense criou).

P — O fato do café colombiano ser colhido manualmente, grão por grão, é o ponto diferencial que o torna melhor que os outros?

R — Na verdade, isso é um grande engodo, uma tremenda ilusão. O colombiano colhe de forma seletiva, porém temos tecnologia para colher por derriça e fazer um café de tão boa ou melhor qualidade que o deles. O torrefador que faz um dos melhores cafés do mundo chama-se *Illycaffè*, que compra 70% do grão no Brasil e zero da Colômbia. O produto que ele adquire aqui é derriçado como qualquer outro café. Nós dispomos de técnicas para, partindo de um café derriçado onde se colhe verde, maduro e seco, usar só o maduro e produzir um café de excelente qualidade. E, modéstia à parte, quem criou tal tecnologia fomos nós. Com esse café, que vem da cereja, podemos fazer um produto tão bom ou melhor que o colombiano por um preço inferior.

P — O que leva a Colômbia a ser o principal concorrente do Brasil nas exportações de café?

R — Foi feita uma campanha de marketing consistente. A forma como a Colômbia vem atacando o mercado, nestes últimos 30 anos, a colocou numa posição privilegiada, passando a ser identificada com o café. Temos que reconhecer a habilidade dos colombianos, que conseguiram associar a imagem do café ao seu país, o que antes era mérito do Brasil. Cabe agora reverter esse quadro, através de um novo posicionamento do café no mercado, atacando de uma forma estratégica e consistente. Eu não acho que seja uma tarefa impossível, tendo em vista que a Colômbia está numa encruzilhada, porque eles vêm subsidiando a cafeicultura a duras penas. A cada mês, o órgão representativo deles tem menos dinheiro.

P — Afinal, o café colombiano é, ou não é, melhor do que o brasileiro?

R — Não. Porém é preciso ressaltar que esse café não concorre diretamente com o brasileiro, pelo fato de

ser lavado, despolpado, enquanto aqui se produz o via seca, natural. Aliás, "natural" é um nome que deveria ser proclamado no grão nacional, tendo em vista que estamos na época dos produtos naturais. Além disso, essa é a designação dada pelos organismos internacionais. Na prática, o produto é dividido em lavado e não-lavado, sendo este último o nosso. Porém, é um nome horrível, que soa mal. Então, prefiro o termo "natural", que já está na boca das pessoas. O café colombiano tem determinado apelo em mercados onde se prefere o lavado. O Brasil, praticamente, detém 80% da produção mundial de cafés naturais, tendo como único concorrente a Etiópia. Assim, o produto brasileiro pode se tornar tremendamente competitivo, caso seja trabalhado.

P — O que o senhor quer dizer com isso?

R — Falta-nos, no exterior, uma política concatenada de marketing. Ele precisa estar nas lojas e, principalmente, junto aos formadores de opinião. Alguns exportadores do País começaram a levar seus produtos para setores de cafés especiais (café *gourmet*). Atualmente, existe um movimento nos Estados Unidos em direção aos denominados alimentos finos, especiais (*fast food*), envolvendo comidas, chás e butiques do café (*coffee shop*). Esse setor, extremamente dinâmico, já responde com 10% a 15% de todo o consumo americano. E é uma área em que podemos entrar com muita eficiência em termos de marketing, sendo, para tanto, indispensável uma união entre produção e exportação, criando uma estratégia de ação.

P — A curto prazo, a melhor alternativa não seria procurar expandir o mercado nacional?

R — Exatamente. E, nesse enfoque, é muito interessante a campanha que a Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC) vem fazendo, com investimento de um bom volume de dinheiro, na tentativa de incrementar o consumo interno em 10% a 15%. O Brasil, ao contrário dos demais produtores, é um dos maiores consumidores do mundo, sendo bem mais fácil elevar as vendas aqui dentro do que lá fora. Uma campanha que aumente o consumo nacional vai se refletir totalmente na compra interna, ao passo que, no exterior, o mercado se-

ria dividido com os demais países. Lá, a fatia do Brasil é pouco acima dos 20%.

P — O que falta para o cafeicultor brasileiro ser melhor remunerado?

R — Na verdade, em nível internacional, o preço vem evoluindo. Há dois aspectos a considerar: o primeiro depende de oferta e demanda; e o segundo é que o produtor nacional tem que posicionar o seu produto num patamar de melhor qualidade. Agora, isso exige um esforço, tanto do produtor em si como das entidades representativas, para colocar o café como de qualidade lá fora. Hoje, a imagem do Brasil é de um fornecedor residual. Por outro lado, isso não significa que inexistente gente produzindo grãos de altíssima qualidade, vendendo bem e ganhando dinheiro. Porém volto a dizer que, no geral, é visada a quantidade em detrimento da qualidade. Tal imagem precisa ser revertida. Mas não adianta apenas marketing, sendo necessário também buscar a qualidade em nível de fazenda, pois não há propaganda que suporte um produto que não seja bom. O produtor que faz qualidade a médio e longo prazos sentiu que compensa e está sendo melhor remunerado. Mas mais gente precisa se convencer disso. Outra chave que deve ser levada em conta é produtividade, pois a média de produção brasileira por hectare está entre sete a oito sacos de 60kg/ha, contra mais de 20 na Costa Rica. Temos quem alcance 50, 60, 70 ou 80 sacos/ha.

Hoje, a tecnologia permite a manutenção da qualidade do grão pós-colheita

P — Então, qual a saída para a cafeicultura brasileira?

R — Talvez esteja no encolhimento da área plantada, com a manutenção de volume ou mesmo com incremento. Isto quer dizer que o retorno por unidade de área deverá ser maior. Assim, tem que se trabalhar, em nível de planta, com variedades mais produtivas e práticas culturais modernas. O lado de baixar custos também é uma possibilidade, caso da mecanização, onde entra o benefício, por exemplo, com a tecnologia do cereja descascado, que tor-

na possível economizar na secagem cerca de 15% a 20%.

P — Como não é possível ganhar em qualidade no pós-colheita, o que fazer para mantê-la?

R — Ao retirar o grão da árvore, é fundamental preservar a qualidade, obtida com variedade, solo, clima e práticas culturais. Depois que a fruta foi colhida, deve-se evitar que, no beneficiamento, todo o trabalho acabe se estragando, com o emprego de técnicas não-adequadas, secando a temperaturas altas, não usando a máquina certa, deixando que fermente, esquentando, enfim, com tudo que ocasiona perdas e mais perdas de qualidade. Atualmente, o cafeicultor encontra procedimentos modernos que possibilitam a manutenção da qualidade com que o grão saiu do pé.

P — Não é aí que entra a técnica do cereja descascado?

R — Exatamente. Alguns fazendeiros iniciaram o processo em 89, 90, que nos pareceu uma idéia bastante interessante. Os precursores foram o agrônomo Tarcísio Loyola e o cafeicultor José Perez Romero. Aliás, no início da década de 50, falava-se nessa possibilidade, que vem a ser um sistema intermediário entre o café despulpado (lavado) da Colômbia e o café via seca (natural) do Brasil. Pega-se as cerejas maduras, remove-se a polpa, e o café fica envolvido em um mel, uma substância pegajosa chamada mucilagem, que tem que ser removida por um processo de fermentação ou fricção mecânica muito forte. O colombiano tira isso aí, e neste momento há perda de corpo, aroma e ganho em acidez. Nós secamos o café com a mucilagem e descobrimos que continuará com as características da típica bebida brasileira.

P — Por que, então, tirar a polpa?

R — Simplesmente porque ela representa nada menos do que 40% do volume que você terá que secar depois. Para que gastar energia, se no momento de secar o grão irá jogá-la fora? O cafeicultor economiza na secagem, no benefício e na classificação. E, na hora de produzir o cereja descascado, a máquina precisa elimi-

nar o grão verde, sendo este tipo absolutamente isento de verde, que, por sua vez, quando misturado no café, é um dos fatores que ajudaram a destruir a imagem do produto brasileiro lá fora.

P — O cafeicultor que vem trabalhando nessa nova modalidade tem obtido um ganho maior?

R — O cereja descascado é um café novo. Em 91, as unidades pioneiras eram em torno de nove ou dez. No ano seguinte, o número subiu para cerca de 250 a 300 fazendeiros. Este ano, acreditamos no aumento para a faixa de 500 a 700, já que trata-se de um café que está definindo os canais de comercialização agora. Temos conhecimento de que quem vem se especializando em trabalhar com este café está alcançando, consistentemente, sobrepreços da ordem de 10% a 20%, caso do pessoal que tem escoado sua produção em especial para a Itália.

P — Até quando o consumidor brasileiro se contentará em ficar com o que sobra das exportações, o que há de melhor indo para o exterior?

R — A situação está bem mais favorável do que há cinco ou dez anos, pelo menos no café, pois existe conscientização de produzir qualidade. A própria ABIC, antes da campanha para incrementar o consumo, criou o selo de pureza, o que trouxe melhoria do nível do produto fornecido ao brasileiro. E segue a tendência de países desenvolvidos em direção aos cafés especiais, através das butiques de café em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, entre outras cidades. Esses empreendimentos, de alto nível, para um público diferenciado, atingem os formadores de opinião, filtrando para as outras camadas de mercado.

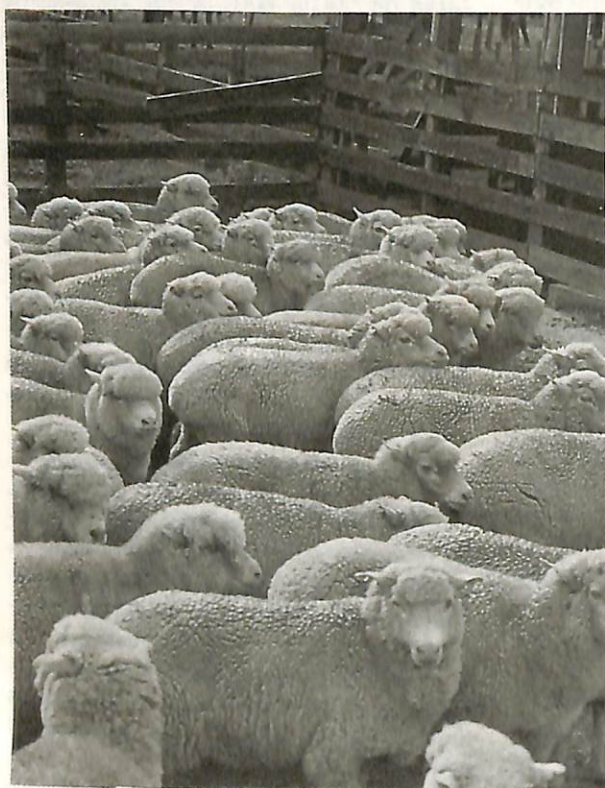
P — Quais as tendências mundiais de consumo daqui para frente?

R — Neste ano, o consumo deve começar a aumentar nos Estados Unidos, caso do *gourmet*. Ele é francamente crescente no Japão, Coréia e Tigres Asiáticos. Encontra-se estável na Europa. E, no Brasil, esteve num patamar de quase 4kg per capita, hoje permanece um pouco acima dos 2kg. A campanha da ABIC busca justamente voltar, e até ultrapassar, os níveis anteriores. ■

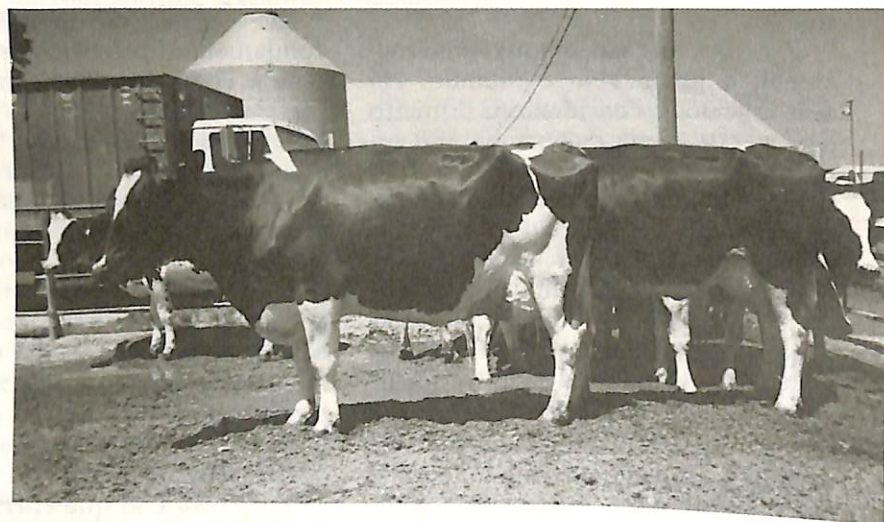
Manter o rebanho sadio é uma batalha constante do produtor rural. Neste sentido, o emprego de métodos preventivos, como a vacinação, é fundamental



Foto: A Granja



26 Sanidade: vacinar é preciso



12 Gado de leite: tecnologia garante alta produção nos EUA

SEÇÕES

■ Aconteceu.....	7
■ Caixa Postal 2890.....	8
■ Aqui Está a Solução.....	9
■ Eduardo Almeida Reis.....	10
■ Porteira Aberta.....	11
■ Flash.....	41
■ Agribusiness.....	42
■ Mundo da Criação.....	43
■ A Granja Leilões.....	44
■ Escolha seu Trator.....	46
■ Novidades no Mercado.....	48
■ Ponto de Vista.....	50



38 Mercado: o campo rende-se à cidade

20 Aranhas: muita fumaça, mas pouco fogo



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska

(secretária). Colaboradores: Eduardo Hoffmann, Luiz Fernando Lemmert e Maria Dilce da Silva.

COMPOSIÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Paulo Nobre e José Xavier Neto (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE

Contato: Anete Bichinho.

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz. Contato: Cláudio Francisco.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70394-900, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041) 222-1766, CEP 80060-100, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propa-

ganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 834, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José Maria Neves - Av. do Contorno, 8.000 conj. 1.107 - fone (031) 291-7008 - CEP 30110-120 - Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: CR\$ 850,00.

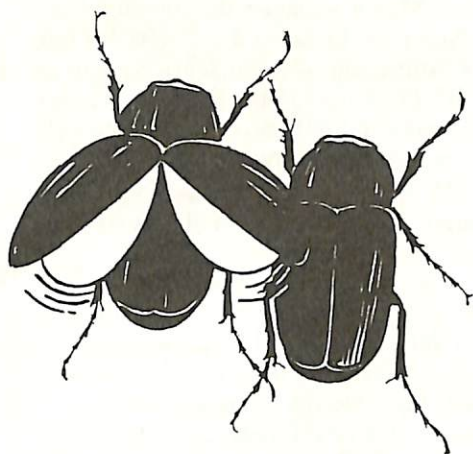
a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Luis Eduardo Bona (editor), Luiz Fernando Boaz (repórter), Betina Hoffmann (fotógrafa), Jara Salin Gonçalves (revisão), Anelise T. Ata

O besouro voa?



Segundo as leis da aerodinâmica, o besouro não pode voar. E não sabe disso e voa.

Segundo as leis da lógica, um país com 20% de miseráveis não pode prosperar. Um país onde a violência e a impunidade estão em todos os lugares não sobrevive. Um país em que a inflação bate todos os recordes não tem condição de existir. Um país onde o Congresso Nacional é palco permanente de cenas deprimentes não merece liberdade. Um país cuja maior empresa, a Petrobrás, consegue ter um oceânico prejuízo, apesar de possuir o monopólio da extração, importação e comercialização do petróleo, não tem viabilidade econômica.

No entanto, incrível, fantástico, extraordinário, o besouro do Brasil voa.

Uma loucura: o Brasil cresce

Com o setor público descontrolado, gastando o que não pode, com a radicalização dos que querem o imobilismo, isto é, não mexer na Constituição, embora a revisão seja imperativo do próprio

texto constitucional, o Brasil consegue se desenvolver, ainda que com crescimento muito inferior às suas potencialidades.

Segundo o IBGE, neste primeiro semestre o Brasil teve um crescimento de 5,49% em sua atividade econômica.

De acordo com os números levantados pelo FMI, o crescimento foi de 4,1%. Como sempre, os números não batem. Mas, independente de baterem ou não, revelam expansão do PIB. É bem verdade que os números são cotejados sobre o mesmo período do ano passado, que foi mortal.

De qualquer maneira, sinalizam algo positivo. E para quem nos últimos anos não tem tido nenhuma alegria, já é, pelo menos, um alívio.

Inimaginável: o agribusiness está revertendo sua posição de penúria

Os sinais são claros no setor. Alguns segmentos vão bastante bem, obrigado. Outros nem tanto, como é o caso do algodão, que até provocou uma intervenção de Olacyr de Moraes, o rei da soja, por ocasião da entrevista coletiva do ministro da Fazenda aos jornalistas.

Um país sem regras, onde não se sabe sequer organizar uma coletiva de imprensa, onde a permissividade e o excesso de tolerância institucionalizam a bagunça, consegue, assim mesmo, ter um setor produtivo que abastece a população e, ainda, com galhardia exporta os seus excedentes agrícolas.

Um país mágico?

Não. Apenas um país onde o setor privado dá impulso à atividade econômica. E, hoje, a maior alavancagem está no esforço do produtor rural. É lá no campo, onde os horizontes estão mais amplos, que o Brasil se encontra com sua verdadeira vocação e potencialidade. É no campo que vêm acontecendo as mais profundas inovações tecnológicas. As fronteiras agrícolas estão sendo ocupadas. Agora, a busca está, sobretudo, na relação custo/benefício. Na produção e na produtividade. Na competitividade. Na qualidade do produto.

Há, portanto, dois Brasis. O Brasil que produz e o Brasil improdutivo. Não há mágicas. Há apenas a injustiça. Porque o Brasil que produz e trabalha corre o risco. O que não produz não corre riscos, suga e atrapalha.

Migalhas

Pois, quando todos pensavam que o setor de máquinas e implementos agrícolas seria finalmente isento de impostos, o grande gigolô não deixou por menos: a tributação de 8,8% passou para 7%. Ou seja, o instrumento que acaba com a fome brasileira tem que pagar 7% de imposto!

Depois, é claro, vá hipocrisia assistencialista e emocional no *mass media* com a campanha contra a miséria.

Redenção

É preciso dizer, registrar e repetir: a salvação do Brasil está na redenção do campo através da economia da abundância.

É aqui onde o Brasil assume a figura do besouro. E voa. 🐞

Cartel do leite

“A situação atual dos consumidores e dos produtores de leite é a que o ex-presidente Collor (de triste memória) chamou de modernidade e liberalização da economia, ou seja, plena e total liberdade para os estruturados cartéis das indústrias de laticínios e ‘cooperativas’ (entre aspas) explorarem a população e os produtores de leite ao mesmo tempo.

A lei de livre concorrência foi subvertida e adulterada impunemente pelo cartel das indústrias de laticínios e falsas cooperativas de produtores de leite, desde a instituição do ‘mercado livre’ para o produto, durante o governo Collor.

Entres tantos erros, ainda tentam inverter a ordem matemática dos cálculos, para justificar o preço final do leite cobrado dos consumidores, procurando envolver e apresentar os desunidos e desorganizados produtores como vilões dessa refrega.

Mas a população brasileira já não desconhece que o produtor de leite recebe pelo produto que entrega, com 40 dias de prazo, menos de 50% do valor que o consumidor do leite C paga à vista.

O mais lógico e racional seria — e aqui vai uma sugestão — o preço final do leite pago pelo consumidor corresponder ao valor recebido pelo produtor, acrescido de 50%, para bancar os custos da industrialização e empacotamento. Esse percentual de 50% sobre o preço pago ao produtor daria às indústrias grande margem de lucro, baseando-se na seguinte Planilha de Custos, apresentada, como sugestão para estudo e análise, bem realista e flexível.

PLANILHA DOS CUSTOS DE EMPACOTAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE

Empacotamento	15,97%
Frete	2,16%
Distribuidor	9,06%
Varejista	9,4%
Cooperativa ou laticínio	5,0%
Quebra e devolução	2,07%
ICMS (adotada a cobrança em poucos Estados, como Minas Gerais)	6,34%
	50,00%

Objetivamente, como produtor de leite, sugiro ao presidente Itamar Franco ou a algum político esperto e bem-intencionado a elaboração de um projeto de lei para ser adotada uma política leiteira nacional, séria e realista, nos moldes e a exemplo do que existe em outros países mais evoluídos que o nosso. E, para facilitar as coisas, tomo a liberdade de apresentar dois itens que deveriam fazer parte do projeto: 1) o preço final do leite tipo C pago pela população não excederá a 50% do valor recebido pelo produtor, conforme planilha de custos de produção expedida todo o mês pela Embrapa, que fixará o teor mínimo de gordura do produto; 2) o valor do leite a ser pago aos produtores, em todas as regiões do País, será sempre igual (ou superior) ao preço e condições fixados na planilha de custos de produção da Embrapa.

Aprovada a política para o leite, sem tabelamentos, na minha visão de produtor as agruras do setor desapareceriam feito fumaça. Sem levar em consideração os 40 dias de prazo de pagamento aos produtores, nos últimos meses temos a seguinte situação:

Conforme o que está exposto no quadro abaixo, o produtor recebeu

Data da entrega do leite pelos produtores rurais	Data e valor do leite pago aos produtores em quase todas as regiões do País (40 dias)	Valor fixado na planilha Embrapa	Valor c/ 50% sobre preço pago aos produtores	Valor igual planilha com 50%	Preço pago pelos consumidores, leite C com 2% de gordura, à vista
De 1º a 31-5-93	Em 28-6-93: 11,08	11,721	16,62	17,58	37,00
De 1º a 30-6-93	Em 20-7-93: 14,75	16,197	22,13	24,30	43,00
De 1º a 31-7-93	Em 20-8-93: 16,83	21,88	25,25	32,82	54,00
De 1º a 31-8-93	Em 20-9-93: 21,00	29,52	31,50	44,28	60,00

CR\$ 21,00 em 20 de setembro deste ano pelo leite entregue no mês de agosto, quando o custo de produção, como explicita a Embrapa, foi de CR\$ 29,52, considerados os valores dos insumos e despesas do dia 5 de setembro. Mas a situação do consumidor é ainda pior. O cartel das indústrias tenta convencer a população de que os CR\$ 60,00 que cobra pelo litro de leite tipo C é justo, quando o preço economicamente viável é CR\$ 44,28 ou CR\$ 31,50, se for considerado o valor pago ao produtor, com 40 dias de prazo.

As cooperativas e os laticínios ainda tentam impedir a comercialização do leite cru em cidades e lugarejos, alegando defesa da saúde do consumidor. Esquecem a qualidade duvidosa e os coliformes fecais encontrados na análise do leite vendido nos grandes centros. O governo Itamar Franco deve encarar o problema do leite de frente, acabando com os cartéis, pois tem a faca e o queijo na mão, e pode passar para a história como o homem que abriu novos horizontes para o campo.”

Nelson Hosken Netto
Carangola/MG

Cultivo de orquídeas

“Recentemente tive o prazer de descobrir na revista A Granja uma excelente reportagem sobre orquídeas. Assim sendo, não poderia deixar passar a oportunidade de solicitar a vocês informações relativas a associações de orquidófilos, bem como dados concretos de alguém ou de alguma entidade para me orientar nesse sentido. Gostaria de inteirar-me com maior profundidade no assunto, desde como conseguir mudas até os devidos cuidados

indispensáveis para começar um orquidário. Na qualidade de colecionador convicto e apaixonado, tenho buscado orientações a respeito, no entanto, sem grande êxito.”

Richard Vial
Barbacena/MG

Nota da redação: Idêntico pedido nos foi feito por outro leitor, cuja resposta está na edição de setembro.



Ecografia animal

“Na condição de coordenador da Exposul e agrônomo da Emater do Paraná, solicito informações sobre o aparelho Pie Medical Scanner 450, utilizado para determinar a espessura da camada de gordura e músculo em bovinos. Em setembro do ano passado, A Granja veiculou informações sobre o assunto, que para nós é de extrema importância e urgência.”

Luiz Danilo Muehlmann
Curitiba/PR

R — O veterinário Luís Fernando Castilho, do curso de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), informa que o equipamento vem sendo utilizado nos últimos quatro anos no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, durante a Expointer. Na mostra, o aparelho tem servido como uma ferramenta vital quando há impasses em julgamentos, oportunidades em que o juiz recorre a essa tecnologia para ter maior rigor na obtenção de um dado, na busca de acertar num mo-

mento de dúvida entre dois animais de mesmo tipo.

Ele emite ondas de som (ultra-som) que penetram no corpo do animal, refletem nos órgãos e retornam. Assim, fica caracterizada uma imagem na tela, onde é possível verificar o estado de determinado órgão, identificar as doenças do trato genital, gestação, transferência embrionária, espessura de gordura e camada muscular. E, nos eqüinos, o aparelho tem uma finalidade clínica, sendo empregado nos exames de tendões. Serve, ainda, para avaliação das cavidades abdominal e torácica. Além de Castilho, o professor Rodrigo Mattos, diretor da Faculdade de Veterinária da UFRGS, também pode ser contatado através do fone (051) 336-9822, ramal 6109.

Galinha d'angola

“Sou acadêmica do curso de Geografia na Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão, no Paraná, e estou desenvolvendo um trabalho científico sobre criação de galinha d'angola (capote) e o respectivo emprego no auxílio ao controle biológico. Gostaria, na medida do possível, que me fornecessem material e informações sobre as mesmas, bem como o endereço de um aviário.”

Estela Schmitt
Francisco Beltrão/PR

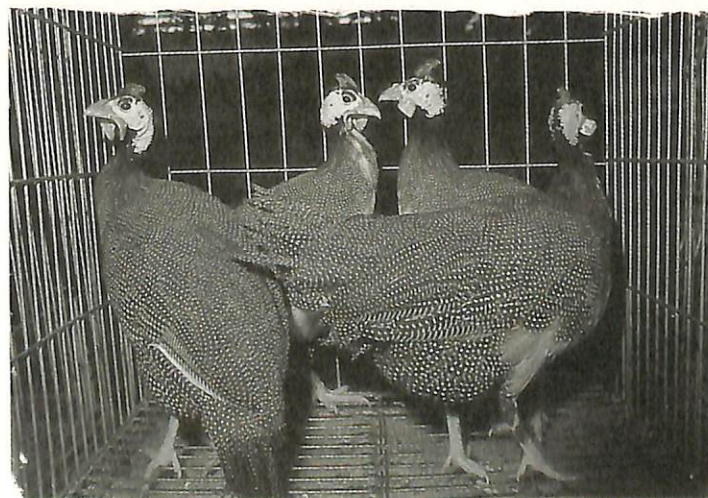
R — A Emape (Estabelecimentos Avícolas Maranguape) possui uma

granja no Ceará que desenvolve a criação intensiva da galinha d'angola, ave de origem africana conhecida como “capote” pelos cearenses, “tô fraco” na Bahia e “angolista” na Região Sul. Através dessa empresa, será possível colher informações aprofundadas sobre o assunto. Em relação ao controle biológico, não há estudos específicos, mas é de conhecimento público que uma galinha d'angola chega a comer 180 carapatos por dia e, ainda, limpa as pastagens, degustando cigarrinhas, vespas, formigas, entre outros insetos. A Emape fica localizada na Avenida General Osório de Paiva, 6741, Bairro Siqueira, CEP 60720-001, telefone (085) 294.2400, Fortaleza/CE.

Livro sobre campo nativo

“Durante a última Expointer, encerrada em setembro, houve o lançamento da obra ‘Campo nativo, melhoramento e manejo’, publicada pela Livraria e Editora Agropecuária. Porém, ao entrar em contato com a mesma, fui informado que se tratava de uma publicação encomendada pela Federação dos Clubes de Integração e Trocas de Experiência (Federacite). Como necessito muito do livro, preciso saber o endereço e telefone dessa entidade para que possa entrar em contato.”

Nilo Vargas
Encruzilhada do Sul/RS



R — Esse livro está à disposição dos interessados na própria sede da Federacite, situada no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS. Para contatos, o telefone é (051) 473-4981.

Duras tirinhas de bambu e uma invenção do diabo

Forro esteirado é invenção do demônio, para complicar nossa vida na roça. Bonito e durável, finge que forra o telhado, mas não impede as goteiras, não impede o pó, não impede sequer que a urina de um gambá encharque nossa literatura. Ainda bem que não trago o *laptop*, temente que sou das oscilações da corrente elétrica por aqui. Se o gambá mijasse no teclado do meu Toshiba, juro que o matava.

Não se pense que o diabo não exista. Existe sim, como aprendi com um bispo gaúcho, em artigo publicado no "JB". O digno prelado provou, citando números e trechos do Catecismo, a existência do demônio. Se o diabo existe, deve ter sido o inventor do forro esteirado. Tenho um vizinho que é ótimo esteireiro. E também tenho alguns hectares de taquarapoca e de taquaraquicé, que se prestam para uma esteira supimpa.

Para falar a verdade, acho que poca e quicé são a mesma gramínea, mas os compadres me garantem que não. E os compadres têm métodos próprios de classificação botânica, que não podem ser discutidos, porque são particulares. Há que respeitá-los, mesmo porque não raras vezes eles estão certos.

Contratar os serviços de esteireiro é simples e barato: basta fornecer-lhe as medidas e emprestar-lhe uma junta-de-bois, nas minguentes dos meses sem erre: maio, junho, julho, agosto. Em poucos dias, temos a esteira pronta. É um problema no forro da casa, para o resto da vida.

O fornecimento das medidas dispensa o sistema métrico decimal, as trenas convencionais ou as modernas trenas óticas, que nos dão as dimensões de um cômodo com precisão quase milimétrica. Esteireiro que se

preza só trabalha com medidas feitas em tirinhas de bambu. A tirinha maior representa o comprimento e a menor a largura do cômodo. Salas quadradas, rigorosamente quadradas, perfeitamente quadradas, não dispensam as duas tirinhas. Levar uma única tirinha e informar que a outra é do mesmo tamanho, representa "abstração intelectual" incompatível com o serviço.

Pronta a esteira, começam as despesas e as complicações. Em primeiro lugar, é preciso alugar um caminhão enorme, porque uma esteira forma um rolo gigantesco. Leve, mas enorme. Vizinho do artesão, posso trazer a esteira no carro-de-bois. Mas as pessoas que moram longe são obrigadas a alugar caminhão.

Depois, é preciso passar um remedinho no forro. Sabemos que a taquarapoca cortada na minguenta de mês sem erre não dá bicho, mas o cupim certamente não foi avisado desta "verdade" e continua fazendo seu servicinho. Portanto, é bom mergulhar a esteira num cupinicida de con-

fiança. Parece que os antigos usavam uma espécie de salmoura, para imunizar o teto esteirado. É exatamente o que faz o esteireiro, antes de entregar a encomenda. Como sou meio novidadeiro, gosto de reforçar a salmoura com algum cupinicida presumivelmente mais eficiente que o cloreto de sódio. Certa ocasião, recorri ao pentaclorofenato de sódio, vulgo pó-da-china. Serviço feito com as cautelas que o manuseio daquele produto requer.

Creio que já lhes contei este caso, mas não custa repetir. Instalado o forro do escritório, fiquei impedido de "adentrar" o recinto por mais de dois meses, porque o cheiro era rigorosamente insuportável. Um dia, depois de tomar três garrafas de vinho no almoço, fui fazer o quilo na poltrona do escritório e devo ter dormido de boca aberta, respirando aqueles ares. Acordei passando mal, meio tonto, e não era por causa do vinho. Acabei desmaiando no chão da garagem anexa, prova provada de que o pó-da-china não é de brincadeira.

Os cupins é que não deram a menor bola para o veneno e continuaram roendo aquela parte mole da esteira, até restar a casca. Que dizem durar 40 anos, ou mais. Negócio meio difícil de confirmar, porque trabalho com um expectativa de vida bem mais curta.

Tive um amigo bicheiro que se gabava: "Fui criado com babá, em casa de laje". Não sei se a babá, que os paulistas chamam pajem, é mesmo necessária para criar filhos. Mas a casa de laje, sempre que possível, deve ser preferida. Em último caso, nos livra das goteiras e dos barulhos noturnos. E impede que nossos escritos, bonitinhos, datilografados em espaço dois, sofram a suprema ofensa do miço de um gambá. ■



O elegante e nobre couro

Atriz-criadora Lúcia Veríssimo é a mais nova garota-propaganda da Ray-Ban. Ela foi escolhida para lançar a última coleção de óculos de sol no melhor estilo *country*, aliás, um segmento que conhece com propriedade. A linha, denominada "Ray-Ban Rodeo", é caracterizada por um óculos cuja armação é revestida em couro trançado, na cor marrom.

A empresa investiu US\$ 250 mil apenas no lançamento, ocorrido recentemente em Barretos, São Paulo. Em mais de 5.000 pontos espalhados pelo País, essa é a nova versão para o tradicional óculos.

A "LV", loja de roupas *country* da atriz, será um dos locais onde se poderá adquirir a nova onda rural, que promete se tornar o xodó do próximo verão.

Se depender do encanto que Lúcia exerce no meio rural brasileiro, tanto como produtora quanto pelos papéis nas novelas que a identificam com o campo, essa moda deve pegar. E, por outro lado, foi encontrado mais um jeito de valorizar o nobre, elegante e saudável couro animal.

O bom fim da picada

Há cerca de 40 anos, um cientista francês chamado Deslille pro-

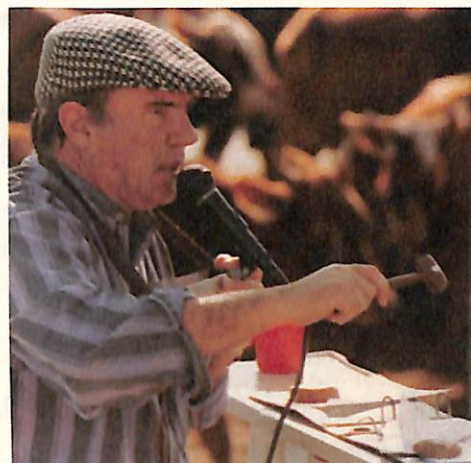
curava um jeito de liquidar os coelhos que arrasavam suas hortalças. Entendido do assunto, introduziu a doença chamada mixomatose, que, além de exterminar os invasores de seu quintal, por pouco não dizimou toda a espécie na Europa. Com o passar dos anos, a enfermidade foi atenuando, porém ainda é responsável por um índice de mortalidade que varia entre 40% e 70%.

Os caçadores, cansados de esperar pelo retorno de suas presas, passaram a financiar um laboratório de pesquisas (Biospace), cujos estudos baseiam-se na vacinação de pulgas. Isto mesmo, das pulgas de coelho (*Spiropsyllus cuniculli*), que são inoculadas contra a mixomatose de forma atenuada e depois liberadas para que saiam a picar os animais, injetando o medicamento.

A nossa sorte é que essas pulguinhas não são chegadas em sangue humano!

Fonte da juventude

Joaquim Bernardes de Carvalho Dias, tradicional cafeicultor paulista, demonstra energia para desafiar o tempo. Ele é proprietário da Fazenda Santa Alina, localizada em Poços de Caldas/MG, e, embora com 85 anos de idade, bem vividos, como diz, obtém dos centenários cafezais índices de produtividade que causam inveja a muito jovem empresário do ramo. Além disso, seu "Kim", como é chamado entre os amigos, possui um singular espírito inovador. E, para não perder o trem da história, cedeu a fazenda, a fim de serem testadas novas tecnologias que aumentem a qualidade do produto. Com esse exemplo, fica comprovado que modernidade não tem idade. Não é mesmo, seu Kim?



Martelada em pista alheia

O leiloeiro e forte fazendeiro Pedro Paulo Gonçalves, com 54 anos de idade e 31 de martelo, proprietário do escritório Guará Remates, em Rosário do Sul, a quase 400km de Esteio, município que abriga a Expinter, mal esperou acabar a feira internacional, para promover o primeiro leilão de gado geral na novíssima, porém inacabada, pista para rústicos do Parque Assis Brasil.

Com um volume de 100 mil cabeças/ano comercializadas, Gonçalves não perdeu tempo: lotou os caminhões com uma oferta de 153 animais e rodou toda a distância entre os municípios, em busca desse novo filé mercadológico, nas barbas de colegas da Grande Porto Alegre, que literalmente ficaram de boca aberta com tamanha audácia.

O evento foi regado a muito marketing e mexeu com o brio dos companheiros, ampliando a oferta para os seus tradicionais clientes da região. Gonçalves arrecadou CR\$ 2,54 milhões e já avisou que em novembro vai repetir a dose, para preocupação dos escritórios das redondezas, que até cogitaram, pelo menos reservadamente, na intervenção da entidade de classe para, talvez, "cercar as áreas de atuação" de cada um.

Mas, afinal de contas, estamos ou não num país de livre mercado?

Pecuária leiteira norte-americana lucra

Texto e fotos: Ana Maria Smidt

Alta produção, sanidade, funcionalidade e lucro são as metas de qualquer programa que envolva a pecuária leiteira americana, constituindo-se um marco importante, na agropecuária dos Estados Unidos, o progresso registrado na produtividade do rebanho nacional. O rendimento por vaca cresceu mais de 1.800kg nos últimos 20 anos, graças, em grande parte, ao avanço genético, responsável por cerca de 25% desse aumento

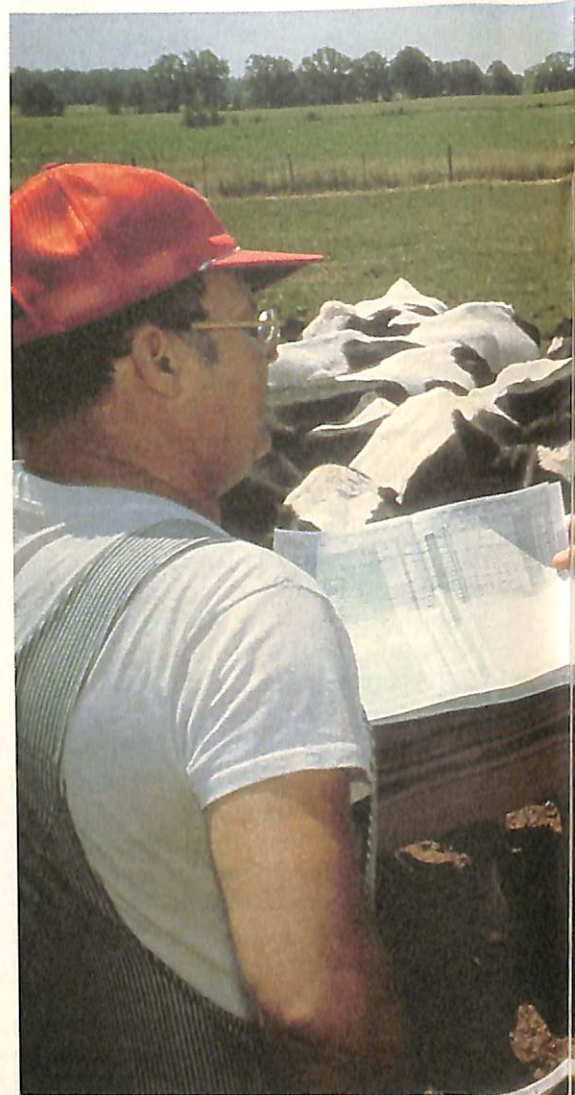
O rebanho leiteiro americano, composto de 9,8 milhões de vacas, espalha-se por 180 mil fazendas, predominando entre as raças criadas, a holandês, (79%), jersey (11%), ayshire, pardo suíço, guersey, shorthorn leiteiro e o vermelho e branco. Desse volume, 15% dos animais é registrado em associações de criadores, sendo praticada a inseminação artificial em 65% do rebanho, com a média de 90 vacas.

Mais de 100 mil produtores são responsáveis por criar, ordenhar, inseminar e cuidar de um total aproximado de 9 milhões de exemplares da raça holandês, a qual atribui-se aproximadamente 90% do leite e dos produtos lácteos consumidos no país. A criação ocorre em todos os estados americanos, concentrando-se nas regiões Nordeste, dos Grandes Lagos e

Costa Oeste. Criatórios de alta automatização prevalecem no Oeste e no Sul do país, onde são comuns rebanhos de centenas e até de milhares de vacas. Já galpões protegidos do clima predominam no Centro-Oeste e Leste, área em que encontram-se rebanhos de 30 a 60 vacas cuidados pelas famílias, sendo que, em todo os Estados Unidos, mais de 80% do trabalho das fazendas é feito por mão-de-obra familiar.

Anualmente, mais de 1.400 touros holstein têm sua progênie avaliada

Holandês — Nos últimos 40 anos, houve um extraordinário progresso na busca de um holandês de mais produtividade e funcionalidade, e o resultado é que o volume de leite que pro-

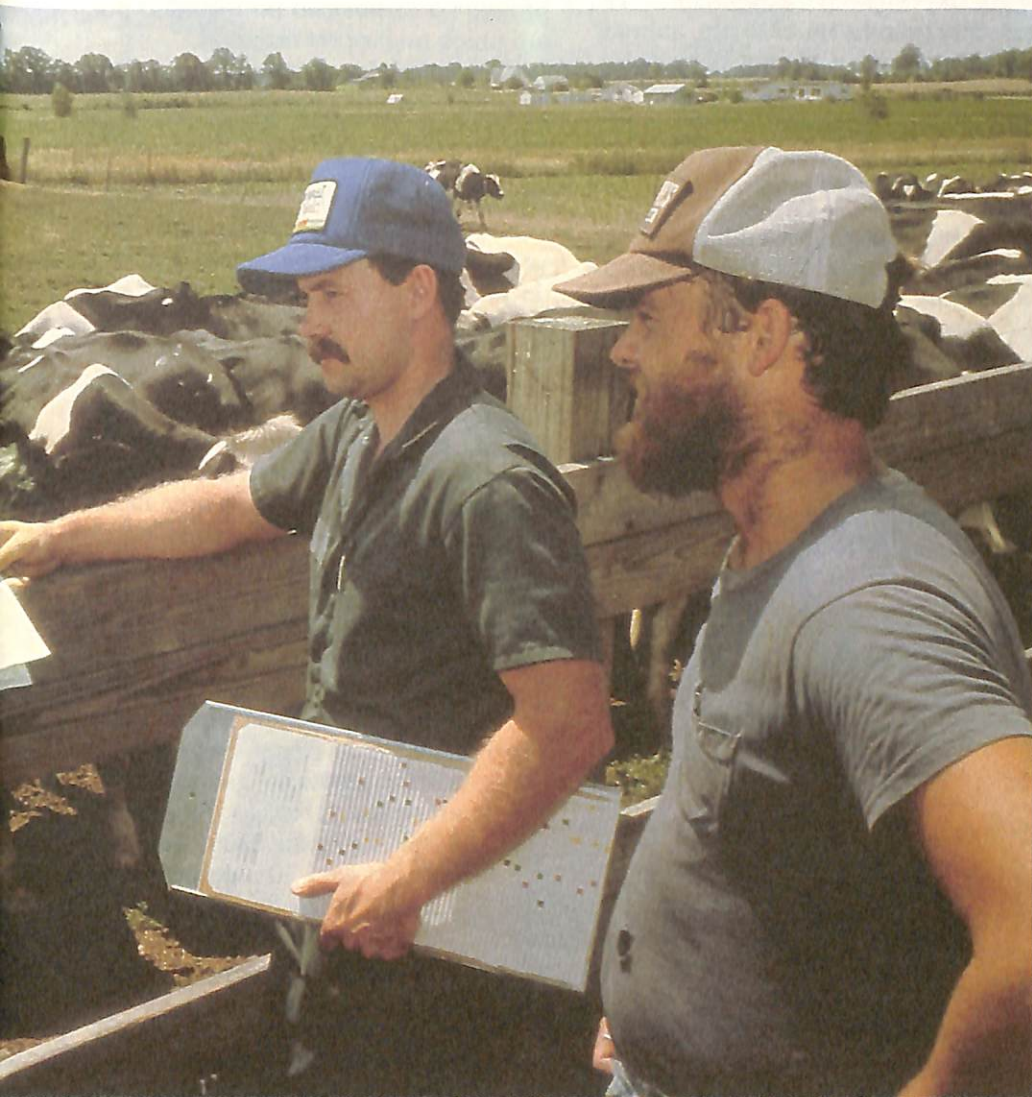


duz, hoje, é o dobro do fornecido por seu ancestral, em 1940.

Três quartos dessa melhora devem-se ao manejo do rebanho: qualidade da alimentação e cuidado sanitário, aumento do número de animais e mecanização da fazenda. O restante um quarto provém de ganho genético.

As vacas americanas são criadas para gerar lucros e, atualmente, mais de 6.900 apresentam lactação vitalícia acima de 80.800kg de leite, lista que está crescendo, segundo a Holstein Association, associação americana de gado holandês, maior organização de registro de animais no mundo, sedia-

com melhoramento genético do rebanho



da em Brattleboro, Vermont, com 55 mil associados. Dentro desse quadro, a inseminação artificial e sua indústria têm tido um impacto tremendo, 85% dos nascimentos registrados na Holstein Association resultando desta técnica. Nos últimos anos, também a transferência de embriões teve forte atuação na genética da raça.

Criadores dos mais diversos nacionalidades vêm buscando a genética americana, para seus programas de criação, havendo mais de cem países importadores de sêmen. Uma revisão dos sumários de touros no mundo revela que a maioria dos animais ativos

em inseminação artificial são filhos de touros norte-americanos.

Nos Estados Unidos, quantia superior a 1.400 touros holandês jovens tem sua progênie avaliada anualmente. Esse número é quase o dobro do total de touros testados na França, mais que quatro vezes o do Canadá e 11 vezes o do Reino Unido. Apenas um em dez animais americanos testados irá efetivamente para a comercialização de sêmen por uma central. Essa pressão de seleção é destinada a fazer emergir apenas o que há de melhor.

*Um quarto do sêmen
produzido nos Estados
Unidos é exportado para
72 países*

Inseminação em alta — A indústria de inseminação artificial americana experimentou rápido crescimento entre os anos de 1950 e 1960 e se estabilizou durante a década de 70. Pequeno, mas estável, desenvolvimento foi registrado durante 1980. Segundo Gordon Doak, presidente da National Association of Animal Breeders (NAAB), os 28 membros comercializaram, em 1992, 19 milhões de unidades de sêmen, sendo 75% para o mercado interno e 25% para 72 países.

O volume exportado pelos Estados Unidos em 1992 foi de 5.131.450 unidades, 10,1% superior a 1991. No ranking dos países importadores, o Brasil aparece em segundo lugar, posição que se mantém desde 1991, com 350.520 unidades. Em primeiro lugar está o México, com 742.372 unidades, e em terceiro, a Argentina, com 328.040 unidades de sêmen para gado leiteiro. Já em termos de valores, o Brasil se situa em nono lugar, com um total importado de US\$ 1.393.559.

Entre as empresas ligadas à indústria da inseminação artificial, cabe a Select Sire, localizada em Plain City, Ohio, 47,1% de participação no volume enviado ao Brasil. Jerry Emerich, especialista em Informação Internacional da Select Sire, afirma que a empresa exportou, em 1992, 213.400 doses para o Brasil, o que representou mais 62.690 unidades em relação a 1991.

A Select Sire é a maior cooperativa de inseminação artificial dos EUA e pelo segundo ano consecutivo lidera o mercado de vendas no país. Ao lado dela, outras empresas trabalham com sêmen de gado leiteiro, muitas delas presentes no Brasil através de revendedores: Landmark, Network Gene-

O programa de cruzamentos da Fazenda Lylehaven objetiva alta produção de leite e proteína

tics, 21st Century Genetics, American Breeders Service, Tri-State Breeders, Noba, Federated Genetics e Sire Power.

Genética superior — A Lylehaven foi fundada há 12 anos por um empresário de Boston, Jerome Rappaport, e localiza-se nas montanhas verdes do estado de Vermont, em East Montpelier. Nessa fazenda, há 650 cabeças de holandês, 250 delas produzindo leite e uma grande quantidade de terneiros e terneiras, a maioria resultado do emprego da transferência de embriões.

O plantel foi formado com o objetivo de ser um rebanho superior em termos de genética, todo ele constituído de holandês registrado na Holstein Association. A fazenda iniciou com a compra de gado procedente de elites e, ao longo dos anos, mais aquisições selecionadas foram feitas, aliadas a um programa intensivo de transferência de embriões. O gado evoluiu e tornou-se um dos rebanhos *tops* do mundo, segundo Robert Fitzsimmons, diretor-geral da Lylehaven e diretor de classificação da Holstein Association. Bob, como é conhecido, foi jurado da raça holandês na Expoiner de 1992.

A média anual do rebanho está em 8.391,600kg de leite, com 3,9% de gordura (327,045kg) e 3,4% de proteína (285,314kg). Entre 25% e 30% do faturamento provém da comercialização do leite, e o resto, da venda de genética (sêmen e embriões). Bob defende e acredita fortemente na importância de registrar seus animais, o que fez o rebanho leiteiro da Lylehaven tornar-se um dos melhores do mundo.

Apesar da participação em várias exposições, o produtor acha que, nos dias de hoje, talvez isso não seja tão importante geneticamente. “Porém tem grande relevância para a promoção da fazenda”, ressalta. Os animais da

Lylehaven apresentam no seu currículo o primeiro prêmio para expositor na Royal World Fair, em Toronto, Canadá, e, durante dez anos, foi conquistado o prêmio de primeiro expositor na Exposição de Wisconsin. “Temos um grande número de animais criados por nós e alguns comprados. No passado, os objetivos estavam mais relacionados com o título de primeiro expositor, mas, para o futuro, a meta é ser primeiro criador.”

O total de hectares atinge 344, os cultivados chegando a 196. A pastagem ocupa 81 hectares, enquanto 67 cultivam-se com alfafa e 55 com milho para silagem. A soma dos acres com pasto verde para feno (seco) ou fenação, alfafa para fenação e milho para silagem inclui as terras arrendadas. O programa de alimentação para vacas em lactação é o Total Mixed Ration (TMR), que inclui silagem

de feno e milho, sementes de algodão, farelo de soja, feno de pastagem e de alfafa. E ainda se fornece um suplemento de proteína de 18%.

“Temos que comprar a maior parte da proteína e concentrado”, afirma Bob. “A Lylehaven conta com uma pequena produção de sementes e é ministrado qualquer suplemento de proteína à disposição no mercado por um preço melhor ou razoável.”

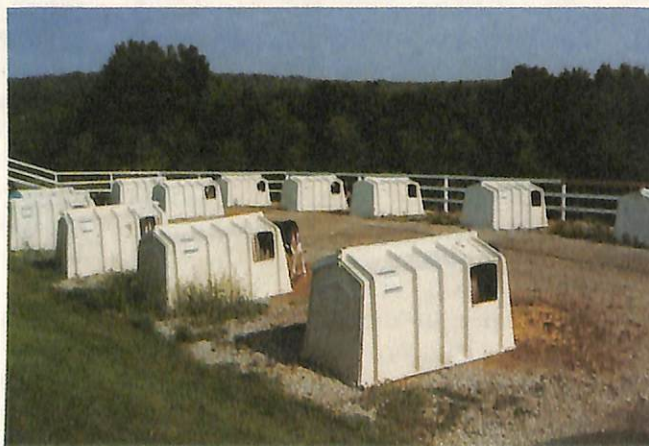
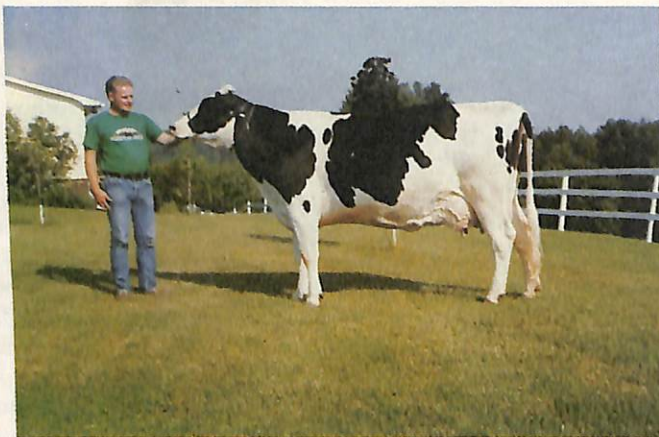
As vacas são alimentadas com ração balanceada para dois níveis: 20,410kg e 38,555kg de leite. “Adicionamos um suplemento de 85% de proteína à ração, independente do nível de produção. E, então, damos cerca de 4,500kg de feno, sendo 2,250kg de pasto nativo e 2,250kg de alfafa, por dia”, diz Bob.

A alimentação varia de vaca para vaca. A fazenda tem um nutricionista, mas uma boa parte vai por conta própria. O produtor explica que a maior preocupação é encontrar bons preços de proteína, desenvolvendo uma ração de baixos custos. Nesta fazenda, parti-

cularmente, tenta-se conseguir o máximo possível de produção por vaca, não havendo tanto interesse nos custos de ração quanto um leiteiro comercial teria, o que acontece na outra fazenda do grupo, onde os gastos de produção ganham mais atenção. “Nosso recorde é 22.680kg”, diz Bob, que calcula em US\$ 20 a despesa com a alimentação de cada animal. “Gasta-se um pouquinho mais para elevar a produção”, avalia ele.

No programa de cruzamentos, buscam-se alta produção e proteína. São vendidos muitos embriões para a Europa, sendo a maioria desses mercados direcionada pelo percentual. “Portanto, nós procuramos observar o que os compradores desejam e não o que queremos produzir”, conclui Bob. Na relação de clientes, estão Alemanha, Holanda, Irlanda, França, Japão, e, no passado, Itália. Para o Brasil já venderam, além de embriões, gado vivo.

A Lylehaven não é como a média das fazendas americanas, no que diz respeito à sua filosofia de cruzamentos, ►



Lylehaven: Robert Fitzsimmons mostra uma vaca “top” da fazenda. A propriedade usa instalações individuais de fibra para criação da terneirada

A gente
se desdobra
em quatro
pela saúde
do seu gado.

IVOME[®] Injetável (ivermectin) para bovinos.



A té quem não cria gado conhece IVOME[®] Injetável. É sinônimo de confiança e qualidade superior. E não é por acaso que IVOME[®] Injetável é líder no controle parasitário entre os pecuaristas não só no Brasil, mas no mundo todo.

IVOME[®] F[®] (ivermectin + clorsulon) Injetável para bovinos.



É o super IVOME[®]. Numa única injeção, faz tudo o que IVOME[®] Injetável faz, além de controlar a impiedosa Fasciola hepática do gado. IVOME[®] F[®] é o parasiticida mais completo do mundo.*

i VOME[®] dispensa apresentação.

Principalmente para quem entende de gado. O que talvez algumas pessoas não saibam é que IVOME[®] é apresentado em várias versões. E todas com elevado padrão de eficiência. De acordo com a sua preferência e os parasitas que mais atacam o seu rebanho, existe sempre um IVOME[®] à sua disposição. Na hora de comprar, consulte um especialista. Mas faça uma exigência: tem que ser IVOME[®]. Tem que ser o melhor.



IVOME[®] Oral (ivermectin) para bovinos.



O único produto oral que controla simultaneamente parasitas internos e externos. IVOME[®] Oral tem o elevado padrão de qualidade do IVOME[®], porém numa formulação mais econômica.

IVOME[®] Pour-on (ivermectin) para bovinos.



*S*implesmente a mais avançada tecnologia de aplicação - com exclusivo dosador e pistola aplicadora. O único pour-on que controla eficazmente parasitas internos e externos, inclusive a mosca-dos-chifres, com mínimo stress para o gado.

*Controla vermes redondos, gastrintestinais, vermes pulmonares, Fasciola hepática, berne, piolho, sarna, ajuda no controle do carrapato e previne a bicheira.

Para você exercer sua liberdade de escolha com segurança, obtenha mais informações com um veterinário ou na MSD AGVET pelo telefone (011)816-5266, ramal 287.

ivomec
O melhor cada vez melhor.

IVOME[®], IVOME[®] F[®], IVOME[®] Oral e IVOME[®] Pour-on são marca registrada de Merck & Co., Inc., Whitehouse Station, N.J., USA.

© Copyright, 1993. Todos os direitos reservados.

porque são inseminadas vacas grandes, justamente as que alcançam mais recordes de produção. Na opinião de Bob, as pessoas parecem não estar se importando com o tamanho ultimamente, mas os vacas que alcançaram os maiores recordes eram muito grandes, não só em altura mas também em largura e profundidade. Duas delas estão em trabalho de transferência de embriões e reprodução *in vitro*.

Como classificador e jurado internacional, ele considera o úbere a característica principal numa vaca holandês, somado aos ílios e às pernas, observando igualmente o tamanho dos animais.

A seleção genética tem sido mais dura nos últimos tempos na Lylehaven. No passado, usaram muito *Elevation*, que foi muito bem com tipos de *Foundation*. Logo depois tiveram bons resultados com *Chief*, *Mark*, *Blackstar*, *Astrojet*, *Starbuck*. “No momento, temos algum problema em definir que caminho tomar, qual sêmen usar”, declara Bob. Aguardam-se as provas do próximo mês, quando novos touros aparecerão, no momento sendo provados também seus próprios touros *Lylehaven*.

“As vacas da fazenda são analisadas pela Associação de Análise Animal, mas nós selecionamos os touros. Procuramos ter o máximo de informações possíveis sobre produção de leite, tipo e classificação dos novos touros”, conclui Bob, que viaja muito, procurando ver as filhas desses animais e ter uma idéia de como se comportariam no seu rebanho.

A Top Acres realiza transferência de embriões há 14 anos

De leite a embriões — A Top Acres, fazenda voltada para a produção de leite e animais de cabanha da



Top Acres: o casal Sliker possui 80 vacas da raça pardo suíço em regime de ordenha



raça pardo suíço, está localizada no Centro-Oeste de Ohio, em Saint Paris. Na sua receita econômica também consta a venda de sêmen e embriões, através da Noba, inclusive para o Brasil. Todo o rebanho é registrado, sendo a propriedade famosa pelas premiações conquistadas nas pistas de exposições. Wayne Sliker, que, junto com a esposa Connie, administra a fazenda, recebe muitos convites para julgar exposições em todo o mundo. Nessas oportunidades, cabe a Connie a responsabilidade do dia-a-dia da propriedade, que tem 110 hectares, sendo cerca de 81 usados para plantar alimentos para o gado. O plantel mantém uma média de 200 a 250 cabeças por ano. O rebanho leiteiro é composto por 80 animais, com a média de produção de 7.734,330kg, com 4,4% de gordura (341,107kg) e 3,7% de proteína (284,860kg), o que inclui seis vacas com lactação individual acima de 13.608kg. A atual pontuação da classificação inclui 47 vacas excelentes, 29 muito boas, e três boas, para mais.

Os animais são ordenhados num galpão com abertura lateral pelo empregado responsável pelo rebanho, com ordenha mecânica. O leite é vendido através da MMI, uma cooperativa que paga prêmios por proteína, baixo SCC e qualidade.

As vacas leiteiras em produção são divididas em

dois grupos e alimentadas à base de TMR, de acordo com a produção e a condição corporal. Atualmente, o grupo mais produtivo é alimentado com uma ração balanceada com 36,280kg de 4,2% de gordura e 3,8% de proteína/leite. A base da alimentação inclui silagem de milho, feno, feno de alfafa, milho triturado, grãos destilados e farelo de soja. O milho e alfafa são plantados na fazenda.

A maioria dos touros usados na reprodução e transferência de embriões é do tipo alto e também com elevados índices de produção. Na Top Acres, onde genética e produção estão interligadas, dá-se atenção especial à alta proteína e a famílias de vacas confiáveis.

Há 14 anos realiza-se a transferência de embriões. A média é de 50 terninhos nascidos por ano, com 10 a 20 sendo vendidos ainda em forma de embriões. “O índice de prenhez do nosso programa anda ao redor de 75%, incluindo embriões frescos e congelados”, afirma Wayne. A venda de gado e embriões é considerada a maior importância, mas Wayne ainda espera ter lucro semelhante com o leite.

A Top Acres participa de exposições há 30 anos, detendo o prêmio mais importante para a raça pardo suíço, pois é a líder de *All-Americans Winners*. Nos últimos 14 anos, o usual tem sido vender pelo menos dois grande campeões por ano. ►

ELA É UMA DAS MELHORES DO MUNDO E SÓ USA AS NOVAS MUNIÇÕES .22 CBC. E VOCÊ?

Viviane Corbett, no último MUNDIAL DE SILHUETAS METÁLICAS realizado em Oak Ridge - EUA conseguiu a 9ª colocação. Uma marca impressionante para uma "menina" de 14 anos. E você, a partir de agora, poderá



.22 Curto
Projétil ogival, ideal para curtas distâncias

.22 Expresso
Carregado com chumbo de caça nº 12



.22 LR Hyper Velocity
Projétil de ponta oca de altíssima velocidade e alto impacto.

.22 LR Practice
Projétil ogival de altíssima precisão, especialmente desenvolvido para treinamento e competição.

.22 LR Standard
Projétil ogival de velocidade standard e ampla utilização.

Escreva para a CBC e receba um catálogo completo de produtos e, ainda, ganhe uma lembrança especial.

usar a mesma munição que a Viviane usa: as novas munições .22 CBC. Pode ser que você não se torne um dos melhores do mundo, mas a sua munição certamente será.



Companhia Brasileira de Cartuchos

Av. Humberto de Campos, 3220
Ribeirão Pires - SP - CEP 09400-000
Tel. PABX: (011) 742 7500
Fax: (011) 459 1933

A produção média do rebanho da Fazenda Alta Dena é de 8.172kg de leite/dia com 340kg de gordura

Oito mil vacas — Há 47 anos, os irmãos Stueve iniciaram a criação de holandeses na Fazenda Alta Dena, no famoso Chino Valley, na Califórnia. Atualmente, eles têm 8.000 vacas na ordenha e trabalham com seis rebanhos, com piquetes de 1.600 vacas cada um. O total de animais, incluindo as terneiras e terneiros, é de 18 mil cabeças, distribuídas nos 243 hectares.

A média do rebanho é de 8.172kg de leite/dia com 340kg de gordura. As vacas são ordenhadas duas vezes por dia. Antes da ordenha mecânica, seus úberes são lavados e enxugados com toalhas de pano. "Nós lavamos cerca de 20 mil toalhas diariamente, contando, para isso, com lavanderia própria", afirma Jerry Stueve. Há ainda galpões para guardar os componentes das rações (commodities), feno e também para ordenha e piquetes. As instalações de ordenha são espinha de peixe. "Temos a 10 dupla e a 12 dupla, e ordenham-se 100 vacas por hora", relata Jerry.

Os animais ficam em currais no estilo californiano, com cercas. A ali-

mentação é feita na rua, sendo adotado o sistema TMR — Total Mixed Ration, que envolve ração e alfafa. A rotina alimentar consiste, pela primeira hora da manhã, de alfafa cortada, 10kg, para vacas em lactação; mistura de grãos, 16kg ao dia, e alfafa seca. Todo o alimento é comprado de terceiros.

Cada rebanho (piquete) é alimentado de forma igual. As vacas ficam juntas até que façam rotação de piquete em piquete. "A alimentação é manejo são iguais para todas, só sendo separadas por um questão prática", explica Jerry. Dependendo da estação, contam com silagem de limão ou laranja. Segundo o produtor, a de limão tem a preferência dos animais. Os resíduos das frutas são comprados de fábricas de suco por US\$ 15 a tonelada.

Diariamente, Jerry insemina 60 vacas e faz cerca de 200 toques. Na fazenda há 90 empregados, com dois ordenhadores por galpão, que, a cada

turno ordenham 300 vacas em cinco horas. Depois vão para a casa e voltam mais tarde para ordenhar as mesmas 300 vacas. Trabalham cinco dias por semana, com média de 20 horas de ordenha por galpão, com uma média de produção de 15 mil galões por estabelecimento a cada dia.

Um terço da produção é engarrafo como leite cru. A Alta Dena não industrializa, sendo os 2/3 restantes vendidos para pasteurização e engarrafamento. A fazenda é conhecida pelo leite cru certificado. "Somos os únicos nos Estados Unidos a produzir leite cru certificado", orgulha-se Jerry. "Havia outros três, em Nova Iorque e Geórgia, mas eles fecharam", e lembra que, quando as fazendas ficaram grandes, historicamente falando, iniciou o processo de pasteurização. Mas os irmãos Stueve pensam que, se as vacas produzem um leite de alta qualidade, este é melhor do que o pasteurizado. Além do produto cru, vendido ao consumidor, fazem manteiga e kshmier. Também produzem leite magro através do resfriamento do leite cru, que concentra os 3,5% de gordura numa camada superior. "Na manteiga", afirma Jerry, "a gente vê a diferença entre o pasteurizado e o cru, pois é branca, natural. ■"



Califórnia X Wisconsin

"Há várias pessoas nos Estados Unidos que pensam que nós, na Califórnia, não temos vaca alguma." Essa declaração de Dennis J. Halladay, editor da revista *The Dairyman*, dedicada aos produtores de leite do Oeste americano, dá o tom da disputa existente entre as duas regiões grandes produtoras de leite, e que envolve estados como a Califórnia e Wisconsin.

Fomentando a rivalidade, Halladay declara que Wisconsin tem 31 mil fazendas de leite, totalizando 1,6 milhão de vacas, com uma média de 70 vacas e uma produção média de 7.000kg, enquanto a Califórnia conta com 2.200 fazendas, 1,1 milhão de vacas e uma média de produção de 8.000kg.

"As fazendas na Califórnia", Região Oeste dos Estados Unidos, "são muito maiores, mais novas e com uma

média, para todo o Estado, de 450 vacas por rebanho. Em Wisconsin, região conhecida como Dairyland (terra do leite), a maioria das fazendas foi constituída entre 60 e 80 anos atrás", diz Halladay.

Ao contrário de Wisconsin, onde grande parte da alimentação é produzida pelos criadores, na Califórnia o leiteiro tenta manter o índice de 50% do preço do leite em gastos com comida para os animais, e é justamente esse item o que mais pesa no custo de produção neste estado, onde, do feno à semente do algodão, tudo é adquirido de outras regiões produtoras. As fazendas de leite de Wisconsin contam com uma mão-de-obra exclusivamente familiar, o que acontece, somente em parte na Califórnia, onde as proprie-

dades, por serem maiores, precisam de empregados. Halladay sabe que um dos objetivos visados pelos produtores do Oeste no planejamento da propriedade é cada empregado produzir 450.000kg de leite por ano.

Outra característica que diferencia a Califórnia de Wisconsin está no fato de que no primeiro poucas vacas são registradas. Embora não registrem a maioria de seus rebanhos, os fazendeiros da Califórnia se utilizam de programas de classificação e acasalamento desenvolvidos pelas empresas de inseminação artificial.

Enquanto isso, o estado de Wisconsin vive em função da pecuária leiteira, sendo possível ver artigos com a griffe do holandês em inúmeras vitrines de lojas. Existe um movimento que defende a mudança da sede da Holstein Association de Vermont para Wisconsin, neste estado acontecendo também a maior exposição no gênero e que reúne observadores de todo o mundo: a World Dairy Expo, realizada no mês de outubro.

FORD CARGO. PARA PEGAR NA ENXADA.



Este veículo está em conformidade com o PROCONVE.

É o Ford Cargo preparado para qualquer terreno. Da palhada ao asfalto, enfrenta tudo com grande torque em baixa velocidade, perfeito para o plantio e a colheita de cana. O grande curso das suspensões e a maior altura livre do solo fazem do Ford Cargo ferramenta indispensável nas aplicações mais severas.

Toda a linha Cargo está equipada com motores turbo. Com PBT de 12 a 35 ton, o Ford Cargo é disponível de fábrica nas versões 4x2 e 6x2 com garantia de 1 ano para o motor, sem limite de

quilometragem, e nas versões 6x4 e cavalo mecânico com garantia de 2 anos ou 200.000km para o motor. E o Ford Cargo conta ainda com uma ampla rede autorizada de 268 pontos de assistência técnica espalhados pelo país. E mais o Plantão Ford de Atendimento 24 Horas, que atende você a qualquer hora e em qualquer lugar.

É o Ford
Cargo pegando
na enxada.

FORD CARGO



A tecnologia da carga.

ARACNÍDEOS

Aranhas: quando o pavor

Texto: Paulo Alberto Moraes
Fotos: Luiz Fernando Lemmert

*Embora temidas,
as aranhas são
importantes
aliadas do homem
no combate às
pragas. No Brasil
existem cinco mil
espécies, porém
apenas 24 podem
causar problemas à
saúde humana*

A primeira reação das pessoas diante de uma aranha é de pavor. Imediatamente, vem o impulso de matar o perigoso e peçonhento animal. No entanto, seria bom avaliar a necessidade de matá-lo, pois, ao destruir-lhe a vida, estará se eliminando um requintado e talentoso arquiteto e, principalmente, um dos mais importantes aliados do homem na sua interminável luta contra as pragas. Apesar disso, todo o cuidado com as aranhas é pouco, pois sua picada, ainda que raramente, ocasiona conseqüências doloridas em quem as recebe, mas dificilmente leva a vítima à morte. A famosa viúva-negra, por exemplo, tem o veneno cerca de 15 vezes mais forte do que o da cascavel. No entanto, a quantidade expelida é tão pequena que, no máximo, ocorrem fortes dores, sem maiores conseqüências. Porém, o problema deve ser tratado, pois o ferimento pode evoluir, atingindo níveis preocupantes.

As aranhas pertencem a uma das mais antigas famílias existentes, os ar-



trópodos, de que fazem parte o escorpião e o camarão. Classificadas como aracnídeos, é opinião entre os biólogos que elas se incluem entre as espécies mais numerosas. É certo, também, que, se não existissem, a vida não seria igual a que conhecemos, visto que,

embora não gozem da amizade humana, são verdadeiras aliadas do homem, especialmente por se dedicarem a caçar e a devorar insetos predadores das culturas. Os cientistas descobriram que as aranhas foram os primeiros seres a abandonar a limitação da existên-

é maior que o perigo



A limpeza periódica dos locais preferidos pelas aranhas evita possíveis acidentes

Medidas preventivas — O pronto atendimento é a arma mais eficaz para o tratamento de picada de aranha. Especialmente tratando-se de crianças, que são bastante sensíveis aos venenos e ferrões, merecendo maiores cuidados. E, como diz o velho e sábio ditado, é melhor saber como prevenir do que remediar. Assim, vale lembrar que os sistemas de prevenção baseiam-se principalmente na higiene e limpeza dos locais onde os artrópodos podem se desenvolver.

As aranhas gostam de morar sob pedras, nos jardins, gramados, porões e sótãos das casas, em particular nos locais abandonados ou de pouco acesso. Os cientistas do Instituto Butantan, em São Paulo, aconselham as pessoas habitadas a empilhar telhas, caixotes velhos, madeiras e outras bugigangas em porões, ou mesmo a céu aberto, que tenham muito cuidado. Quando menos se espera, o acidente acontece. Por isso, é bom manter esses lugares limpos, além de periodicamente dedetizar os locais mais críticos. Como os inseticidas são bastante tóxicos, crianças e animais domésticos devem ficar bem longe, a fim de evitar acidentes.

Até na hora de procurar uma ferramenta que esteja dentro de caixas, canto de galpão, ou lugar semelhante, é preciso ter cautela. Aqueles que passam o domingo aparando grama ou limpando algum mato teimoso, que insiste em rebrotar, não coloquem a mão sem olhar bem onde. As ervas daninhas que crescem nos jardins é dos locais mais apreciados pelos aracnídeos, que ali encontram condições favoráveis para tecer e estender suas teias. Em vista disso, não seria demais

cia nas águas para aventurarem-se em outros lugares. Têm a singular capacidade de sobreviver nos locais mais inóspitos e imprevisíveis, como as altas montanhas, onde nenhuma espécie vegetal encontra condições de sobrevivência, ou mesmo de entocar-se nos

subterrâneos, muito abaixo do nível do mar. Descobriram, ainda, que elas possuem um sistema nervoso altamente desenvolvido, o que lhes dota de um cérebro apto a armazenar informações, além de inusitada habilidade de engenharia.

que os jardineiros de fim-de-semana usassem luvas e botas para se protegerem.

As aranhas estão agrupadas em 30 ou 40 mil espécies. No Brasil, existem cinco mil, mas apenas 24 interessam à Medicina por possuírem veneno que, uma vez injetado, se torna ativo no homem. Na Seção de Artrópodos Peçonhentos, do Instituto Butantan, um dos mais respeitados do País, o trabalho é permanente no estudo do comportamento e classificação desses animais, como também dos problemas de ordem sanitária que provavelmente ocorrerão em consequência das picadas. Outras linhas de pesquisa buscam o aproveitamento do ingrediente ativo dos venenos.

É o que estão fazendo, por exemplo, os pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais e da Fundação Ezequiel Dias, que conseguiram isolar nove proteínas do veneno da aranha, que são altamente tóxicas contra insetos domésticos e atóxicas para mamíferos. Foi um trabalho iniciado em 1989, cujos testes são feitos em baratas e mosquitos.

O novo inseticida que poderá surgir no mercado será elaborado a partir do veneno da aranha-armadeira — *Phoneutria nigriventer* —, uma espécie encontrada apenas na América do Sul.

Já o Instituto Butantan trabalha dentro de orientações didáticas, ministrando aulas em cursos sobre acidentes com animais peçonhentos. Conforme informações fornecidas pela cientista Regina von Eickstedt, da Seção de Artrópodos Peçonhentos do IB, realizam-se trabalhos neste sentido, em cursos que contam com a participação de eminentes médicos e pesquisadores.

Aquelas que possuem o ferrão na posição horizontal são nocivas ao homem

Os cientistas fizeram uma descrição das características básicas dos artrópodos, mostrando que eles podem ser identificados por apresentarem o corpo dividido em cefalotórax e abdômen, um par de quelíceras, um de palpos e quatro pernas ligadas ao cefalotórax, além de duas a oito fiandeiras



Caranguejeira: mede 15cm de comprimento e vive em locais quentes e úmidos

no abdômen. Todas as espécies são carnívoras. Alimentam-se de outros artrópodos e, principalmente, de insetos. Muitas são especializadas em armar teias para capturar as presas: são as aranhas de teia. Outras costumam caçar suas vítimas, como é o caso das aranhas errantes, mas há ainda aquelas que procuram se abrigar sob o solo, e por isso são chamadas de tericolas.

De acordo com o Butantan, as que representam perigo para a saúde humana pertencem à subordem *Araneomorphae*. Elas são reconhecidas pelos ferrões inoculadores de veneno em posição horizontal. A aranha-marrom — *Loxosceles* — e a armadeira — *Phoneutria* — são as principais. A viúva-negra — *Latrodectus* —, que provoca envenenamentos fatais em outros países, dificilmente causa problemas no Brasil. As aranhas de grama, ou tarântulas — *Lycosa* —, são as

mais ativas e freqüentemente criam problemas, embora seu veneno não tenha ação sistêmica conhecida. Quando elas ferroam, o local atingido fica medianamente dolorido, sem maiores consequências. Existem também as aranhas-caranguejeiras — *Mygalomorphae* —, com menor interesse para a Medicina.

Conheça as principais aranhas que habitam o Brasil

Aranha-marrom — É comum encontrar as aranhas-marrons em climas tropicais e subtropicais. São pequenas, medindo de um a dois centímetros de corpo, com três a quatro de envergadura, incluindo as pernas. Os machos se diferenciam das fêmeas por possuírem um corpo mais delgado e pernas mais longas. As fêmeas têm o corpo cabeludo, de tom marrom-esverdeado.

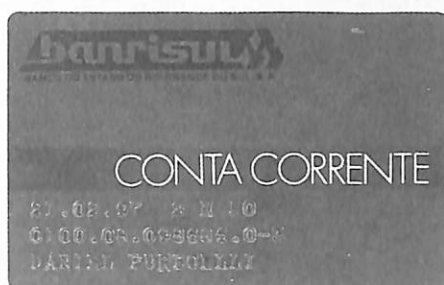
Encontram-se desde a região amazônica até o Rio Grande do Sul. São facilmente identificadas pela coloração marrom-amarelada homogênea. Os olhos dispõem-se em três pares em semicírculo, cefalotórax com ou sem manchas em forma de estrela, ou com manchas escuras em forma de violino. Não são agressivas. Sedentárias, costumam habitar pilhas de tijolos, telhas e entulhos em geral, ao redor das residências. Quando se estabelecem dentro de casa, seus lugares favoritos são os cantos de paredes, atrás de móveis, quadros ou rodapés soltos. Tecem nesses locais uma rede irregular com fios adesivos. À noite, arrastam-se ►

Vital Brasil recomenda uso de analgésicos

Já é de domínio do grande público que chupar o local ferido por aranhas, escorpiões, ou mesmo cobras, pode ser uma solução. No entanto, esse método não oferece tão bons resultados quanto se espera. Já o tratamento dos sintomas, à base de anestésicos e analgésicos, tem sido aplicado com resultados satisfatórios na maioria dos casos. Sendo o acidentado criança com menos de sete anos, deve ser levado até o Hospital Vital Brasil,

que funciona nas 24 horas do dia. Em caso de impossibilidade, informações são fornecidas pelo telefone (011) 211-8211, ramal 188. O tratamento é gratuito e estendido a todos. O Instituto se encarrega de orientar os interessados na captura de aranhas, oferecendo transporte via férrea, sem ônus. Existe um sistema de permuta de animais enviados por ampolas de soro antiaracnídeos.

PASSE O CARTÃO ELETRÔNICO BANRISUL.



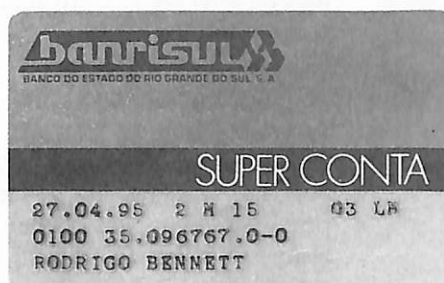
CARTÃO CONTA CORRENTE

Com o Cartão Conta Corrente você saca, confere saldo, faz depósitos em cheques, pagamentos e aplicações no FAF, atualmente restrito ao horário bancário.



CARTÃO CHEQUE EXPRESSO

Este cartão também dá acesso a todas as vantagens das Caixas Automáticas do Banrisul Eletrônico e das agências automatizadas. Suas operações ficam facilitadas, evitando as filas a partir do auto-serviço. Além disso, pode usar o convênio com os bancos estaduais, que hoje inclui o Amazonas, Paraná e Santa Catarina, que permite saques eletrônicos em suas viagens de turismo ou negócio.



CARTÃO SUPER CONTA

É a Conta Top Line do Banrisul. Com este cartão você tem todas as facilidades da automatização do banco, contando com os Caixas Automáticos do Banrisul Eletrônico 24 horas por dia, inclusive feriados e fins-de-semana. Além disso, pode usar o convênio com os bancos estaduais, que hoje inclui o Amazonas, Paraná e Santa Catarina, e que permite saques eletrônicos em suas viagens de turismo ou negócio.



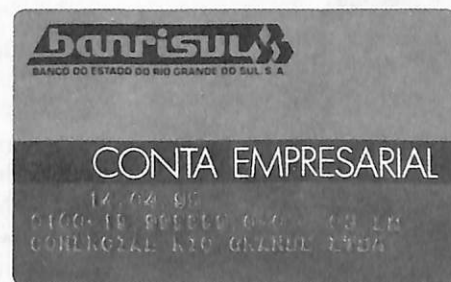
CARTÃO MESADA ELETRÔNICA

O cartão da turma entre 10 e 16 anos. Permite movimentação em todas as agências automatizadas e nos Caixas Automáticos do Banrisul Eletrônico. O limite de saque é estabelecido pelo titular responsável.



TARJETA MERCOSUR

Este cartão é dirigido aos turistas e/ou viajantes do Mercosul que visitam o nosso país. Permite saques e consulta de saldo nas agências automatizadas e Caixas Automáticos do Banrisul Eletrônico, 24 horas por dia, inclusive feriados e fins-de-semana.



CARTÃO EMPRESARIAL

Com o Novo Cartão Empresarial, você agiliza os bons negócios da sua empresa. Faz movimentação de conta em qualquer agência automatizada ou Caixas Automáticos do Banrisul Eletrônico, obtendo saldo, saques, fazendo pagamentos, depósitos em cheques e aplicações no FAF.

E PASSE BEM.

A cada dia que passa, o Banrisul fica mais automatizado. É a modernidade que chega para facilitar ainda mais a sua vida. Hoje, você pode escolher um tipo de Cartão Eletrônico para cada tipo de necessidade. E com eles você saca, faz depósitos em cheques, confere saldo, faz pagamentos e aplicações no FAF, em qualquer agência automatizada do Banrisul. Inclusive fora do expediente, nos Caixas Automáticos do

Banrisul Eletrônico. Se você ainda não tem um Cartão Eletrônico Banrisul, peça logo o seu. E passe bem.



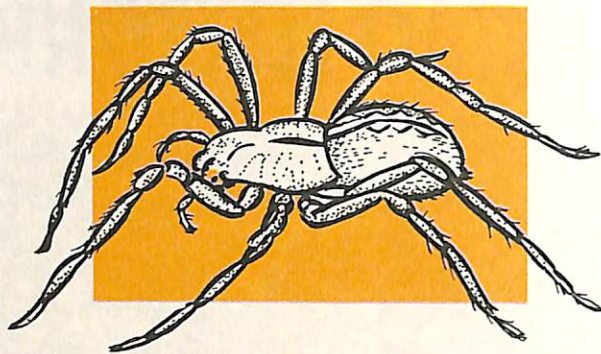
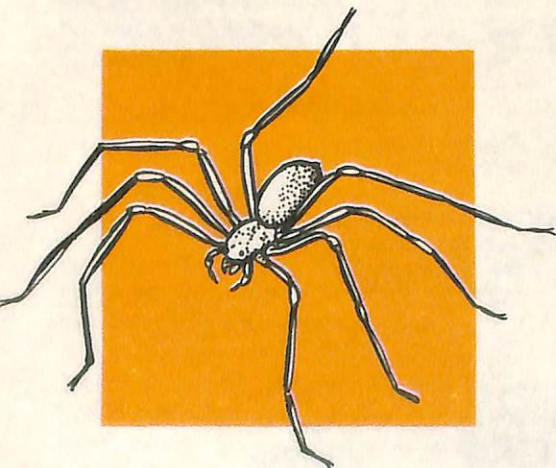
pelos lugares escuros e secos em busca de presas.

São poucos os casos de picada de aranha-marrom atendidos no Hospital Vital Brasil, do Instituto Butantan — menos de 50 por ano. Ocorrem, em geral, no verão, em ambiente doméstico, quando, inadvertidamente, as pessoas apanham uma roupa onde o artrópodo esteja escondido, mas a picada só acontece se ele for espremido, normalmente preferindo fugir quando incomodado. Isso pode acontecer durante o sono, razão por que muitas vítimas não se lembram quando o fato aconteceu.

Os efeitos da ferroada são descritos como “queimação” ou “ardência”, e começam minutos ou horas depois. A região agredida não demora a dar sinais da intoxicação. Algumas horas depois do ataque, começa a se formar uma placa marmórea. Mais tarde, surgem pequenas bolhas.

A lesão, dizem os cientistas, tende a se infiltrar para baixo pela ação da gravidade, e na base vai se criando um endurecimento facilmente reconhecível pelo examinador. Ao fim da primeira ou da segunda semana de evolução, os tecidos próximos da parte afetada começam a morrer. Surge uma crosta negra que, à medida que seca, vai se desprendendo da pele ao seu redor até atingir a base da lesão. Uma ferida de proporções razoáveis permanece. Nesses casos, a cura não se completa antes de um mês, demorando ainda mais se ocorrer infecção secundária.

As maiores vítimas são as crianças, que poderão sofrer insuficiência renal, diarreia, agitação, torpor, delírio, alucinações, coma e coagulação intravascular disseminada. Quando o problema atinge este nível, é comum ocorrer a morte.



Aranha-armadeira — Pertence à família *Ctenidae* e causa o maior número de acidentes no Brasil. É encontrada da América Central à Argentina. Nada menos do que 600 casos são atendidos anualmente no Hospital Vital Brasil. O nome tem a ver com o hábito de armar o bote quando se sente ameaçada, apoiando-se nas patas traseiras para saltar sobre a vítima. São aranhas agressivas, solitárias e errantes. Ocultam-se durante o dia em locais escuros, mais ou menos úmidos, especialmente troncos de árvores, embaixo de pedras, bromélias, bananeiras, inclusive nos cachos. Ao anoitecer, elas caçam as presas, injetando veneno para imobilizá-las. O tipo merece cuidado, pois é comum ver uma delas escalando com rapidez e agilidade muros, paredes, portas e janelas, não raro escondendo-se dentro de calçados.

O tamanho, no caso da armadeira, é documento. São grandes, ameaçadoras, podendo atingir 4 a 5 centímetros de corpo e de 17 a 18 centímetros de envergadura. As fêmeas adultas têm o ventre negro, enquanto nos machos esta região é vermelho-alaranjada. Os olhos estão dispostos em três filas — 2, 4, 2 — de forma transversal.

No Estado de São Paulo, é vista freqüentemente a *Phoneutria negriver*, cuja cor é marrom-acinzentada, com o dorso e o abdômen apresentando um desenho formado por pares de manchas claras arranjadas verticalmente. A *Phoneutria keyserlingi*, que se diferencia da *negriver* pelo ventre marrom-avermelhado nas fêmeas, aparece mais nas baixadas fluminense e santista e, de um modo geral, em todo o litoral correspondente à Mata Atlântica. Duas espécies, a *P. fera* e a *P. reidy*, causam acidentes na Amazônia.

Abril e maio são os meses críticos,

quando acontecem 80% dos acidentes. Nesse período, as armadeiras ficam ouriçadas, pois é a época do acasalamento. Mãos e pés constituem os alvos mais visados, justamente por serem levados até seus esconderijos — nos atos de calçar o sapato ou colher frutas, por exemplo.

A consequência da picada é uma dor intensa, que tende a espalhar-se pelas proximidades, chegando mesmo a atingir o tórax ou abdômen. No local atacado, duas pequenas pontas denunciavam a dupla ferroada, quando penetra cerca de 1ml de veneno.

Nos adultos, os efeitos se restringem à dor, mas as crianças, menos resistentes, poderão apresentar envenenamento sistêmico, que se manifesta por vômitos repetidos, irritabilidade, sonolência, alucinações e arritmia cardíaca. Acontece também edema agudo de pulmão, que aparentemente é a maior causa das mortes. Por isso, as crianças, especialmente as de menos de sete anos, devem ficar sob observação médica pelo menos por seis horas, para a verificação de eventuais sinais de envenenamento sistêmico.

Viúva-negra — É a que provoca o maior número de acidentes seguidos de morte no mundo inteiro. A espécie pertence à família *Theridiidae*, sendo encontrada nas regiões tropicais e temperadas. São aranhas inconfundíveis, principalmente pelo pequeno porte: as fêmeas medem de 10 a 15 milímetros e têm abdômen globuloso, oito olhos postados em duas filas transversais — 4, 4. Algumas apresentam manchas vermelhas irregulares simetricamente distribuídas pelo dorso. Mas, invariavelmente, carregam no ventre a forma de uma ampolheta, que mais parece o número oito. Pertencem ao gênero *Latrodectus*.

Entre os cariocas, o nome popular “flamenguinha” é bem sugestivo para a espécie *L. curcaviensis*, que infesta a Ilha de Curaçao, Antilhas, de onde partiu para colonizar outras regiões, dispersando-se pela América do Norte e América do Sul.

Os médicos, entretanto, consideram a *L. mactans* como a mais importante para a Medicina. Por outro lado, a *L. geometricus*, de cor marrom-acin-

zentada, tem o veneno pouco tóxico para o homem, sendo importante no combate biológico de outras espécies. Sua presença é marcante nos Estados do Amazonas, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

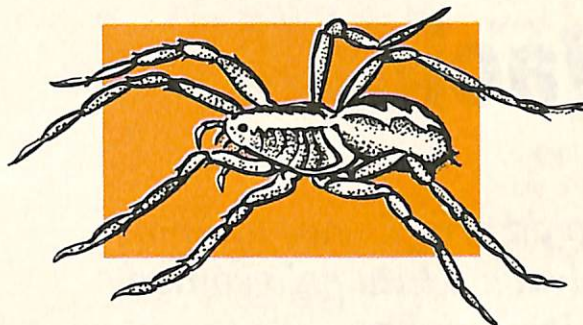
As viúvas-negras têm hábitos gregários; isto é, vivem em grupos. Normalmente, tecem suas teias tridimensionais em arbustos, vegetação rasteira, saúveiros, cupinzeiros, jardins e dentro das residências. Próximo à teia, constroem um refúgio de seda, de onde controlam a armadilha.

Essas aranhas são as que mais intensamente colonizam o planeta, graças à forma como os filhotes se dispersam, tão logo abandonam a ooteca — bolsa de ovos. Postam-se de costas para o vento, emitem um longo fio de seda e deixam-se levar por ele, percorrendo, às vezes, vários quilômetros.

O veneno da viúva-negra é fortíssimo, porém, a quantidade infiltrada é insignificante. Mas não deve ser ignorado. A exemplo do que acontece com outros tipos de aranha, a viúva-negra, quando pica, nem ao menos é notada. No entanto, há uma mudança no estado fisiológico da vítima, pois a ferroada provoca uma liberação desordenada de acetilcolina no sistema nervoso central.

É fácil identificar a ferroada, principalmente porque a dor estende-se

rapidamente pelo tronco, generaliza-se e intensifica-se nas primeiras horas. Essa situação pode persistir de um dia a semanas. E, embora percentualmente seja baixa a mortalidade por picada, o volume dos ataques faz delas as maiores causadoras de acidentes fatais, especialmente por parada respiratória.



Tarântula ou aranha de grama — O Hospital Vital Brasil atende cerca de 100 casos por ano de vítimas atacadas pela também chamada aranha-lobo ou de jardim, uma das tantas representantes da família *Lycosidae*.

A exemplo das armadeiras, são errantes e predadoras, envolvidas dia e noite em suas atividades. Vivem em tocas sob a superfície do solo. As fêmeas carregam os filhotes presos às fiandeiras. Tão logo estes nascem, prendem-se às costas da mamãe até que tomem um rumo próprio.

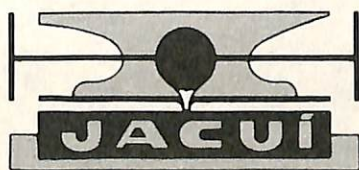
As tarântulas têm de dois a três centímetros de corpo e de quatro a

cinco de envergadura, cor acinzentada no dorso e faixas escuras radiais no cefalotórax. Sobre o abdômen, há uma mancha em forma de seta, enquanto a parte ventral é totalmente negra. As quelíceras são recobertas por pêlos vermelhos. Os olhos estão dispostos em três filas — 2, 4, 2 — na posição horizontal.

A dor proveniente da ferroada é menos intensa do que a da *Phoneutria*. Como tratamento, os especialistas apenas administram analgésicos.

Caranguejeira — Aproximadamente 200 espécies de caranguejeiras vagueiam pelo Brasil, em geral em locais afastados do homem. Habitam árvores, cupinzeiros, buracos em bar-

rancos e galerias subterrâneas. Elas possuem o ferrão disposto verticalmente. Daí porque os acidentes envolvendo caranguejeiras sejam bastante diminutos. Mas a natureza dotou-as de outro recurso de defesa: pela fricção das pernas, vão se despreendendo pêlos, num verdadeiro bombardeio direcionado ao inimigo. Estes pêlos têm ação irritante. No caso de ataque a seres humanos, é possível ocorrer a morte por asfixia, pelo fechamento das vias respiratórias dos portadores de alergia. São muito temidas, principalmente as espécies peludas e de grande porte. ■



FUNDIÇÃO JACUÍ S.A.

**MAIOR CAPACIDADE
MENOR CUSTO**

CAP. CARGA: 23 m³

AV. BRASIL, 1749
FONE: (051) 722 4411
FAX: (051) 722 4361
CACHOEIRA DO SUL - RS



SILO MÓVEL JACUÍ

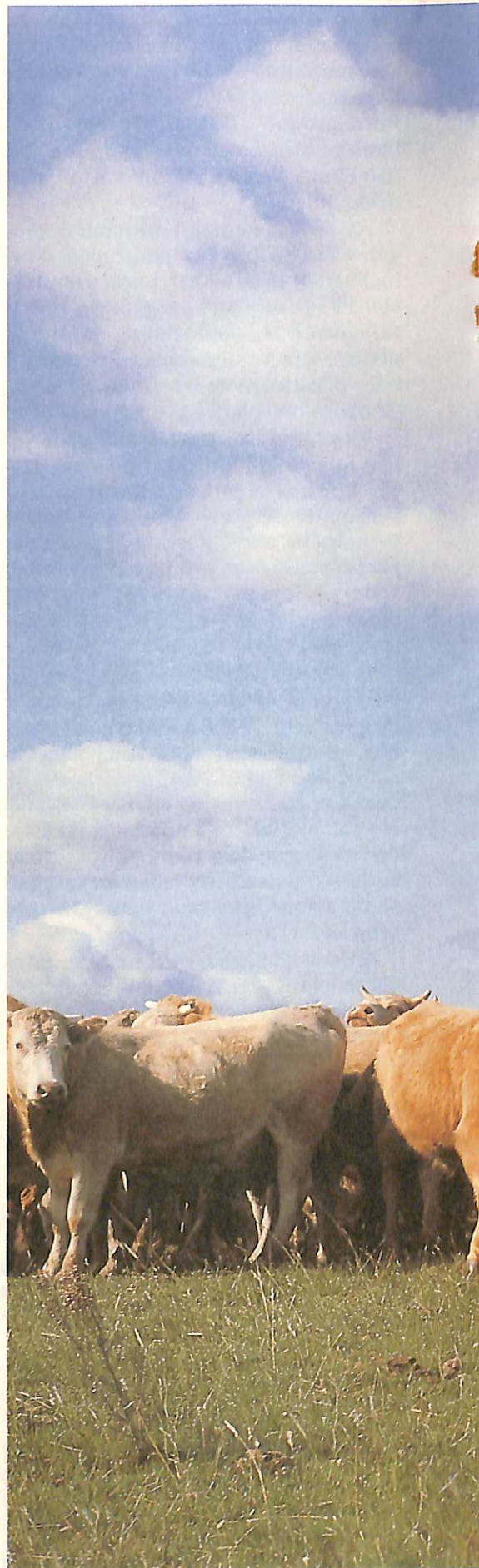
Quem cria não vacila. Vacina

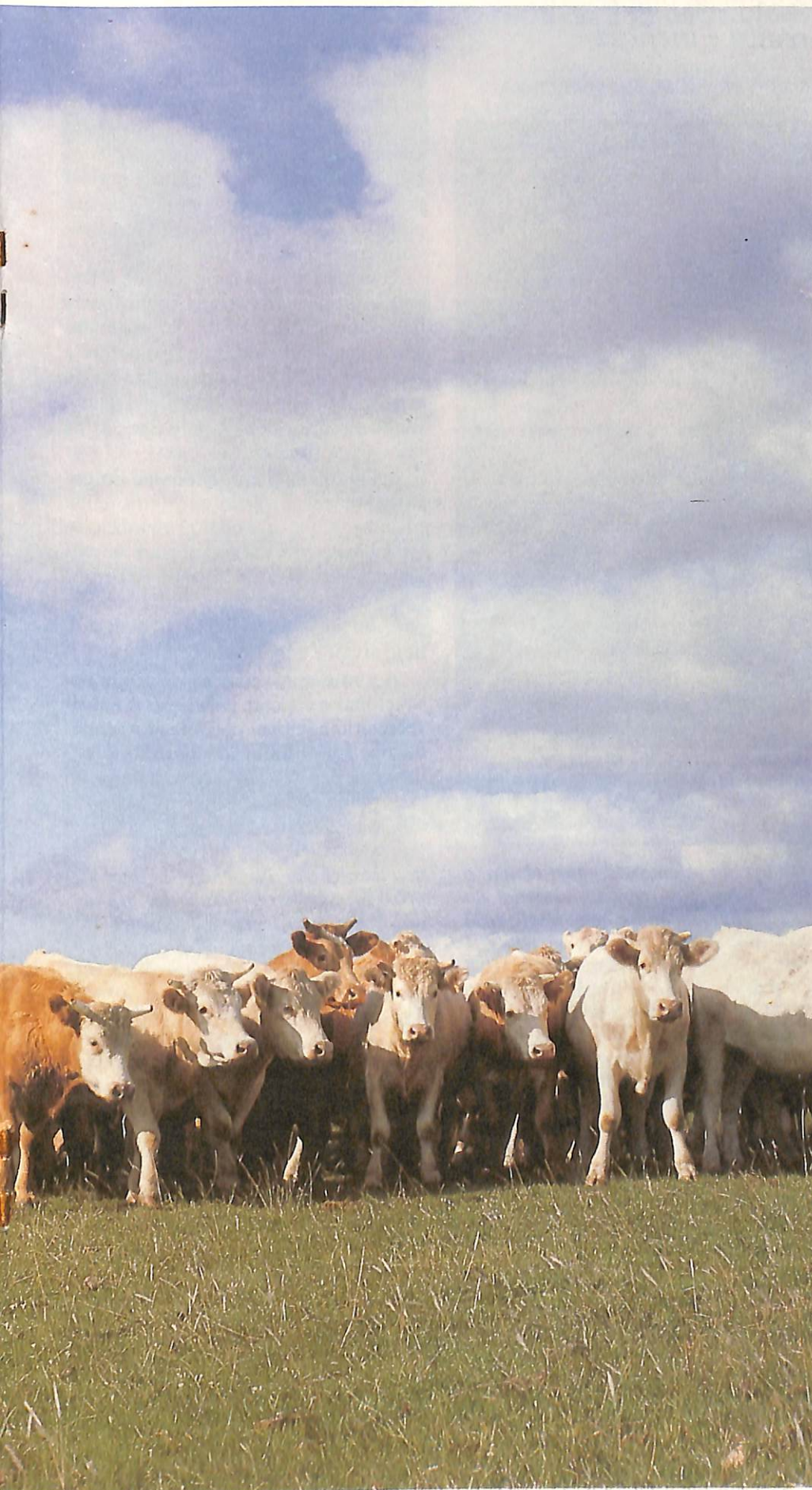
Desde o início da criação dos animais domésticos se trava a luta pelo controle ou erradicação das doenças que atacam os rebanhos. Hoje, no entanto, não basta mais aconselhar o criador. Ele precisa se conscientizar de que deve agir agora, ou será atropelado pela falta de mercado e, quem sabe, até pela legislação que começa a apertar. O ministro da Agricultura, Andrade Vieira, já sinaliza nesse sentido

Quando um grupo de colonos sem-terra invadiu duas fazendas gaúchas, em março e junho de 1992, mal sabia que não estava apenas ferindo o mito da propriedade privada, mas também, e principalmente, comprometendo o trabalho da pesquisa oficial. É que as propriedades de Sarandi e Não-Me-Toque abrigavam todo um complexo de controle na produção de vacinas contra a aftosa, desenvolvido pelo Laboratório de Referência Animal (Lara), do Ministério da Agricultura. Em consequência, 65% da vacina que foi à venda no mercado nacional, no 2º semestre de 92, não tinha o aval do Lara. Apesar disso, as indústrias ligadas ao Sindan fizeram os testes das vacinas, supervisionadas pelo Ministério da Agricultura. Em consequência desse

“acidente de percurso”, ficou sob suspeita todo o esforço dos técnicos, que praticamente haviam erradicado a aftosa na Região Sul do País. Situação que quase colocou em cheque a venda de carne para a Comunidade Econômica Européia, tão ciosa de seus interesses e poderosa e exigente na hora de discutir mercado e aspectos sanitários.

Passado mais de um ano, o assunto não morre e o combate à doença ganha um grande aliado: o ministro interno da Agricultura, José Eduardo Andrade Vieira. Ele chegou a recomendar ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) que analisasse a possibilidade de desapropriar terras, para fins de reforma agrária, onde persistissem focos de febre aftosa. Controvérsias à parte, a verda-





de é que, como empresário, fazendeiro e bem-sucedido ministro da Indústria e Comércio, Andrade Vieira sabe que a guerra econômica também deve ser ganha pelo aspecto da sanidade, o que irá abrir as portas do mercado internacional às nossas proteínas.

Na realidade, existe um sem-número de doenças que afetam o rebanho brasileiro. Todavia, o Ministério da Agricultura elegeu como mais importante o tratamento da febre aftosa, no caso dos bovinos; da peste suína clássica, tratando-se dos suínos; e da newcastle, nas aves. A incidência das três doenças traz grandes prejuízos de ordem econômica, que afetam tanto a economia interna quanto interferem na exportação de carnes e derivados, com significativa perda de divisas para o País.

É bom ressaltar, no entanto, que, desde a promulgação da Constituição de 1988, a responsabilidade direta no trato dessas enfermidades foi entregue aos Estados, municípios e à iniciativa privada. Até porque, a partir da aprovação da Carta, Estados e municípios tiveram redobrados os repasses de verbas. Dentro dessa orientação, o Ministério da Agricultura faz, hoje, o controle dos insumos, como vacinas e antígenos, e a elaboração de normas para o controle sanitário.

Segundo a diretora do Departamento Nacional de Defesa Animal e Vegetal, Tânia Lyra, o trabalho do ministério, no entanto, não pára por aí. "Nós ainda fazemos o controle e a fiscalização do trânsito de animais e de produtos e parte do diagnóstico das doenças em todo o País", esclarece.

Apesar do alarde da aftosa — que causa prejuízos anuais de US\$ 214 milhões — o problema mais grave parece ser a peste suína clássica, cujo anúncio de aparecimento, em 1980, espantou muitos países compradores. Embora a preocupação mine os esforços de vendas, Tânia observa que essas enfermidades estão praticamente sob controle em todo o território nacional. Para finalizar, ainda garante: "Aqui dentro, a qualidade do produto hoje oferecido à população (quando

Foto: A Granja

Os técnicos alertam: a legislação que rege a defesa sanitária é arcaica e ineficaz

fiscalizado pelo Ministério) é tão boa ou melhor que nos países mais desenvolvidos do mundo”.

Mudanças urgentes — A meteórica passagem de José Antônio Barros Munhoz à frente do Ministério da Agricultura deixou uma semente que começa a germinar na gestão do atual ministro, Andrade Vieira. É um documento elaborado criteriosamente pelos técnicos do governo, onde é traçada uma radiografia da ação do setor público em cima da agropecuária, que clama por mudanças para agilizar os serviços de proteção sanitária.

O documento reconhece que o orçamento da Defesa Agropecuária se constitui num bom exemplo da baixa prioridade que, ao longo dos anos, se conferiu ao cumprimento de inúmeras leis e acordos internacionais de fundamental importância ao interesse nacional. São apenas US\$ 50 milhões, dos quais 80% dizem respeito ao empréstimo do Banco Mundial. Os técnicos entendem que essa gama de obrigações legais não tem sido contemplada no rol de preocupações do ministério, cuja tônica é dar maior atenção à pesquisa, ao crédito, aos preços agrícolas e ao abastecimento interno.



Andrade Vieira: ministro levanta a bandeira em defesa da erradicação da febre aftosa

Essas atividades, no seu entender, são importantes para o desenvolvimento do agribusiness brasileiro, mas não constituem atividades típicas de polícia, como exercem os norte-americanos. Ou seja: serviços públicos essenciais, mas que fazem os agentes econômicos privados existirem.

O estudo afirma ser possível, à Defesa Agropecuária, contar com fontes de recursos capazes de dar sustentação à sua atividade, principalmente a partir da reabilitação da cobrança de taxas públicas e da constituição de um fundo próprio, com a participação da iniciativa privada.

Na verdade, o corpo técnico do governo lança um grito de alerta, onde reconhece que o modelo organizacional vigente precisa se adequar às exigências dos tempos atuais. Afinal, é necessária uma postura ágil e moderna para desinfetar toda a legislação, hoje arcaica e ineficaz.

Agora é aproveitar a revisão constitucional e esperar pela ação do atual secretário nacional de Defesa Agropecuária, Jorge Salin Waquim, que começa a dar os primeiros passos na materialização desses objetivos.

Sanidade animal: um mercado onde o Brasil já empata com a Alemanha

As cerca de 200 indústrias veterinárias existentes no Brasil devem faturar, até o final do ano, por volta de US\$ 600 milhões na venda de 2.000 medicamentos preventivos e curativos do rebanho nacional. A expectativa é do Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Animais (Sindan), com sede em São Paulo. Esse desempenho coloca o País ao lado do complexo de

vendas da Alemanha, que ocupa o quarto lugar no ranking mundial no setor. O campeão na comercialização são os Estados Unidos, com US\$ 2,4 bilhões; seguido do Japão, com US\$ 1,2 bilhão; e da França, com US\$ 650 milhões. O presidente do Sindan, Nelson Antunes, acredita que o potencial do mercado brasileiro é tão grande que pode abocanhar a segunda posição dentro de alguns anos.

Apesar dos números favoráveis no contexto internacional, o setor amara-

gou uma queda nas vendas no final do primeiro semestre e início do segundo. A partir de agosto deste ano, no entanto, começaram a aparecer os primeiros sinais de recuperação da atividade. Nelson Antunes esclarece que as empresas, para driblar a recessão, vêm sendo obrigadas a lançar novos produtos no mercado. Para mostrar que não é apenas “choradeira”, de sua parte, o Sindan elaborou o seguinte quadro demonstrativo de preços (janeiro a agosto de 1993):

Mercado	Valorização	Produtos Veterinários	Valorização
Dólar comercial	482,45%	Ectoparasiticidas	417%
Arroba do boi	601,75%	Vermífugos	452%
Arroba do suíno	495,2%	Vacina antiaftosa	431,4%
Litro do leite C	669,51%	sal mineral	319,5%
Quilo do frango	576,02%		
* OBS: A TR do período foi de 467,62%			
Fonte: SINDAN			

Participação por atividade (em milhões de dólares)			
	1991	1992	1993 *
Bovinos/ovinos	305,8	355,4	420
Avicultura	70	82,4	99
Suínocultura	35,4	38,5	39
Equinos	20,8	23,2	24
Outros	11,2	15,5	18
* Previsão Fonte: SINDAN			

Problemas sanitários reduzem produtividade do rebanho bovino



Foto: A Granja

Vírus aftoso na carne: carcaça bovina sofre restrições no mercado internacional

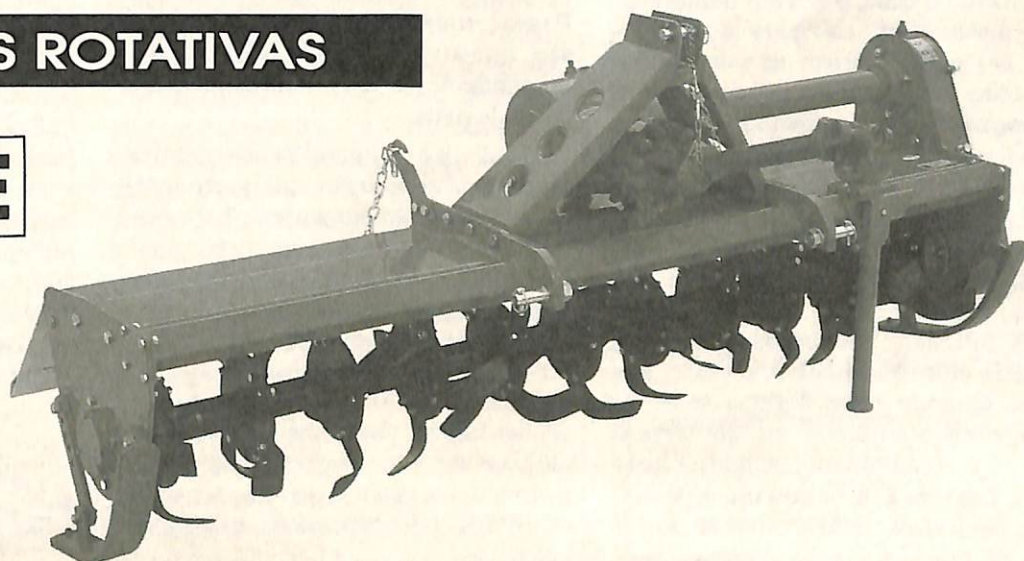
Quem come um succulento bife ou bebe um copo de leite normalmente não imagina o trabalho que dá ao pecuarista produzir alimentos tão nobres, na busca de atender a uma população sempre em crescimento. O desafio ainda é maior quando se sabe que 32 milhões de brasileiros passam fome e uma parcela ainda não-calculada de estrangeiros brada seus garfos e facas à espera das proteínas produzidas em território brasileiro. No meio desse furacão, o pecuarista brasileiro, enfrentando o desafio de produzir, sente, muita vezes, os efeitos da política econômica, das intempéries e das pragas e doenças, que, invariavelmente, podem comprometer todo o seu trabalho e levar por água abaixo esforços que demandaram anos para se consolidar. Um desses esforços é a manutenção da sanidade do rebanho, condição essencial não só para sobreviver no mercado, mas também como compromisso com as futuras gera-

ções. Por isso, preste atenção nas principais doenças que atacam os bovinos de leite e de corte do Brasil, hoje estimados em cerca de 140 milhões de cabeças.

Febre aftosa — Sem sombras de dúvida, essa é a mais importante doença do rebanho brasileiro sob o ponto da limitação de mercado para a carne brasileira no exterior. Tanto é verdade que o governo brasileiro vem trabalhando com o Banco Mundial num programa que prevê a aplicação de US\$ 108 milhões para erradicar a doença. Aliás, de 1987 para cá, os casos de febre aftosa caíram de 10.700 notificações oficiais para apenas 250, principalmente na Região Centro-Oeste, zona mais problemática. Nessa região, a situação é mais preocupante nos Estados de Mato Grosso e Goiás, importantes centros produtores e exportadores de carne para a Comunidade Econômica Européia.

ENXADAS ROTATIVAS

LAVRALE



A MAIOR LINHA DE ENXADAS ROTATIVAS DO BRASIL

Implementos de qualidade

Rua Oberdan Cavinatto, 290
Fone/Fax (054) 222.2211
Telex (543) 717 LALE BR
Caixa Postal 739
95055-450
Caxias do Sul - RS - Brasil

- Enxadas Rotativas de 2,30; 2,50 e 2,75 m de largura de trabalho, para tratores de 75 a 130 CV.
- A solução para o preparo, em várzeas, de lavouras de arroz pré-germinado ou irrigado.
- Disponíveis também versões de 0,90 a 2,00 m para tratores de 15 a 85CV, bem como Encanteiradores para a formação de canteiros para o plantio de hortaliças.
- Procure no Revendedor **Lavrale** ou consulte diretamente a fábrica.



Foto: genética Lara

Sinal aparente: bovino que possui febre aftosa apresenta lesões na língua

A febre aftosa é uma doença infecto-contagiosa causada por um vírus que atinge não só bovinos, mas também ovinos, caprinos e bubalinos. O vírus aftoso pertence à família *Picornaviridae*, do gênero *Aphthovirus*. A infecção se difunde rapidamente e leva o animal atacado a perder peso. Conforme o caso, o bovino demora de seis meses a um ano para se recuperar. No gado leiteiro, as consequências são mais graves, pois aparecem lesões na língua, nas mamas e no úbere do animal, o que limita a produção de leite. Os primeiros sintomas da doença são pêlos arrepiados, falta de apetite e afastamento do animal contaminado do rebanho. Depois de dez dias, surgem vesículas nos lábios, narinas, línguas, bochechas, gengivas, na pele entre as unhas e, é claro, nas tetas. Quando estas feridas se rompem, o meio ambiente em que vive o bovino é contaminado. A febre aftosa não é fatal, mas dificilmente o pecuarista se livrará dela caso não lance mão de uma vacinação correta e persistente.

Tristeza parasitária — Conhecida também como babesiose bovina, essa é uma doença parasitária causada por protozoários parasitas dos glóbulos vermelhos, pertencentes ao gênero *Babesia*. É uma moléstia não contagiosa, ou seja, não se transmite de animal para animal. Em condições naturais, a transmissão se dá por meio da picada do carrapato *Boophilus mi-*

croplus, que pode estar parasitado tanto pela *Babesia bigemina* como pela *Babesia argentina*. O ciclo evolutivo dos protozoários compreende uma fase no carrapato transmissor e outra no hospedeiro vertebrado, no caso o bovino. O carrapato, ao sugar o sangue de um animal doente, ingere as hemácias parasitadas pelas babésias. Posteriormente, através da transmissão transovariana, veicula aos seus descendentes o agente infectante, por meio de ovos.

Ainda que o animal possa manifestar casos de evolução aguda, em que a morte surge rapidamente, a babesiose tem, normalmente, um curso mais longo, estendendo-se por algumas semanas. Nos casos não-tratados, o índice de mortalidade pode oscilar entre 50% e 90%, principalmente quando se transferem bovinos adultos de uma região indene para uma infectada. Os animais autóctones geralmente se auto-imunizam quando jovens, ao serem mordidos por carrapatos nas pastagens.

Brucelose — É uma enfermidade grave, infecto-contagiosa e de evolução lenta no rebanho. A brucelose é uma das mais importantes zoonoses, causada por bactérias do gênero *Brucella*. Apenas para citar a importância econômica, sabe-se que a bactéria é responsável por abortos num percentual que varia de 10% a 50%; redução da vitalidade dos terneiros de 30%; diminuição de peso na casa dos 15%;

queda na lactação de 20%; e esterilidade nas vacas enfermas da ordem de 10%.

A contaminação se dá, principalmente, pela via digestiva, através da ingestão de água e alimentos contaminados. Também os machos, com lesões nos testículos, podem disseminar a doença. A principal fonte de contágio, no entanto, são as fêmeas, que após o aborto ou parto, eliminam grande quantidade de germes. Este material infectante acaba contaminando tudo à volta, inclusive o homem.

Os animais jovens são bastante suscetíveis ao carbúnculo sintomático

Carbúnculo sintomático — Também conhecida como mal-de-ano, mal-do-quarto, peste-da-manqueira ou gangrena gasosa. A bactéria responsável pelo carbúnculo é a *Clostridium chavoei*, que freqüentemente está associada a outro agente bacteriano, o *Clostridium septicum*. Mais raramente podem aparecer outros germes em associação, como o *C. perfringens* e o *C. Oedematiens*. Eles sobrevivem e se multiplicam em ambiente com ausência de oxigênio. Encontram-se de forma abundante no solo, e o esporo patogênico pode sobreviver muitos anos até conseguir infectar um bovino. As inundações que se seguem a longos períodos chuvosos, os insetos, as aves, pequenos roedores e mesmo outros animais podem agir como disseminadores mecânicos dos esporos nocivos da bactéria. A situação é mais grave nos animais jovens, uma vez que os adultos adquirem, com o tempo, uma natural resistência. Por isso, é essencial que o pecuarista tenha muito cuidado ao manejar os terneiros, pois qualquer ferimento por ação de toquia, castração ou trabalho de porta representa risco.

Carbúnculo hemático — Esta é outra enfermidade infecto-contagiosa produzida por uma bactéria altamente perigosa, que pode se instalar em todos os mamíferos de forma bastante grave, inclusive no homem. O agente responsável é o *Bacillus anthracis*, que também tem a característica de permanecer viável no solo até por séculos. O esporo da bactéria, na verdade o causador da doença, contamina o rebanho pela via digestiva. Esse fato

BOVINOS: CALENDÁRIO OFICIAL DE VACINAÇÕES

DOENÇA	TIPO DE VACINA	CONSERVAÇÃO	LOCAL APLICAÇÃO	PERÍODO IMUNIDADE	OBSERVAÇÕES
AFTOSA*	Óleo (emulsão simples)	Refrigerador de 2 a 8°C	Músculo	6 a 12 meses	Períodos de vacinação e tipo de vacina variam de acordo com o Plano Nacional de Combate à Febre Aftosa. Consultar Inspetoria Veterinária local.
BRUCELOSE	Suspensão ou Liofilizada (germe vivo: B-19)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	Toda a vida útil	Vacinar apenas as fêmeas com idades entre 3 e 6 meses. A Inspetoria Veterinária local pode fornecer vacinas e informações complementares.
CARBÚNCULO HEMÁTICO	Suspensão (germe atenuado ou amostra "Sterne" apatogênica)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano	Vacinar jovens e adultos. Em áreas de maior incidência, revacinar de 6 em 6 meses. Duas doses iniciais com intervalos de 30 dias (em regiões endêmicas).
CARBÚNCULO SINTOMÁTICO (Manqueira)	Óleo ou Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano	Vacinar jovens aos 4 meses e revacinar aos 14. Áreas endêmicas: aplicar duas doses iniciais, a com intervalos de 30 dias. Revacinar aos 14 meses. Só ocorre até 2 anos de idade.
GANGRENA GASOSA	Óleo ou Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano	Áreas muito contaminadas, duas doses iniciais, intervalo de 30 dias. Revacinar anualmente.
HEMOGLOBINÚRIA BACILAR	Óleo ou Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano	Áreas endêmicas, 2 doses com intervalo de 30 dias. Revacinar anualmente ou de 6 em 6 meses, se indicado pela Inspetoria Veterinária local.
MAMITE	Suspensão (bacterina mista e germe inativado ou morto)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	-----	Pequena eficiência, quando analisadas as variáveis etiológicas compatíveis com a doença. Valor relativo.
PARATIFO (Pneumointerite) (Salmonelose)	Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	6 a 12 meses	Período de imunidade e esquema de vacinações variáveis. Geralmente se dá em fêmeas gestantes, 30 dias antes do parto. Terneiros, aos 15 dias, revacinando 30 dias após nascidos.
RAIVA	Liofilizada (vírus vivo modificado ou inativo)	Refrigerador de 2 a 6°C	Subcutânea ou intramuscular	1 ou 3 anos	Há vacinas para 1 ou 3 anos de imunidade. O uso de cada uma varia conforme os interesses. Uma segunda vacinação, nas áreas de maior risco, é aconselhada com intervalo superior a 30 dias, para uma imunidade mais elevada. Consultar a Inspetoria Veterinária local.
TRISTEZA PARASITÁRIA	Vírus atenuado, contendo os três agentes da tristeza	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 a 4 anos	Não vacinar terneiros com menos de 3 meses, vacas gestantes ou em período de monta ou inseminação.

Fonte: SAA/RS

* O controle está sendo feito pelo Estado

fez com que, no passado, se denominasse de "campos malditos" as áreas infestadas. Mesmo enterrados profundamente, os esporos podem aflorar pela movimentação de terra (construções, barragens, etc.) ou com a ajuda de objetos, pássaros e insetos, que levam o agente para outros locais. O antrax, como também é conhecido, sobe à superfície do solo carregado por outros organismos, principalmente nas épocas chuvosas. Daí para a boca do animal é só questão de tempo. Uma vez infectado, a morte pode ocorrer em poucas horas, sem dar chance ao criador de perceber o que aconteceu. Caso isso aconteça, o melhor é queimar o corpo do exemplar atacado, para não permitir a reinfestação do ambiente. O homem, por sua vez, deve tomar muito cuidado na lida com o gado, pois pode contrair o mal e também morrer.

Mamite — A mamite vem sendo pesquisada há muitos anos e, apesar dos avanços terapêuticos obtidos com os antibióticos, permanece como um dos problemas mais sérios da exploração leiteira. Mesmo nos países mais desenvolvidos, apresenta alta incidência. Todas as medidas de controle estão centradas, basicamente, na questão do manejo e no cuidado com a higiene. Para dar um exemplo da magnitude do problema, só os Estados Unidos perdem US\$ 2 bilhões anualmente com a doença, igualmente conhecida como mastite. No Brasil, não existem dados confiáveis de incidência.

No Rio Grande do Sul, calcula-se que 80% das propriedades convivam com o mal. O problema todo começa quando o produtor utiliza utensílios mal lavados, tarros velhos ou enferrujados, tampas de tarros com rachaduras, ou não realiza a ordenha de forma completa. Todo esse quadro é muito propício para a instalação, no úbere da vaca, de microorganismos conhecidos como estafilococos e streptococos. Sinteticamente, a mastite se divide em dois grupos: a clínica e a subclínica. Na primeira, os sintomas são evidentes e podem ocasionar a secagem ou diminuição da produção de leite. As mamites subclínicas, por sua vez, são difíceis de ser detectadas. No entanto, não só contribuem para a diminuição da produção como alteram física e quimicamente o produto.

Nos dois casos, a história se repete. Instalações sujas, mal cuidadas e sem a devida higiene favorecem a penetração dos germes no úbere do animal. A limpeza e desinfecção de tetas e equipamentos são tão importantes que a Embrapa de Coronel Pacheco/MG realizou um trabalho que comprova o retorno econômico desses procedimentos. Conforme os técnicos, o retorno para o pecuarista ultrapassa os 3%.

Raiva — A doença é transmitida exclusivamente pela ação de morcegos hematófagos conhecidos cientificamente como *Desmodus rotundus* (encontrados especialmente na Região Sul), *Diphyla caudata* (a partir de Santa Catarina) e *Djaemus ioungi* (do Mato Grosso do Sul para cima). O ►

SEMENTES DE FORRAGEIRAS

- Alfafa • Aveia Preta
- Aveia Branca • Azevém
- Capim Lanudo • Centeio
- Cornichão • Pensacola
- Trevo Branco • Trevo

Vesiculososo.

SEMENTES PARA ADUBAÇÃO VERDES

- Ervilhaca • Tremoço e outras.

agronatura
SEMENTES

BR 116 - km 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Valpirio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (051) 343-7575

Terra Viva
Terra Viva

Projetos Alternativos Ltda.
Minhocultura e adubação orgânica

Venda Permanente

- Humus
- Minhocas

Consultoria

- Projetos
- Ass. Técnica
- Cursos

Sítio Cachoeira das Pedras Lisas

Estr. Antônio Mauricio, 3391 - Grama
Engº Paulo de Frontin - RJ

Resp. Técnico: CARRAZEDO
Telefone: (021) 288-9035

criador percebe a ação do morcego quando vê os bovinos mordidos na região do ânus, na base das orelhas, na tábua do pescoço e até entre os cascos. A maior agressão ocorre em noites escuras, principalmente durante a lua nova. Uma vez atacado, o animal se excita facilmente, os músculos ficam trêmulos, os mugidos tornam-se roucos e o rúmen pára de funcionar.

O animal ainda fica estufado, sem poder comer nem beber. Finalmente, apresenta um quadro de paralisia e morre entre 5 e 10 dias. Ao constatar o ataque no rebanho, o criador deve isolar o bovino e chamar o veterinário. O controle da raiva se dá pela vacinação e pelo combate às fúrnas onde se escondem os hematofagos.

Tuberculose — Enfermidade causada, sobretudo, pelas más condições de higiene dos locais onde vivem os animais. É causada pela bactéria *Mycobacterium bovis*. A zoonose (passa também para o homem) é responsável pela infecção de até 10% do rebanho de corte, geralmente atacando animais acima de 3 anos de idade. Por isso, o pecuarista deve ficar de olho quando perceber sinais clínicos, tais como perda de peso, menor produção de leite, pneumonia e aumento dos gânglios. Para prevenir, o melhor a ser feito é manter os animais em local bem arejado, com uma alimentação saudável, e submetê-los a exames clínicos a cada seis meses.

Na criação ovina, higiene é regra básica

Diz um ditado popular que, se não houvesse doenças no mundo, a ovelha certamente inventaria uma. Essa máxima é preocupante, principalmente para o Estado Rio Grande do Sul, que detém a maior parcela do rebanho nacional: cerca de 7 milhões de cabeças, entre raças de lã, carne e mistas. Como a atividade está deixando de ser "marginal", "uma opção" ou "uma alternativa" em relação à pecuária bovina, aqui também o produtor precisa ser profissional para sobreviver no mercado.

Além dos aspectos corriqueiros de manejo, o ovinocultor não pode descuidar da higiene. Por isso, uma vez

OVINOS:

CALENDÁRIO OFICIAL DE VACINAÇÕES

DOENÇA	TIPO DE VACINA	CONSERVAÇÃO	LOCAL APLICAÇÃO	PERÍODO IMUNIDADE	OBSERVAÇÕES
CARBÚNCULO HEMÁTICO	Oleosa ou suspensão (amostra "Sterne")	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	14 meses	Vacina anual, 2ml. Se houver dose de reforço, a imunidade será mais eficiente.
CARBÚNCULO SINTOMÁTICO e GANGRENA GASOSA	Oleosa ou suspensão (bacterinas)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano	A vacinação, 2ml/dose, deve ser anual. Convém anteceder práticas como esquiva, castração e descola. Após o parto são comuns casos de C. Sintomático. Convém vacinar ovelhas prenhas anualmente, 2 a 3 semanas antes do parto. Cordeiro, na 8ª semana.
ECTIMA	Liofilizada (vírus vivo)	Refrigerador de 2 a 8°C	Escarificação da pele, face interna da coxa.	1 ano	Desaconselhada para áreas onde nunca existiu a doença. Áreas endêmicas, vacinar cordeiros na 8ª semana, bem como vacinar as ovelhas adultas.
ENTEROTEXEMIA	Oleosa (bacterina) Associada contendo <i>Clostridium perfringens</i> (Welchii) tipo "D"	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano	Não existe atualmente no comércio vacina específica contra a enterotoxemia. Existem vacinas tipo "4 em 1" incluindo outros clostrídios, além do perfringens. Ovelha gestante, 2ml com intervalos de 1 mês. Revacinar anualmente. Áreas endêmicas, revacinar de 6 em 6 meses.

Fonte: SAA/RS

por ano, os ovinos devem ser banhados para se manterem livres de piolhos e sarna. Os animais afetados recebem dois banhos seguidos, com intervalo de 10 a 12 dias.

É fundamental banhar todos os animais ao mesmo tempo. Aliás, o ideal é fazer coincidir com os banhos no plantel das propriedades vizinhas, a fim de que toda a área de circulação dos animais fique completamente limpa. Embora a maioria dos criadores de ovelha-lã opte por banhar seus animais imediatamente após a tosquia, teoricamente a melhor época é entre 4 e 6 semanas após a tosa. É que, nesse tempo, as feridas provocadas pelos cortes, durante a operação de tosquia, já estariam cicatrizadas, o que evitaria a contaminação do rebanho. Mesmo com os banhos, os ovinos, pela sua tradicional fragilidade, se tornam alvo

de uma série de doenças. Seguem-se as mais importantes.

Footrot — É a chamada podridão-dos-cascos, vulgarmente conhecida como manqueira ou piétain. Ela não chega a impedir a comercialização de carne, pois não atinge as partes comestíveis, mas representa uma perda anual de 713 toneladas de lã só no Rio Grande do Sul, o principal produtor. A chuva constitui condição fundamental para que se dê a infecção, uma vez que o Estado vive duas épocas chuvosas, no verão e no inverno. Em contato com a umidade, o pé do ovino passa a desenvolver uma necrose da epiderme interdigital. Isto pode ser evitado através do exame e apara de cascos e da passagem do rebanho pelo pedilúvio, com 10% de formol. Os animais infectados devem ser mantidos em poteiros separados, ou sacrificados. Afinal, o agente da doença, o *Bacteroides nodosus*, não é de brincadeira, e constata-se em cerca de 70% dos ovinos no verão.



Aparar os cascos: essa prática, juntamente com o pedilúvio, previne a incidência do footrot

Foto: gentica L. A. Ribeiro



Foto: gentileza L. A. Ribeiro

Cordeiro com dermatofilose: umidade excessiva favorece o surgimento da doença

Ectima — Trata-se de uma zoonose contagiosa causada por um vírus do gênero *Perapoxivirus*. A doença ataca principalmente ovinos jovens, cursando com lesões (crostas) ao redor da boca, na coroa dos cascos e na vulva. Os cordeiros, com lesões nas comissuras labiais, podem ter dificuldade para mamar e, conseqüentemente, perdem peso e podem morrer. Já os exemplares que apresentaram lesões podais geralmente ficam mancos.

Dermatofilose — A enfermidade é conhecida vulgarmente como lã-de-pau e se caracteriza pelo aspecto aglutinado e rígido da lã nos ovinos atacados. O agente causador denomina-se *Dermatophilus congolensis*, comum a várias espécies de animais. Nesse caso, igualmente, o aparecimento no rebanho está associado à ocorrência de períodos úmidos. A umidade do velo favorece o estabelecimento da bactéria, causadora inicialmente de uma dermatite que aglutina as fibras da lã, tornando-as rígidas pela dessecação. É possível ainda que ocorram lesões na coroa do casco, levando o animal à manqueira.

Clostridioses — Uma variedade de *Clostridium sp* tem sido apontada como causa de perdas na ovinocultura. No Rio Grande do Sul, as clostridioses mais comuns são a enterotoxemia e a gangrena gasosa, ou carbúnculo sintomático.

toxemia e a gangrena gasosa, ou carbúnculo sintomático.

Para impedir a disseminação do Clostridium sp, devem-se desinfetar agulhas e seringas

A enterotoxemia é causada pela ação tóxica do *Clostridium perfringens*, principalmente do tipo D. A doença aparece com mais frequência em animais jovens e com bom regime alimentar. Ela surge bruscamente, mostrando sintomas nervosos de ataxia, opistotono e convulsões.

Já o carbúnculo sintomático, ou gangrena gasosa, tem como maior agente etiológico, o *Clostridium chauvoei*. As enfermidades são de aparecimento repentino e estão associadas a práticas de manejo, tais como esquilas, castrações, descola e parto. Os animais infectados apresentam febre e dificuldades em se locomover.

A confirmação do diagnóstico se dá pela análise dos sintomas e isolamento do *Clostridium* do músculo ou osso longo. Por isso, é imprescindível desinfetar agulhas e seringas, durante o manejo sanitário, para não espalhar infecções desse tipo no rebanho.

IMOBILIZADOR PARA BOVINOS VICEGRIP



INDICAÇÕES:

- MARCAÇÃO
- CASTRAÇÃO
- TATUAGEM
- DESCORNA
- TOSA/MAQUIAGEM
- TRATAMENTOS DIVERSOS
- PEQUENAS CIRURGIAS

VANTAGENS:

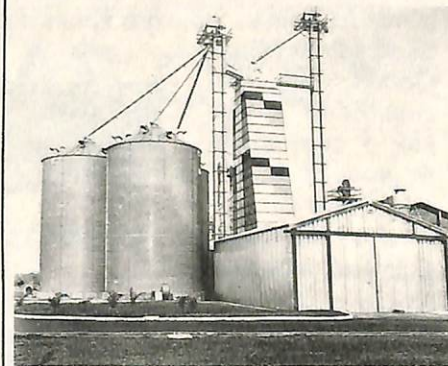
- FACILITA SEU TRABALHO
- AUMENTA A SUA PRODUTIVIDADE
- NECESSITA DE POUCA MAO-DE-OBRA

PARALISA OS MÚSCULOS VOLUNTÁRIOS. APARELHO ELETRÔNICO IMPORTADO. 100% SEGURO PARA O ANIMAL E PARA O OPERADOR. PEQUENO E PORTÁTIL. PESO DE APROXIMADAMENTE 1,2kg. RECARREGA A BATERIA NO ISQUEIRO DO CARRO. GARANTIA DE 2 ANOS.



CIQUISA FARMACÊUTICA LTDA.
Rua Conselheiro Travassos, 629 -
Porto Alegre-RS
Fones: (051) 222-8042 - 222-615
Fax: (051) 222-4740

SILOS METÁLICOS SECADORES



Rua Cap. Jacy da Silva Pinheiro, 1405
Cilo 3 - Cx.P. 981 - Fone: (043) 338-5000
Fax: (043) 338-5176
86.072-000 - Londrina-PR

CONSULTE-NOS

A suinocultura requer sanidade total



Foto: A Granja

Leitões em fase de amamentação: é preciso manter o local sempre limpo

A suinocultura, no Brasil, é uma atividade predominantemente de pequenas propriedades rurais. Cerca de 81,7% dos suínos são criados em unidades de até 100 hectares. Essa atividade se encontra presente em 46,5% das 5,8 milhões de propriedades rurais existentes no País, emprega mão-de-obra tipicamente familiar e constitui uma importante fonte de renda.

A importância no contexto nacional não reside apenas no grande número de produtores envolvidos, mas também no volume de empregos diretos e indiretos. São 2,5 milhões somente na Região Sul e nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Isso sem considerar o óbvio: a capacidade de produzir grande quantidade de proteína de alta qualidade num reduzido espaço e num curto período de tempo, se comparada com outras criações.

Como o homem é o agente ativo desta atividade chamada suinocultura, é necessário saber que a convivência satisfatória

com os suínos deve ter por base a sanidade total, a fim de que não se percam os resultados do trabalho. Assim, observe a limpeza diária das instalações, para evitar o surgimento de doenças, garantir o bem-estar dos animais e evitar o tão característico mau cheiro. Com o auxílio de uma vassoura e de uma pá, retire o esterco e a parte úmida das camas, que deve ser trocada. Não é aconselhável, porém, a lavagem frequente dos pisos de cimento, pois possivelmente vão se tornar abrasivos e provocar desgastes nos cascos do plantel.

O desgaste pode chegar até a exposição do tecido mole, ocasionando infecções. Recomenda-se, no entanto, lavar e desinfetar a cela parideira diariamente, depois de retiradas as fezes e a parte úmida das camas dos leitões, que, só voltarão à cela quando ela estiver totalmente seca e forrada com a cama. A desinfecção deve ser feita com desinfetante de baixa toxicidade e não-irritante, utilizando para essa operação o pulverizador. Observe, também, que é necessário lavar e desinfetar todas as instalações de onde foram retirados animais, incluindo-se aí paredes, tetos, objetos de uso diário, etc. Não se esqueça, nessa operação, dos silos de ração, que devem ser limpos e desinfetados de tempos em tempos.

Finalmente, queime todo e qualquer material descartável que circular pela área do criatório, a fim de não permitir a propagação de doenças. É o caso de sacos de ração, barbas, toalhas de papel e outros.

Se, apesar desses cuidados básicos, as doenças baterem na criação, é bom saber que só o veterinário tem condição técnica para fazer uma boa avaliação do seu plantel na questão da sanidade. Antes do profissional chegar, no entanto, isole todo e qualquer animal doente. Se estiver contaminado por uma doença fatal, sacrifique-o e queime seu cadáver.

SUÍNOS: CALENDÁRIO OFICIAL DE VACINAÇÕES

DOENÇA	TIPO DE VACINA	CONSERVAÇÃO	LOCAL APLICAÇÃO	PERÍODO IMUNIDADE	OBSERVAÇÕES
AFTOSA	Óleo (dupla emulsão)	Refrigerador de 2 a 8°C	Músculo	1 ano	Só utilizada em casos extremamente excepcionais. Nas perfílicas, com avaliação da Inspetoria Veterinária local.
ERISPELA	Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea ou intramuscular	6 meses	Primeira vacinação na quinta semana de vida. Revacinar na oitava. Nas fêmeas gestantes, entre a quarta e a terceira semana antes do parto. Aconselhada apenas para propriedades com problemas.
LEPTOSPIROSE	Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea ou intramuscular	6 meses	Primeira dose nos leitões aos 2 meses de vida. Revacinar semestralmente. Não indicada para propriedades livres da doença.
PARATIFO SUÍNO (Pneumointerite) (Salmonelose)	Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea	1 ano (variável)	Vacinar a fêmea coberta no 1º mês de gestação. Revacina-la 15 a 20 dias antes do parto. Os leitões vacinar entre os 15 e 30 dias de vida.
PARVOVIROSE	Suspensão (vírus inativado)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea ou intramuscular	1 ano	Primeira dose aos 6 ou 8 meses de vida. Nas fêmeas um mês antes da cobertura, a primeira dose. Revacinações anuais das fêmeas, 2 semanas antes da cobertura. Só aconselhada para propriedades afetadas.
PESTE SUÍNA*	Liofilizada (vírus vivo modificado)	Refrigerador de 2 a 8°C	Músculo	1 ano	Vacinações estratégicas. Nos leitões: aos 2 meses de vida. Nas fêmeas de 1ª gestação: 1 mês antes da cobertura. Porcas adultas: entre 70 e 90 dias após a cobertura. Machos: vacinações anuais.
RINITE ATRÓFICA	Suspensão (bacterina)	Refrigerador de 2 a 8°C	Subcutânea ou intramuscular	6 meses	Vacinar leitões na 1ª semana e revacinar na 4ª ou 5ª. Revacinações de 6 em 6 meses. Só aconselhada em propriedades infectadas, as quais devem comercializar seus suínos apenas para abate. Consultar Inspetoria Veterinária para maiores esclarecimentos.

Fonte: SAA/RS

* Não se vacina na Região Sul. O controle está sendo feito pelo Estado

Também é importante frisar que os animais a serem introduzidos no plantel devem ficar de quarentena (3 a 8 semanas), além de passar por exame clínico, tomar as vacinas, o banho contra a sarna e ficar sob observação.

Conheça, a seguir, as doenças mais importantes que podem comprometer o seu sossego, e, principalmente, o seu lucro.

Leptospirose — É uma doença transmissível caracterizada, sobretudo, por transtornos reprodutivos, tais como abortos, natimortos, fetos mumificados e nascimento de leitões fracos, que não sobrevivem. A doença sobrevém por um agente etiológico chamado *Leptospira*. Já foram identificados mais de 20 sorogrupos de leptospira infectando o homem e os animais.

No nosso caso, o mais importante para as condições brasileiras é o *L. poma*, que persiste até 6 meses em solos saturados de umidade, sobrevivendo apenas 30 minutos em terreno seco. Quem leva a doença para o plantel são, geralmente, os ratos, mas outros animais silvestres se prestam para o papel. Por isto, é imprescindível manter os roedores fora da área da criação, e, principalmente, das fontes de água. É que o suíno se contamina por esse meio e acaba transmitindo a doença a todo o plantel por via oral, venérea, através da pele lesada, por via conjuntiva e pela mucosa. Uma vez instalada na criação, a fêmea é

quem mais sofre, pois pode abortar e ter outras complicações de ordem reprodutiva.



Peste suína clássica: os animais contaminados apresentam hemorragia nos gânglios

Peste suína clássica — Essa é uma doença que acomete suínos de todas as idades.

Na sua forma aguda, determina um quadro de hemorragias generalizadas caracterizado por elevada mortalidade e morbidade.

Apresenta, ainda, outras formas clínicas, algumas de difícil reconhecimento, tais como sintomas de infertilidade, abortos, natimortalidade e crescimento retardado dos leitões. A peste suína clássica é causada por um vírus pertencente à família *Togaviridae*, do gênero *Pestivirus*. Ele sobrevive nas instalações por mais de 15 dias e nas fezes e urina. Em animais mortos, não submetidos à conservação, o vírus vive poucos dias. No entanto, o vírus da PSC persiste ativo por mais de um mês nas carcaças re-

frigeradas e até quatro anos nas carnes congeladas.

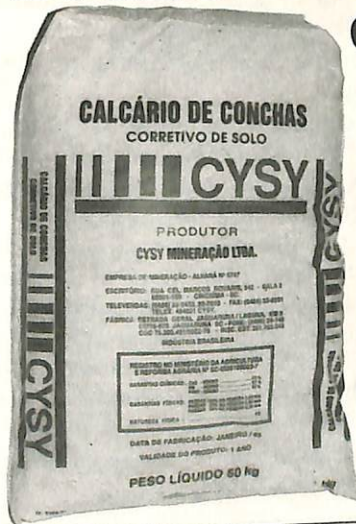
O agente causador da doença é eliminado do animal doente ou portador por todas as vias de secreção ou excreção. No interior da criação, fora o contágio direto, a infecção se processa pela ingestão de água e alimentos contaminados, pelo movimento de animais em ambientes infectados ou pelo transporte mecânico do vírus (nas botas, vestimentas), além de por insetos, aves e materiais cirúrgicos, todos funcionando como vetores.

É raro, mas existem suínos que, mesmo pegando o vírus, vivem sadiamente a sua vida produtiva, embora espalhem o agente no interior da criação.

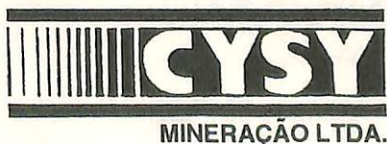
Aflatoxicose — Esta é uma doença causada pela ingestão de toxinas presentes em alimentos contaminados pelos fungos *Aspergillus flavus* e *Aspergillus parasiticus*. Estes dois fungos são espécies cosmopolitas, muito freqüentes em rações e ingredientes no mercado brasileiro. Podem contaminar grãos de milho quando esses estiverem com um índice de 17% de umidade. Isso ocorre mais freqüentemente em propriedades rurais de pequeno porte, que apresentam deficiências em instalações ou equipamentos. Assim, se qualquer animal consumir ração contendo níveis de aflatoxina superior a 300ppb, pode estar sujeito a graves lesões no fígado, além de predispor o rebanho a outras doenças

CALCÁRIO DE CONCHAS CYSY

CORRETIVO DE SOLO ORGÂNICO



- 300 kg/hectare aplicado em linha. É o caso das culturas de soja, milho, feijão.
- Proporciona excelente incremento na produção.
- Baixíssimo custo por hectare corrigido.
- Proporciona correção da acidez ao mesmo tempo em que reagem os adubos químicos.
- Fornece grande quantidade de cálcio e, em pequena escala, micronutrientes como molibidênio, zinco, cobre e boro.



ESCRITÓRIO VENDAS: Rua Cel. Marcos Rovaria, 546 - 2º Andar
 Telex: 484031 - Cx. P. 26 - Fone: (0484) 33-9433
 FAX: (0484) 33-6591
 88.801-100 - CRICIÚMA - SC

TABAPUÃ



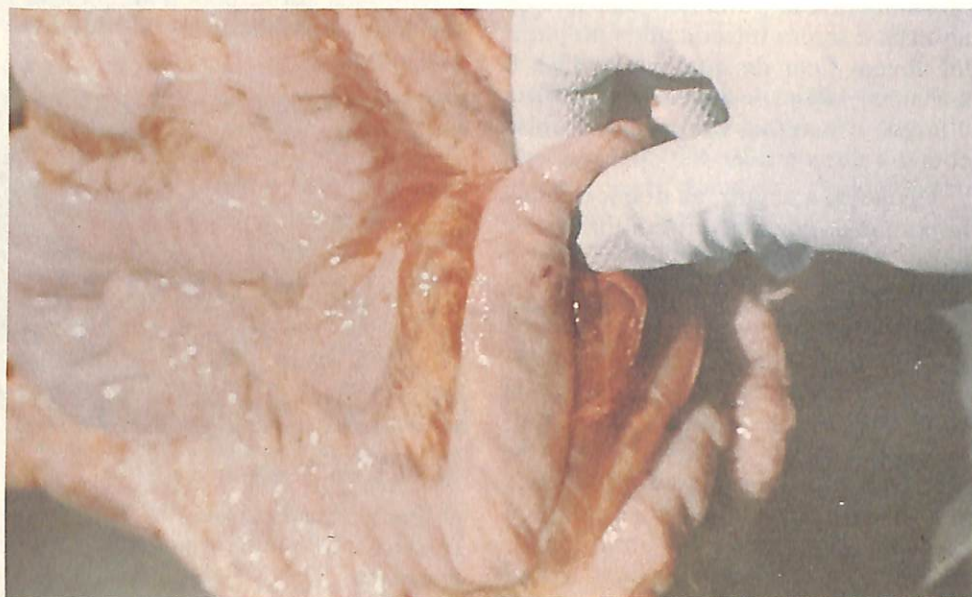
**CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS
DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL,
DESDE 1975.**

**RUSTICIDADE, FERTILIDADE E
GRANDE GANHO DE PESO**

**TABAPUÃ,
A RAÇA FEITA PARA O BRASIL
FAZENDA ÁGUA MILAGROSA**

Cx. Postal 23 - 15880-000 - Tabapuã - SP
Tel: (0175) 62.1117 - PABX e FAX: 62.1499

Foto: L.A. Ribeiro



Colibacilose: a vacinação das porcas gestantes transfere imunidade aos leitões

secundárias, pela redução da imunidade.

Rinite atrofica — Trata-se de uma enfermidade infecto-contagiosa de evolução progressiva e crônica. Caracteriza-se pelo desaparecimento dos cornetos nasais e deformidade no focinho. Os cientistas consideram a

rinite como doença multifatorial, causada por *Bordetella bronchiseptica* e *Pasteurella multocida*. Vários fatores predis põem o rebanho à enfermidade, entre eles: utilização do sistema contínuo de produção, excesso dos gases de amônia, sulfídrico e carbônico; ventilação inadequada; e altos níveis de poeira no local. A transmissão ocorre por contato entre os animais ou através de aerossóis, pela via aerógena. Em geral, num plantel, apenas algumas porcas e leitoas transmitem os vírus da infecção às suas leitegadas, que têm o crescimento retardado. Os animais mais velhos, via de regra, apresentam lesões menos graves no focinho.

Colibacilose — Essa doença causa um quadro de infecção intestinal que ataca o suíno do período neonatal até o vigésimo-quinto dia de vida. É causada por uma enterobactéria chamada *Escherichia coli*, que age, de forma associada, com outros fatores de infecção.

É o caso de acúmulo de urina, fezes e, principalmente, rações contaminadas. O leitão também pode pegar a bactéria por má desinfecção no ambiente, o mesmo ocorrendo entre as leitoas, que repassam o agente da doença a seus fetos. O resultado desse descuido são diarreias freqüentes nos leitões, as quais podem mesmo levar à alta mortalidade no criatório. O problema todo é causado pela ação da *Escherichia*, que se alimenta no intestino do leitão. ■



**ATENDIMENTO
MÉDICO-ODONTOLÓGICO
AMBULATORIAL E HOSPITALAR
AS EMPRESAS E PARTICULARES.**

FONE: 342-4242

Descubra aqui os segredos da correta vacinação

Para promover uma vacinação correta, observe os conselhos abaixo, elaborados pelos técnicos do Serviço de Inspeção Sanitária da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul.

* Antes de aplicar a vacina, sempre ferver em água seringas e agulhas.

* Nunca esterilizar seringas e agulhas com qualquer que seja o desinfetante. É que os desinfetantes, em contato com a vacina, podem prejudicá-la, interferindo negativamente na proteção imunitária a ser conferida ao animal.

* Usar desinfetante, álcool, por exemplo, somente no local onde será feita a aplicação.

* Verificar se a seringa está funcionando perfeitamente.

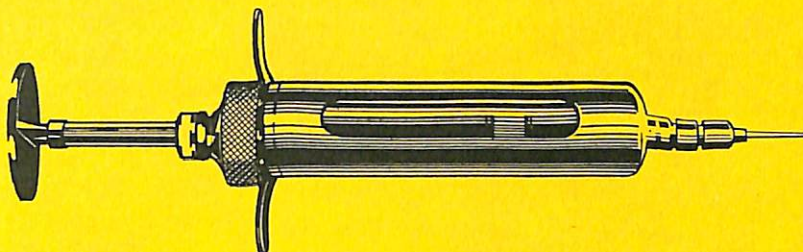
* Retirar as bolhas de ar no momento da aplicação.

* Imobilizar o animal de forma segura, para que a agulha, ao ser introduzida, não sofra desvios nem

provoque hemorragias, traumatismos ou dilaceramentos da pele e músculos, fazendo com que o líquido seja normalmente absorvido pelo organismo.

* Não deixar a vacina exposta ao sol sob nenhuma hipótese. Os raios solares podem inativar a vacina.

* Os frascos não devem ficar abertos, pois provavelmente vão absorver poeiras prejudiciais dos brejes e currais.



* Sempre vacinar os animais à sombra.

* Não vacinar o rebanho juntamente com os banhos de imersão.

* Evitar exercícios e trabalhos forçados aos animais, 24 horas antes e até 15 dias após a imunização.

tes e até 15 dias após a imunização.

* Não excitar os animais no momento da aplicação (espancamentos, cães acuando, gritos e palavrões).

* Observar se a agulha não atravessou a pele de lado a lado, no momento de injetar o produto.

* Verificar sempre a validade do produto. Nunca aplicar vacina vencida.

* Observar rigorosamente as formas de conservação dos produtos.

Por exemplo: se uma vacina for conservada no gelo, assim ela deve permanecer até o instante da aplicação.

* Utilizar sempre produtos recomendados por veterinários credenciados.

* Não dar demonstrações de rapidez e destreza no ato de vacinar.

* Operar sempre com calma e paciência, pois a pressa é inimiga dos bons resultados, e as qualidades do criador estão diretamente ligadas ao estado geral do rebanho.

* Não esquecer de que a vacina possui uma fase negativa de imunização. Isto é, ela só vai proteger o animal depois de um certo período.

SAFRAS & Mercado

ESTÁ NA HORA DE PLANEJAR A COMERCIALIZAÇÃO DA SUA SAFRA

Quando você faz uma assinatura de SAFRAS & Mercado, você está entrando num completo sistema de informações e análises de mercado.

Assine SAFRAS & Mercado
e garanta um ano de lucros
na comercialização de seu produto.



CUPOM DE ASSINATURA

Gostaria de receber a(s) publicações especializada(s) SAFRAS & Mercado, por três (3) meses, que pagarei na forma indicada abaixo:

Publicação	valor do Pagto.
SAFRAS & Mercado SOJA & Grãos (semanal)	Cr\$ 9.500,00
SAFRAS & Mercado MILHO (quinzenal)	Cr\$ 7.500,00
SAFRAS & Mercado ARROZ (quinzenal)	Cr\$ 7.500,00
SAFRAS & Mercado CARNES (quinzenal)	Cr\$ 7.500,00

☐ ANEXO CHEQUE NOMINAL A: EDITORA SAFRAS LTDA.
Av. Otávio Rocha, 115/11º andar - CEP 90.020-904 - POA - RS

☐ Cartão de Crédito nº: _____

Sistema Visa Validade: _____

Se quiser ligue: (051) 224.7039.

NOME: _____

EMPRESA: _____ CARGO: _____

ENDEREÇO: _____ CEP: _____

CX. POSTAL: _____ CIDADE: _____ UF: _____

CGC/CPF: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____ TLX: _____

DATA: ____/____/____

ASSINATURA

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30 DE OUTUBRO DE 1993



Foto: A Grupa

Quem manda no campo é o consumidor

Texto: Jurema Josefa

A diversidade de gostos e tendências dos consumidores das cidades está direcionando a produção agrícola para as exigências do mercado

As grandes cadeias de supermercados apresentam a cada dia novos setores, com o objetivo de atender tipos especiais de clientes. Os produtos expostos nesses nichos vão ao encontro de consumidores que estão preocupados em seguir filosofias relacionadas à forma física, à saúde, ou, ainda, a convicções religiosas ou raciais. Também uma série de butikues, voltadas para clientes ditos "exclusivos", vem preenchendo lacunas que, há cerca de 15 anos, poucos imaginariam que existissem.

Embora para o consumidor comum essas novidades passem despercebidas, o fato se insere dentro de um contexto mais abrangente. Está relacionado com as transformações estruturais ocorridas na agricultura, o que, como consequência mais acentuada, fez a lavoura passar a produzir de forma direcionada. Ou seja, voltada para o mercado. Um mercado que exige mudanças rápidas nas gôndolas dos supermercados, responsáveis por 14% dos pontos de venda, mas que detêm uma demanda que representa 80% do consumo de alimentos no Brasil.

Toda essa movimentação, com o lançamento de novos setores ou de produtos, é fruto de uma conjuntura mais ampla do mercado, que, nos dias atuais, exige muita competitividade por parte dos que desejam assegurar sua vaga junto ao consumidor final. E, para poder manter uma sintonia perfeita com quem paga a conta final, as redes de abastecimento têm especialistas em captar os menores desejos dessa ponta, levando-a para o começo da meada: o produtor, no campo.

Com esse recado, Ivan Wedekin, diretor-comercial da Agrocere —

empresa especializada na produção e comercialização de sementes selecionadas de grãos e hortaliças — manteve atenta uma platéia de produtores, no Ciclo de Debates sobre a Produção Rural, promovido por Adubos Trevo S.A. e SLC Indústria e Comércio.

O palestrante, engenheiro-agrônomo com especialização no setor de Agribusiness, salientou que três fatores podem ser destacados no processo de transformação da estrutura agrícola. Atualmente, o setor atua com orientação para o uso da tecnologia; para o mercado e por processos.

Redução de custos — Ao buscar mais tecnologia, o produtor pensa na redução de custos e melhores resultados. Com a meta de atender o que o mercado exige, garante a rápida circulação da sua produção, pois tem comprador assegurado, economizando em armazenagem, o que determina um custo menor. Por fim, quando produz orientado por processos, seguindo padrões técnicos previamente estabelecidos, atinge níveis mais elevados de produtividade, o que resulta em me-

nos custos e maior lucratividade em menor espaço cultivado.

Uma receita de qualidade — Um assunto que ainda se encontra distante do produtor rural como um todo, mas que está avançando sobre a atividade agropecuária, é o TQC (Total Quality Control), ou controle de qualidade total. Segundo afirmou o engenheiro-mecânico Luiz Alberto Zechlinski, da Adubos Trevo, em sua explanação no Ciclo de Debates sobre Produção Rural, o TQC deve interessar a todos os que atuam numa organização em qualquer tipo de atividade. Mesmo na agricultura, desde o plantio e o armazenamento até a distribuição.

A mudança de postura que a filosofia de administração TQC prega exige o treinamento de pessoal, com o objetivo de propiciar um repensar dos procedimentos que são realizados na empresa. A finalidade dessa nova postura é a obtenção de um serviço ou produto de melhor qualidade.

TQC na Trevo — Luiz Alberto Zechlinski apresentou o programa que a Adubos Trevo adotou há cerca de um

ano. Após o treinamento dos gerentes, na Fundação Cristiano Ottoni, da Universidade Federal de Minas Gerais, uma série de metas vem sendo atingida. Uma delas foi a dinamização da distribuição, com a aplicação de novos processos na pesagem do produto.

Todos os que realizaram o curso passaram a atuar como irradiadores da “boa nova”, criando condições para que, em cada setor, houvesse reflexão e ação sobre, por exemplo: “Qual a finalidade da empresa para qual atuamos? Quais os seus produtos? Eles são bons? Nossos serviços e produtos estão sendo bem recebidos pelos consumidores?”.

Clóvis Terra Machado dos Santos, diretor da Federarroz, acredita que o setor agrícola tem condições de absorver os ensinamentos de TQC. Na área de armazenagem, onde existem problemas sérios no País — embora o Rio Grande do Sul conte com uma excelente rede de armazenagem —, ou ainda no beneficiamento de arroz, por exemplo, existem possibilidades de adoção de procedimentos do TQC. ■

O mínimo que você
pode esperar de um arame é
que ele seja resistente.

O máximo é que ele seja
Belgo Z-700.

Arame ovalado
é Belgo Z-700.
Igual, não tem

outro. Como o próprio nome já diz, Belgo Z-700 resiste a impactos de até 700 kgf. É arame forte que aguenta firme as investidas da boiada, sem machucar o couro do animal. Tem proteção de zinco contra



ferrugem e
grande elas-
ticidade. É

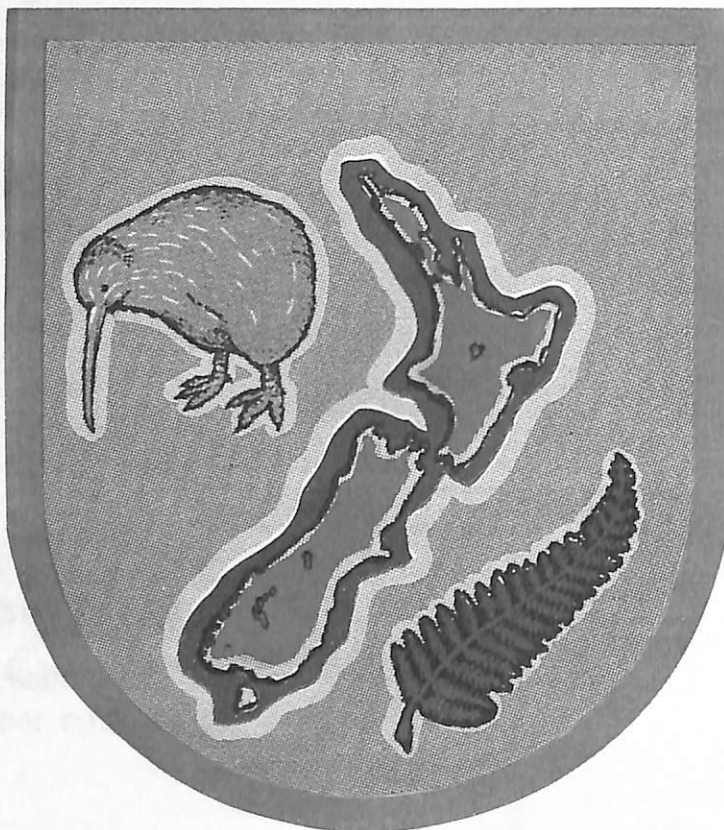
maleável e muito fácil de trabalhar. Valorize a sua fazenda, faça a sua cerca com o arame liso que dá sossego. Use Belgo Z-700.

A proteção
completa.

Qualidade
**Belgo
Mineira**
É firme, é forte.
É Belgo-Mineira.

A PECUÁRIA DA NOVA ZELÂNDIA

Venha conhecer a pecuária mais produtiva do mundo, visitando e se hospedando nas mais avançadas fazendas da Nova Zelândia. Conheça os segredos da alta produtividade a baixos custos. Nosso programa inclui visitas a diversas propriedades de gado de corte, ovinos, gado de leite, bull beef. Também inclui visita a Massey University e suas



fazendas-modelo, sempre com acompanhamento de técnicos, além de tradutor especialista na área. Visita às duas ilhas (Norte e Sul), com pausas para conhecer as belezas da Nova Zelândia, incluindo Milford Sounds (chamada de oitava maravilha do mundo), Queenstown, Auckland, Christchurch, Rotorua (Waitomo Caves) e muitos outros lugares.

**EXCLUSIVO GRUPO DE BRASILEIROS
ACOMPANHAMENTO DE ESPECIALISTAS
COM AMPLOS CONHECIMENTOS DA
NOVA ZELÂNDIA**

SAÍDA:
14 de novembro/93

CHEGADA:
01 de dezembro/93

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Candiota
VIAGENS E TURISMO
Av. Salgado Filho, 94 - 8º andar
CEP 90010-220 - Porto Alegre - RS
Fone: (051) 224.1234 - Fax: (051) 226.1234



MINISTRY OF EXTERNAL
RELATIONS AND TRADE
NEW ZEALAND
TRADE DEVELOPMENT
BOARD

APOIO:

MINISTÉRIO
DA AGRICULTURA
DA NOVA ZELÂNDIA

**AEROLINEAS
ARGENTINAS**

agranja



Búfalo na mesa

A Associação Sulina de Criadores de Búfalos (ASCB), que detém 3% do rebanho nacional, está executando um programa para incrementar o consumo da carne de bubalinos. A entidade uniu produtores a uma cooperativa informal, e ali são produzidos cortes tipificados como maminha, contrafilé, coxão, entre outros. Para João Ghaspar de Almeida, presidente da ASCB, o búfalo não veio para substituir o bovino, mas, sim, para oferecer uma carne onde o diferencial mais importante é o baixo teor de colesterol, 40% menos, e, ainda, destacam-se menos 12 vezes lipídios e 13,5 partes de gordura saturada. "Estamos preocupados em organizar a produção de carne, leite e couro", enfatiza o entusiasta produtor.

Congresso em Uruguaiana

O XII Congresso Gaúcho de Zootecnia está marcado para o período de 3 a 6 de novembro, em Uruguaiana/RS. No programa constam palestras com os seguintes tópicos: "Avanços em nutrição animal", Antônio Bertechini (Esal/MG); "Mineralização animal", Luis Tayarol; "Melhoramento genético em aves e suínos", Embrapa/SC; "Estimativa de composição corporal *in vivo*", Jaime Tarouco; "Integração das atividades agropecuárias", Jaime Ries; e

apresentação de trabalhos científicos. Para maiores informações, ligar para (055) 412-4545.

Software controla suínos

O suinocultor tem um novo aliado para dimensionar os custos de produção: trata-se do Suicalc, um software que permite calcular o gasto considerando vários níveis tecnológicos com base no número (13 a 25) de terminados/porca/ano. Além disso, permite alterar os coeficientes de produtividade, entre eles o consumo de alimentos, medicamentos, mão-de-obra, energia elétrica, etc. Esse programa pode ser encontrado no Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA), da Embrapa, em Concórdia/SC, pelo fone (0499) 44-0122, ramal 218.

processamento agroindustrial para frutas. Informações pelo fone (071) 243-5757.



As novidades do plantio na palha

O 1º Encontro Latino Americano sobre Plantio Direto na Pequena Propriedade será desenvolvido de 22 a 26 de novembro, em Ponta Grossa/PR. O evento é uma promoção do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), através do Pólo Regional de Pesquisa Agropecuária de Ponta Grossa, e visa mostrar as últimas tecnologias em solos de baixa aptidão, incluindo o desenvolvimento e avaliações em sistemas de produção da semeadora-adubadora de plantio direto à tração animal. Trabalhos, experiências e discussões de metodologias na América Latina serão levados ao conhecimento do produtor. Informações pelo fone/fax (0422) 25-1919.



As frutas da Bahia

A Feira Nacional da Agricultura Irrigada — Fenagri — está agendada para os dias 20 a 23 de outubro, em Juazeiro/BA. Cerca de 100 expositores vão apresentar as últimas novidades em equipamentos, tecnologias e serviços. A Fenagri objetiva despertar e sensibilizar produtores, exportadores e industriais sobre o potencial baiano. Entre os temas em discussão, destacam-se a competição e a colocação de frutas via blocos econômicos (Mercosul, CEE e Nafta); o Japão como novo mercado consumidor de frutas brasileiras; o marketing de frutas com a experiência chilena; a conquista de mercados externos e, ainda, o

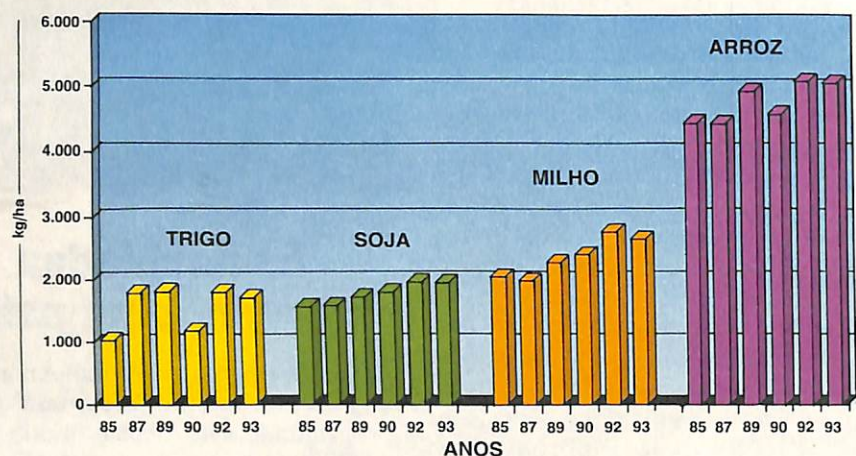
Gelbvieh prepara jurados

Veterinários, zootecnistas, agrônomos e acadêmicos de último ano interessados em aprofundar conhecimentos sobre a raça gelbvieh poderão participar do I Curso de Avaliação Zootécnica e Classificação de Animais para julgamento e registro. A promoção é da Associação Brasileira dos Criadores de Gelbvieh, tendo por local o Parque de Exposições de Goioerê/PR, nos dias 12 e 13 de novembro. Os interessados podem fazer a inscrição pelo fone (043) 329-1737.

Agro gaúcho reage e começa a ser competitivo

RENDIMENTO MÉDIO DAS PRINCIPAIS CULTURAS DO RS

- ANOS DE SAFRAS NORMAIS - 1985 a 1993 -



FONTE: IBGE/SAFRAS & Mercado

OBS.: 1993 - PREVISÃO

Após uma década inteira perdida, a agricultura do Rio Grande do Sul dá a volta por cima e começa a mostrar sinais de competitividade. Apesar da prolongada recessão, investimentos e melhora qualitativa no manejo das lavouras ocorreram nos últimos anos, e os resultados começam a aparecer.

Os sinais já são mais que evidentes, notadamente em nível de produtividade das lavouras de grãos. Se a produção gaúcha de grãos aumentou, fazendo com que o Estado retome a antiga condição de maior produtor brasileiro, mais importante é a razão dessa evolução: ela se deve, fundamentalmente, à elevação do rendimento médio das lavouras.

A produtividade da soja mostra avanços notáveis. Depois de duas décadas intermináveis, em que o rendimento médio teimava em persistir na faixa dos 1.500/1.600 quilos por hectare, um dos mais baixos do mundo, nas últimas safras as lavouras chegam a resultados já na casa dos 2.000 quilos, comparando-se à média nacional.

O trigo, que parecia condenado ao desaparecimento em decorrência da integração do Mercosul, dá mostras de ter encontrado um espaço novo para crescer, mais modesto, mas segura-

mente mais eficiente, com bom selecionamento de áreas, sustentação de níveis atraentes de produtividade e, o que é mais importante, mostrando o surgimento de novas variedades de melhor qualidade para moagem, um diferencial importante quando se trata de concorrer com o excelente produto argentino.

O arroz segue impávido seu permanente avanço tecnológico, não obstante o sério endividamento e a crise já longa deste setor. A produção de 1993 superou todas as expectativas, com uma nova escalada no rendimento das lavouras.

E o milho? Este, sem dúvida, também cresceu em produtividade, mas é ainda o primo pobre. Porém os gaúchos, aparentemente, começam a perceber o grande futuro reservado a essa cultura, que tem tudo para se tornar a nova base de sustentação da agricultura de grãos. Com demanda sustentada e mercado apresentando preços melhores e melhor liquidez, em face principalmente de uma forte e competitiva agroindústria, como a de aves, pouco a pouco o milho começa a ocupar um lugar de destaque. E já a partir do próximo ano: 1994 tem tudo para ser o ano desse cereal, diante da grande quebra da safra americana, que de-

terminou um forte elevação das cotações do produto argentino.

O gráfico nesta página mostra bem a evolução que o Rio Grande do Sul vem apresentando nas últimas safras, demonstrando estar aprendendo a conviver com os desafios dos novos tempos de Mercosul, que exigem uma agricultura mais profissional e competitiva.

Com isto, os agricultores gaúchos têm tudo para neutralizar a imagem de eternos chorões que transmitiram à sociedade brasileira ao longo de quase duas décadas. Está na hora de começar a capitalizar politicamente essa nova postura de eficiência.

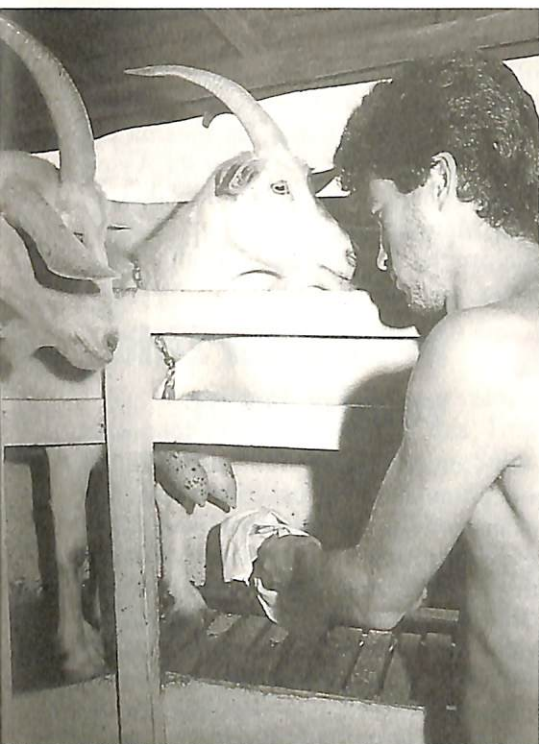
Milho pode ter bom ano em 94

As primeiras intenções de plantio para a safra de grãos 93/94 mostram um razoável crescimento na área de soja, pequena redução na de milho e tendência de redução também na de arroz de sequeiro em todo o Centro-Oeste, embora parcialmente compensada por uma sustentação, ou até mesmo incremento, de arroz irrigado no Sul. Isso, pelo menos, é o que mostram os primeiros levantamentos dos analistas da empresa especializada SAFRAS & Mercado, divulgados nas últimas semanas.

É um comportamento de certa forma esperado. De qualquer modo, nada que indique ser possível atingir as expectativas do governo ao anunciar seu plano agrícola (que a rigor não introduziu nada de novo, a não ser a contumaz escassez de crédito): de uma produção de 80 milhões de toneladas em 94. Podemos nos dar por satisfeitos se atingirmos os 70 milhões a que já estamos acostumados.

De verdadeiramente lamentável, só a redução da área de milho. Os produtores talvez estejam demasiadamente entusiasmados com os bons preços da soja este ano, mas é o milho que, possivelmente, apresentará os melhores preços em 94.

Silmar C. Müller



Do tarro para o saquinho

Nos últimos dez anos, houve um forte incremento na caprinocultura paulista, elevando a produção de leite de cabra, utilizado inclusive para fins terapêuticos. Até a década de 50, o produto era vendido de porta em porta pelo próprio criador, que conduzia o rebanho pelas ruas das cidades e fazia a ordenha na frente do freguês. As características artesanais na atividade predominaram por muito tempo, sem qualquer forma de controle oficial para garantir a qualidade. Assim, a comercialização era considerada clandestina.

Em função do crescimento da atividade, o governador paulista Luiz Antonio Fleury determinou a adequação das normas técnicas do recém-criado Serviço de Inspeção Estadual dos Produtos de Origem Animal para a produção do leite de cabra e seus derivados. O estabelecimento que produzir, pasteurizar, empacotar e negociar até 500 litros por dia será considerado artesanal. Os caprinocultores situados nesta faixa poderão registrar o plantel no Departamento de Defesa Agropecuária (DDA), órgão ligado à Coordenação de Assistência Técnica Inte-

gral (Cati). Os veterinários do DDA estão orientando os criadores no sentido de aproveitar melhor as instalações da propriedade, sugerindo adaptações, tanto em nível de construção quanto no manejo dos animais, garantindo a boa qualidade do produto final.

Alternativa — Embora o leite de cabra não faça parte da dieta do brasileiro, bem ao contrário do que acontece em alguns países europeus, ele tem sido bastante procurado como opção alimentar para crianças com alergia ao leite de vaca. A gastroenterologista Dorina Barbieri, ligada ao Instituto da Criança/SP, nos últimos dez anos vem recomendando o leite caprino somente para crianças com quadro alérgico, uma vez que, do ponto de vista nutricional, é muito similar ao bovino.

Pela experiência clínica de Dorina, cerca de 50% dos tratamentos apresentam resultados positivos, porém ela reclama da dificuldade em encontrar o produto no mercado. Já o médico Francisco Agostinho, pediatra do município de Marília/SP, há 12 anos o prescreve como medicação, cuja prova positiva chega a 75% dos casos, com mudanças clínicas notáveis.

O veterinário Ivan Crocetta, do Serviço de Inspeção Estadual, explica que a intolerância ao leite de vaca está ligada à lactose — açúcar existente no leite bovino em quantidade superior ao caprino. Crocetta conta que algumas crianças não conseguem produzir, em volume suficiente, a enzima responsável pelo desdobramento do açúcar, que é a lactase. E, com o processo de digestão prejudicado, o açúcar permanece no trato digestivo, entrando em fermentação, o que gera o quadro clínico característico. “Na ótica alimentar, os dois produtos apresentam a mesma classificação, diferindo, porém, dos leites dos eqüinos e asininos, que apresentam uma composição mais próxima à do humano, portanto de melhor digestão pela criança.”

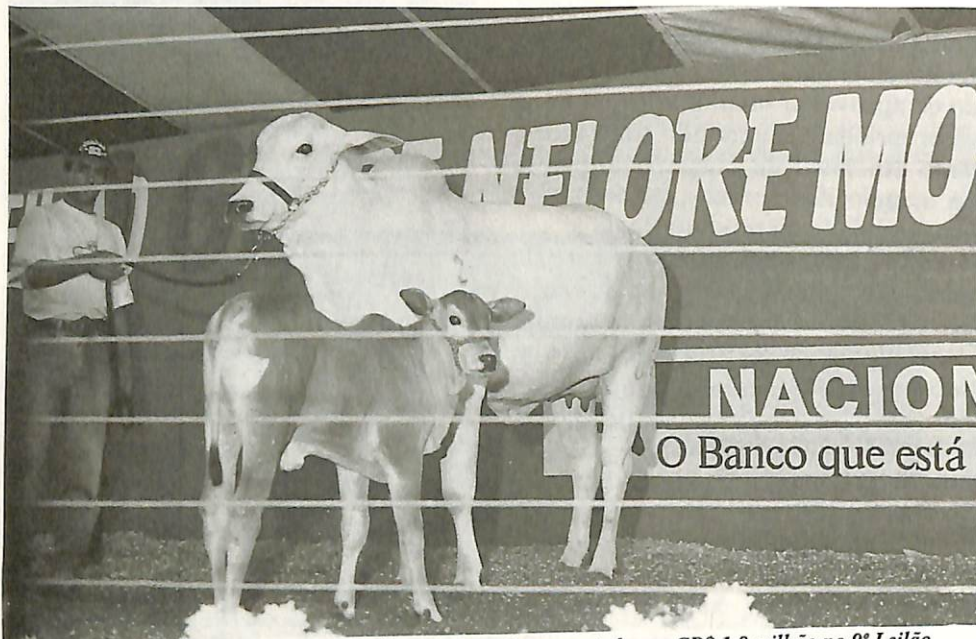


Dúvida até a primeira mordida

Quem pode, com certeza, afirmar que um corte de carne será tenro antes da primeira dentada? Os vários graus de maciez que a indústria mundial enfrenta atualmente, no varejo, com determinados pedaços, levaram o fisiologista Mohammad Koohmaraie, do Centro de Pesquisa de Carne Animal, de Nebraska (EUA), a estudar o problema. A fim de melhorar a qualidade, as carcaças e cortes em geral são armazenados (envelhecidos) sob refrigeração por uma ou duas semanas. Para contrariar esta regra, o pesquisador encontrou um modo de atingir idêntico efeito em apenas 24 horas.

O trabalho de Mohammad tem sido útil em viabilizar a aplicação de cloreto de cálcio no transcorrer do amaciamento, o que provoca deterioração ou envelhecimento do músculo, acelerando o processo. Quando as carcaças recebem refrigeração, a pequena quantidade natural de cálcio presente na carne vai tornando tenro o produto. “As injeções imediatas ou até 24 horas depois do abate elevam a concentração de cálcio do músculo, proporcionando uma carne macia em tão-somente um dia. O superamaciamento não é problema, tanto na classificação como na inspeção.”

As avaliações em relação ao emprego desta tecnologia, também viável em ovinos, mostram que o sabor da carne não é afetado, bem como torna-se mais fácil o trabalho da própria indústria, informa o cientista americano. “O cálcio extra na carne pode inclusive permitir a venda do produto como fortificado, possibilitando aos consumidores uma fonte alternativa de complemento mineral.”



Preço top: a vaca da raça nelore mocho "Ágata TE OB", arrematada por CR\$ 1,8 milhão no 9º Leilão "GR", realizado durante a 30ª Expo de Presidente Prudente

Qualidade marca exposição em Presidente Prudente

A excelência dos exemplares comercializados na 30ª Exposição de Animais de Presidente Prudente, em São Paulo, foi a grande responsável pelo sucesso de vendas da mostra, com arrecadação de US\$ 1,3 milhão. Esse montante chegou a superar as expectativas, pois as projeções oscilavam na casa dos US\$ 1,1 milhão, com a realização de 17 remates de elite nos dez dias de evento. E em negócios paralelos, tais como máquinas, sêmen, veículos, entre outros, foram mais US\$ 600 mil, fechando no geral US\$ 1,9 milhão.

O presidente da Comissão Executiva Central, Rubens Eduardo Ferreira, ao fazer um balanço da exposição, disse que ficou muito satisfeito com os resultados finais. Da mesma opinião compartilhou o secretário de Agricultura e Abastecimento paulista, Roberto Rodrigues, destacando o nível técnico dos animais. "Sem dúvidas, trata-se de uma exposição que primou pela quantidade e altíssima qualidade", e completou com a afirmação de que retornaria à capital satisfeito e entusiasmado com os horizontes da pecuária brasileira.

Entre as raças bovinas que partici-

param dos pregões, as de melhor desempenho foram a nelore variedade mocho e a marchigiana. No 9º Leilão Internacional "GR", a vaca "Ágata TE OB", de Luiz Carlos Marino, de Avaré/SP, saiu por CR\$ 1,8 milhão para Manoel Jacinto e outros, de Presidente Venceslau/SP; a "Paquita da GR", de Dionízia de Souza, foi negociada no mesmo remate, também para Jacinto, por CR\$ 1,2 milhão. No 2º Leilão de Bovinos Marchigiana, a vaca "Ízilda da Tamoio", que pertencia a Antonio Delamuta, recebeu como lance CR\$ 1,02 milhão, dado pela Katayama Agro-Avícola e Pecuária Ltda.

Recorde no mangalarga marchador

A égua mangalarga marchador "Abaíba Danta" é a nova recordista em preço na raça, tendo sido arrematada pela importância de US\$ 171,6 mil, durante o 6º Leilão Âncora na 12ª Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador. A fêmea pertencia a Marcílio Ivo Rocha Figueire-

do, do Haras Bela Fama, em Curvelo/MG, e foi adquirida pelo criador Antônio de Andrade Ribeiro Junqueira, da Fazenda Abaíba, da mesma cidade. Segundo informações da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Mangalarga Marchador, a égua está prenhe do garanhão "Plutão Bela Fama", campeão nacional de marcha.

Nelore da Zillo vende bem

A Companhia Agrícola Luiz Zillo, conceituada como uma das maiores usinas produtoras de álcool e açúcar, resolveu promover um superleilão na própria Fazenda Santo Antônio do Rio Claro, em Lençóis Paulista/SP. Além de buscar a redução de custos, essa iniciativa permitiu à empresa passar em pista um maior número de animais, distribuídos em 225 bovinos nelore; 13 novilhas jersey; dez equinos quarto de milha e, ainda, 100 ovinos de corte das raças ile de france e suffolk.

O total apurado chegou a CR\$ 67 milhões, tendo como destaque o gado nelore, cuja oferta rendeu CR\$ 59,1 milhões, gerando a média de CR\$ 263 mil. Os valores individuais mais altos foram conseguidos pelos machos POI, saindo 25 animais por CR\$ 7,8 milhões, com média de CR\$ 313 mil. Os touros PO igualmente alcançaram bom desempenho, com a venda de 83 exemplares por CR\$ 22,8 milhões, para uma média de CR\$ 276 mil. Na parte de fêmeas, as 32 POI somaram CR\$ 7,3 milhões, média de CR\$ 228 mil. Por outro lado, as 85 PO que desfilarão na arena atingiram CR\$ 21,1 milhões, sendo CR\$ 249 mil a média.

Três Fronteiras fatura alto

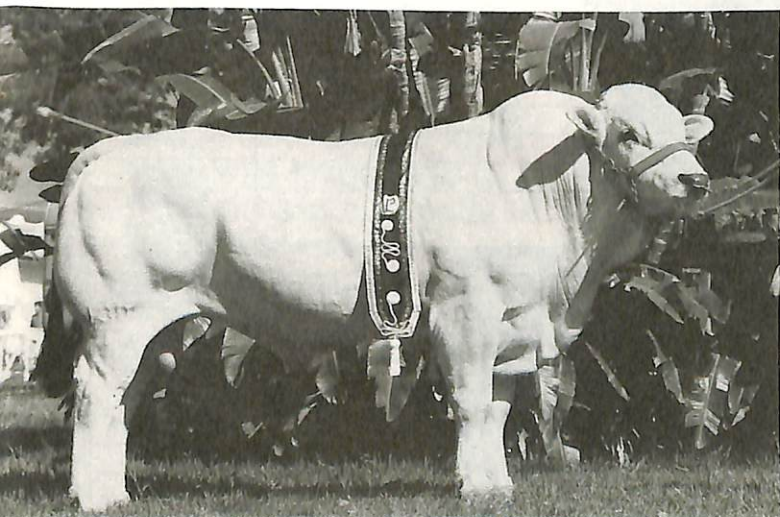
O primeiro leilão individual do Haras Três Fronteiras, propriedade de Jaffer Felício Jorge, realizado no dia 14, no Palace/SP, foi coroado com a maior média de preços do ano (CR\$ 1,2 milhão/US\$ 11,3 mil) para a raça mangalarga. A leiloeira Programa foi a responsável pelas vendas dos 41

animais, chegando a uma apuração de CR\$ 50 milhões. A égua "Avenca das Três Fronteiras", com seis anos de idade, saiu por CR\$ 4 milhões, numa aquisição do criador Orpheu José da Costa, com haras em Vargem Grande do Sul/SP. Este homem é considerado um dos expoentes no mangalarga em termos de seleção, dispondo de um plantel com mais de 600 equinos.

Em relação a potras, a mais valorizada chama-se "Exposição das Três Fronteiras", comprada pelo produtor José Raimundo Jansen Pereira, de São Paulo, que desembolsou CR\$ 2,1 milhões. O único macho que fez parte da oferta, "Proteu OJC", saiu por CR\$ 800 mil, lance dado pelo paulista Domingos Peixoto. Ao final do leilão, Jaffer estava satisfeito, destacando que a qualidade dos animais foi fundamental para que atingisse o sucesso.

Marchigiana faz melhor média

No Leilão Master Marchigiana, realizado no dia 13 de setembro, em São Paulo, o touro "Genioso da Quatro Irmãos", de três anos, foi comprado pelo criador Pedro Garcia Pagan pela soma de US\$ 29,4 mil. O animal pertencia ao condomínio formado por Otávio Pedriali e Lauro Garcia Moli-



"Genioso da Quatro Irmãos": touro da raça marchigiana vendido por US\$ 29,4 mil

Rústicos do RS entram em pista

Com a chegada da primavera, iniciam as grandes ofertas de matrizes e touros rústicos no Sul do País, justamente para aproveitar o período de monta, que inicia no mês de novembro. No caso do Rio Grande do Sul, os pecuaristas calculam uma comercialização acima de quatro mil animais, envolvendo raças como aber-

deen e red angus, hereford, pampiano-braford, devon, charolês, entre outras. Devido ao rigor dos dois últimos invernos, há uma urgente necessidade de repovoar os campos com reprodutores jovens e aptos.

Acompanhe, a seguir, a programação dos leilões particulares de pecuaristas gaúchos:

Data	Propriedade	Município
02/10	Cabana Palmeira	Camaquã
07/10	Cabana Nête	Uruguiana
14/10	Cabana Cherubini	Esteio
19/10	Cabana Azul	Quaraí
20/10	Remate Tellechea Associados	Uruguiana
21/10	Cabana Santa Bárbara	São Jerônimo
23/10	Estância da Quinta e Agropecuária Monjolo Velho	Pantano Grande
24/10	Sementes e Cabana Butiá	Passo Fundo
26/10	Condomínio Hermes Pinto e Cabana São Luis	Uruguiana
27/10	Remate Ouro Negro	Guaíba
28/10	Remate Só Devon	Guaíba
30/10	Remate Delta-G	Dom Pedrito
31/10	Grupo Biopool	Dom Pedrito
05/11	Cabana Telho Chico	Jaguarão
06/11	Cabana Santa Angélica	Herval
08/11	Remate de Charolês e Cruzas	Santana do Livramento
08/11	Cabanas Pindayassu e Queimada	Uruguiana
09/11	Remate Integral Ideal	Uruguiana
10/11	Estância Nova Aurora	Uruguiana
10/11	Remate Ormazabal	Uruguiana
11/11	Remate Grupo dos Onze	Uruguiana
12/11	Cabana Capivari	Uruguiana
13/11	Cabana Paineiras	Uruguiana
13/11	Agropecuária Catel Ltda.	Uruguiana
14/11	Cabanas Santo Angelo e São Bibiano	Uruguiana
21/11	Cabana Born Firm	Guaíba
27/11	Cabana César	Vacaria
04/12	Cabana Cerro Colorado	Esteio

na, e no seu cartel de títulos acumulava o campeonato nacional da raça, neste ano, na mostra de Londrina.

A empresa Quatro Irmãos Agropecuária, criadora de "Genioso", comercializou outros dois lotes: a novilha "Icaraima da Quatro Irmãos", por

US\$ 28 mil, e a vaca "Extrema da Quatro Irmãos", por US\$ 16,4 mil, ambas adquiridas pela criadora Olívia Augusto Macedo Costa. Ao todo, foram negociados 40 bovinos, que atingiram a média de US\$ 4,64 mil, considerada a maior obtida em remates da raça neste ano. O patamar, até então, girava entre US\$ 3 e US\$ 3,2 mil.

Leilão Classic

A raça pardo suíço foi o destaque no Parque da Água Branca, dia 22 de setembro, no Leilão Classic. Numa promoção da Associação Paulista dos Criadores de Pardo Suíço e com organização da Meta leilões, foram negociados 42 animais, sendo 37 fêmeas e cinco tourinhos, com a média de US\$ 1,4 mil. A maior venda ficou com a fêmea PO "Limeira Emory Senira TE", de propriedade de Giovanna Grossi, por CR\$ 360 mil, para a Agropecuária Araújo Ltda. Nos machos, o destaque coube a "Nick Drielli Medal", da Agropecuária Raposo Ltda., arrematado por Amado Paulo de Moraes por CR\$ 180 mil, a média ficando em CR\$ 134 mil. Das 26 fêmeas PO que entraram em pista a média chegou a CR\$ 194 mil.

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4100	HSE-24 ST		1.092.807,	MAXION	MF 235			2.661.605,
	4300	HSE-24		1.958.655,		MF 235 E			2.579.623,
AGRALE/DEUTZ	BX-60			3.481.080,		MF 265			3.295.903,
	BX-4.60			4.468.468,		MF 265 E			3.197.170,
	BX-90			4.577.704,		MF 265/4			4.498.153,
	BX-4.90			5.959.432,		MF 275			3.754.789,
	BX-100			5.410.268,		MF 275/4			4.895.130,
	BX-4.110			6.894.695,		MF 272			3.717.743,
	BX-4.130			7.850.770,		MF 290			4.489.848,
	BX-4.130	SH		7.222.709,		MF 290/4			5.577.913,
	BX-4.150			9.375.807,		MF 290RA			3.584.890,
	BX-4.150	SH		8.625.742,		MF 292			4.795.620,
CASE	580H AX			10.473.205,		MF 292/4			5.915.890,
	W 18D			15.398.876,		MF 297			5.234.844,
	W 20D			17.196.444,		MF 297/4			6.275.704,
	W 36D			30.151.545,		MF 299			6.075.537,
	W 30D			24.516.569,		MF 299/4			7.505.359,
	888 CKE			26.563.645,		MF 630			7.473.366,
CATERPILLAR	D4E-SR			11.087.078,		MF 640			8.313.727,
	D6E-SR			22.582.362,		MF 660			9.967.933,
	D5E-DD			13.361.491,		MX 9150			8.978.827,
						MX 9170			9.733.421,
CBT	8240			4.365.560,	MÜLLER	TM 12	c/teto solar simples		8.513.560,
	8440			4.466.704,		TM 12	c/teto solar duplo		8.968.405,
	2105	TMM/STD		4.854.732,		TM 14	c/teto solar simples		9.474.807,
	8060	4x4		7.016.042,		TM 14	c/teto solar duplo		10.326.982,
	8450	4x4		6.128.420,		TM 17	c/teto solar simples		11.609.071,
	8060	4x2		5.457.177,		TM 17	c/teto solar duplo		12.230.211,
	8260	4x4		7.016.304,		TM 25	c/teto solar duplo		13.499.755,
	8240	CC		3.704.758,		TM 25	cabine/duplo		14.003.828,
	8440	CC		3.803.797,		TM 31	c/teto solar duplo		18.377.987,
	2105	CC		4.560.209,		TM 31	cabine/duplo		19.423.688,
ENGESA	1128-CF			13.419.247,	STA .MATILDE	SM 370	C		4.906.003,
	1428-CF			14.377.765,		SM 400	CR		3.235.319,
	923-CF			11.981.471,		SM 500	CR		3.278.919,
	815-CA			6.709.624,					
	EE-510			17.253.318,					
FORD	4630		16.9/14x30	2.442.968,	VALMET	685	4x2		3.592.669,
	5630		16.9/14x30	2.863.960,		685	4x2F		3.381.360,
	5630	TR	18.4/15x30	3.856.353,		685	4x4F		4.393.568,
	6630		18.4/15x30	3.103.172,		685	4x4		4.612.629,
	6630	TR	18.4/15x30	4.059.385,		785	4x2		4.273.666,
	7630		18.4/15x30	3.734.285,		785	4x2F		4.643.937,
	7630	TR	18.4/15x30	4.720.095,		785	4x4		5.554.728,
	7830	TR	18.4/15x30	5.437.476,		785	4x4F		5.050.568,
	8030	TR	18.4/15x30	5.790.791,		885	4x2		4.901.845,
						885	PCR		3.673.087,
FIATALLIS	7D			17.475.347,	YANMAR	885	4x4		6.281.761,
	FD9C0			23.704.408,		985	4x2		5.564.393,
	FD9E0			23.625.817,		985	4x4		7.244.952,
	FA120			24.596.036,		1180	4x4		8.183.258,
	14CTC0			29.285.456,		1280	4x2		6.167.472,
KOMATSU	14CTE0			29.128.506,		1280	4x4		8.498.496,
	D30E			11.402.989,		1580	4x4		10.358.566,
	D50A			15.534.034,		1780	4x4		11.622.303,
	D60E			24.148.365,		TC 11			1.023.581,
	D60F			25.670.064,		1040 STD			2.490.809,
	D65E			25.208.230,		1050D STD			3.319.416,
	D73E			28.270.720,					

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9070	grão		8.429.850,	N. HOLLAND	TC 55	arroz irrigado		5.837.290,
	9070	arroz		8.024.249,		TC 55	trigo e soja		5.972.398,
	9075	grão		9.368.266,		TC 57	arroz irrigado		6.665.577,
	9075	grão turbo		9.884.493,		TC 57	trigo e soja		6.763.545,
	9075	arroz		9.511.324,	SANTA MATILDE				
	9075	arroz turbo		10.035.441,		5105			5.868.444,
LAVRALE	L 300	arroz/direto		4.835.840,		1200			5.497.783,
	L 300	p/cereais		4.721.475,					
	L 300	p/milho		5.386.540,					
LEILA	LEILA 2	esteira		3.360.000,	SLC	6200	versão básica (S/PC)		4.793.240,
	LEILA 2	roda		3.000.000,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		5.254.832,
	LEILA 1	esteira		2.920.000,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		5.731.782,
	LEILA 1	roda		2.720.000,		6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		6.193.375,
MASSEY FERGUSON	3640	arroz		8.157.635,		6200	versão arroz (S/PC)		4.984.946,
	3640	grão		7.959.894,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		5.446.532,
	5650	grão		8.401.143,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		5.923.490,
	5650	arroz		8.470.785,		6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		6.385.083,
	5650	grão turbo		9.094.800,		Série 200	plataformas		
	5650	arroz turbo		8.913.970,		PC 213	corte 13 pés rígida		1.027.401,
	MX 90	grãos		9.674.870,		PC 216	corte 16 pés rígida		1.038.193,
	MX 90	grãos turbo		10.079.355,		PC 213	corte 13 pés flexível		1.084.078,
	MX 90	arroz		9.731.744,		PC 216	corte 16 pés flexível		1.096.684,
	MX 90	arroz turbo		10.132.990,			controle aut. p/flexível		
	6845	grão		9.674.870,		PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		1.323.146,
	6845	grãos turbo		10.079.355,		PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		1.799.539,
	6845	arroz		9.731.744,		CE 6200	conjunto de esteiras 6R		2.104.799,
	6845	arroz turbo		10.132.990,					

OBSERVAÇÕES: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em setembro. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste.

HAJA CAMPO PARA UM MÜLLER

A Müller é atualmente o único fabricante nacional de tratores agrícolas articulados. Com modelos nas faixas de 150 a 310 hp, todos com tração igual nos dois eixos, são a opção para aumentar a rentabilidade de sua lavoura.



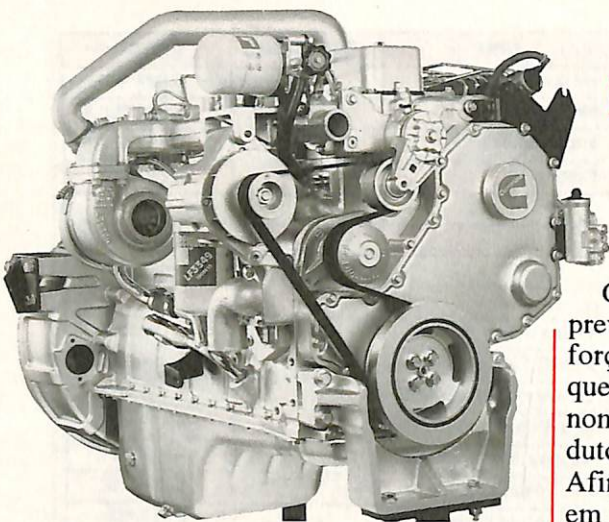
(021) 390-7650



Os Supertratores Müller dão mais rapidez e qualidade ao preparo de médias e grandes extensões de terra. E todo agricultor sabe que a pressa é amiga da produção.

Os distribuidores Müller estão sempre perto de quem produz.

NOVIDADES NO MERCADO



■ Várias marcas e usos

Os motores Cummins, através das séries B, C e N, têm uma larga aplicação em tratores agrícolas, seja de rodado simples, duplo ou de esteira, seja rígidos ou articulados, utilizados basicamente no preparo de solo. A Valmet conta com um série B no modelo 1180; a Müller tem um B turbinado em seus tratores agrícola e florestal; a Zanello argentina acaba de adotar essa série de propulsores em sua linha leve. O série C equipa as máquinas TM-17 e TM-25, da Müller; o de esteira 14-C da FiatAllis e cinco modelos da linha pesada Zanello. E a linha série N está presente nos tratores de esteira Komatsu e no agrícola TM-31 da Müller. Cummins Brasil Ltda., Rua Jati, 266, CEP 07180-900, Guarulhos/SP, fone (011)945-9943, fax 912-3245.

■ Mastite deixa de ser problema

O combate e, ao mesmo tempo, a prevenção das mastites ganha agora a força da associação de antibióticos que a Purina trouxe da Europa, com nome comercial de Afimastite. O produto é apresentado em duas versões: Afimastite "L", indicado para vacas em lactação, e Afimastite "A", para prevenção e tratamento da mastite subclínica, com alta incidência nos ventres em período seco. O sinergismo entre os dois antibióticos apresenta efeito potencializado, produzindo resultados superiores aos atingidos quando aplicam-se em separado, inclusive grande parte dos casos é resolvida com apenas um tratamento, devido ao amplo espectro. Purina Nutrientes Ltda., Av. Nações Unidas, 13797, 18º andar, Bloco III, CEP 04794-000, São Paulo/SP, fone (011) 531-7755, fax 542-1747.



■ Inoculante para soja

O Instituto Riograndense de Febre Aftosa (Irfa) diversificou suas atividades e ingressa na agricultura com o lançamento do Nitrofix, um inoculante em pó para a cultura de soja, com exclusivo processo de beneficiamento. Entre as vantagens e benefícios apregoados pelo fabricante, estão: maior nível de umidade inicial; melhor cobertura das sementes com a distribuição uniforme do rizóbium por cada grão inoculado; manutenção de condições ideais para a sobrevivência das bactérias; ausência de grânulos de areia e outros materiais que em nada contribuem para a manutenção do organismo; elevada aderência às sementes e, ainda, sensível redução do grau de abrasividade nos equipamentos empregados durante a semeadura. Irfa, Estrada do Lami, 6133, CEP 91780-120, Bairro Belém Novo, Porto Alegre/RS, fone (051) 259-1333/1526/1531.

■ Medição digital de umidade

A integração da eletrônica com a mecânica foi utilizada na concepção do Medidor de Umidade Digital Gehaka G-700, onde circuitos processam todas as informações e analisam os dados, para oferecer medições exatas. O equipamento pode ser calibrado para até seis produtos diferentes, número total de teclas que dispõe para programação. Em três sucessivas e bre-

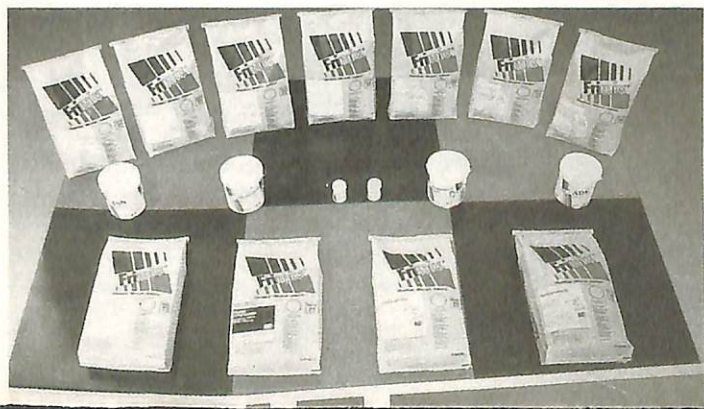
ves operações, é possível se obter a umidade da amostra medida, com correção automática da temperatura. Uma balança de precisão vem inserida no aparelho, e possibilita a pesagem da amostra (250g/fixa). A garantia é de um ano e funciona em 110V/220V - 50/60Hz. Indústria e Comércio Eletro-Eletrônica Gehaka Ltda., Av. Duquesa de Goiás, 235, Real Parque, CEP 05686, São Paulo/SP, fone (011) 844-7488/5911, fax 844-5517.





■ Enfardadeira do futuro

Com a produção de rolos altamente compactados, de tamanho uniforme e grande facilidade de manuseio, a Enfardadeira Redonda Mainero MA-90 tem como principal característica um sistema de compactação com núcleo frouxo. Esse processo é bastante empregado na Europa para fenação e aproveitamento de palhadas (trigo, soja, ponta de cana, feijão, milho, etc.), deixando no próprio campo para que os animais comam de forma direta, economizando em transporte e armazenagem. Entre as vantagens relatadas pelo fabricante, estão a possibilidade de operação mesmo com alta umidade, pois o núcleo permite a circulação de ar no interior do rolo; maior número de horas de operação/dia; menor tempo de secagem e manuseio de forragem ou palhada, reduzindo a queda de folhas (proteínas); os rolos são amarrados de forma automática com fio de sisal ou plástico. Newmaq — Comércio e Representações Ltda., Rua Maria Paula, 122, 3º andar, cj. 307, CEP 01319-907, São Paulo/SP, fone (011) 34-7704, fax 35-2913.



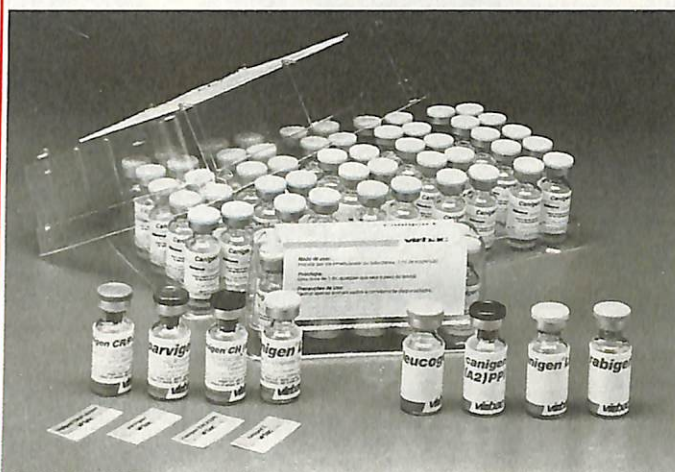
■ Age por dentro e por fora

O combate a parasitas internos e externos de ovinos ganhou um novo aliado: trata-se do medicamento Closantel 7,5% injetável. Ele atua nas infestações por nematódeos gastrintestinais como *Haemonchus sp.*, *Trichostrongylus sp.*, *Oesophagostomum sp.* e os trematódeos, como a *Fasciola hepática*. Além disso, é indicado no tratamento de ectoparasitas, caso dos piolhos hematófagos e míases, mais conhecidas como bicheiras. O medicamento apresenta-se em frascos plásticos de 100ml e 250ml, com administração subcutânea. Ciquisa Farmacêutica Ltda.,



Rua Conselheiro Travassos, 629, CEP 90230-140, Porto Alegre/RS, fone (051) 222-8042/6159, fax 222-4740.

■ Menos sofrimento para os pequenos



Uma vacina de múltipla ação que imuniza os cães contra meia dúzia de doenças é um lançamento da Virbac, possibilitando a redução do número de

injeções a que os pequenos animais estão sujeitos. A *Canigen Chppil* é uma vacina sem similar no mercado nacional, sendo indicada contra cinomose, hepatite, parvovirose, parainfluenza, leptospirose e raiva. Por ser um produto ético, só é encontrada em clínicas veterinárias. Virbac do Brasil Indústria e Comércio Ltda., Rua Sena Madureira, 137, Vila Mariana, CEP 05021-050, São Paulo/SP, fone (011) 549-9533/5266, fax 570-0984.

■ Complemento alimentar provoca equilíbrio

Uma linha de 21 produtos forma a Primix, composta de suplementos nutricionais indicados para diversas etapas de produção de bovinos, suínos e aves. Esses produtos, garante o fabricante, buscam o equilíbrio de níveis vitamínicos, interferem no aumento de produção, reduzem a motilidade intestinal e

mantêm os nutrientes por mais tempo no organismo. As variedades são indicadas para as diversas fases de frango de corte, em reposição e poedeiras comerciais; na suinocultura, abrangem crescimento, reprodução, lactação e acabamento; no gado, vão desde os primeiros sete dias de vida até vacas em produção; e para confinamento e semi-confinamento. Rações Fri-Ribe S/A, Av. Castelo Branco, 1.665, CEP 14095, Ribeirão Preto/SP, fone (016) 627-3040, fax 627-4938.

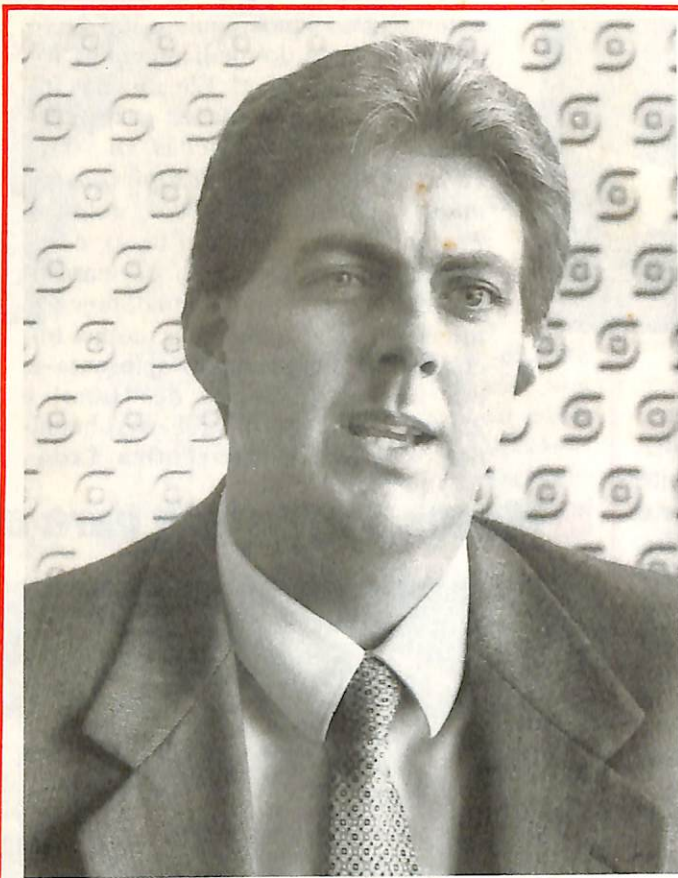
O desafio da modernidade

A Embrapa festeja os 20 anos de fundação com um conjunto de resultados que somente orgulham a empresa e seus funcionários. Hoje são 2.082 pesquisadores, 80% deles com mestrado ou doutorado, formando uma equipe geradora de 8.000 tecnologias, mudando o panorama da agricultura, pecuária e agroindústria nacionais e fazendo com que, provavelmente, cada alimento produzido hoje no País tenha sua participação. O impacto do trabalho realizado pode ser medido por uma pesquisa cujos resultados apontam que, em 1992, para cada cruzeiro investido, havia um retorno de outros doze em benefício da sociedade.

Apesar de tudo isso, ela está mudando. O objetivo é uma entidade moderna, dinâmica e mais eficiente, que continue cumprindo sua responsabilidade social, assegurando papel de destaque nos próximos anos, e plenamente integrada com a sociedade.

Trata-se de uma renovação que está sendo viabilizada através de planejamento estratégico, em um processo permanente, iniciado há dois anos.

O que buscamos é uma reestruturação geral, com redefinição da missão da empresa e de cada um de seus centros de pesquisas, maior participação da iniciativa privada no financiamento dos programas, prioridades em projetos como o de qualidade, e ainda uma nova metodologia de elaboração e seleção de projetos, com ampla participação da sociedade, buscando responder às demandas de clientes. Usuários e beneficiários da pesquisa e extensão rural são chamados para ajudar a definir as prioridades, de acordo com cada região e produtos que a Embrapa trabalha. A todas essas propostas junta-se uma nova incumbência que muda o seu perfil tradicional: a responsa-



Murilo Xavier Flores, presidente da Embrapa

bilidade pela coordenação do Sistema Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, assumindo os desafios que a tarefa exige.

Como uma etapa para atingir tais objetivos, recentemente foi promovida a reorganização dos centros de pesquisa, fundindo unidades e alterando suas missões. Igualmente, dá-se ênfase ao processo de difusão, sendo uma das finalidades reduzir o tempo entre a identificação do problema e a oferta da tecnologia-solução. Nesse esforço, a Embrapa amplia e fortalece seu relacionamento com instituições estaduais de pesquisa e extensão rural, universidades, escolas técnicas, governos estaduais e municipais, associações de produtores, cooperativas e todos os fatores que possam ajudar e, inclusive, se beneficiar do processo.

Outra setor em que a empresa está

investindo esforços é a comercialização de tecnologias, especialmente variedades e cultivares desenvolvidos pela pesquisa. O milho BR-201 é um exemplo. Só está à disposição de todos os agricultores porque foi feita parceria comercial com um consórcio de 28 pequenas e médias empresas produtoras de sementes. Outras duas variedades seguem o mesmo caminho. Também no campo comercial, está implantando a prestação de consultorias e serviços técnico-científicos, assessorias, análises, treinamento e assistências, que começam a ser prestados, buscando junto à iniciativa privada os recursos cada vez mais escassos nas fontes governamentais. Essa comercialização vai permitir, em 1993, retorno de aproximadamente US\$ 5 milhões, que serão aplicados em pesquisa, fortalecendo o atendimento ao produtor.

Todo o processo em questão foi incentivado em 1992 por comitês externos, com participação de pessoas de destaque no Brasil e no exterior, que avaliaram a Embrapa e, especificamente, cada centro de pesquisa. Essa avaliação resultou em subsídios fundamentais na identificação dos pontos fortes e fracos e mostrou onde há necessidade de adaptação à nova realidade.

As alterações propostas buscam melhorar ainda mais uma empresa que tem dado certo. O desafio é atualizá-la com relação às mudanças ambientais, sociais, econômicas, políticas e institucionais em curso no País, tornando-a protagonista da própria transformação. Com isto, a Embrapa poderá continuar contribuindo para a solução dos problemas da agropecuária e da agroindústria, que atrasam o desenvolvimento nacional, impedindo a satisfação da necessidade mais básica do ser humano: a alimentação. ■

Agenda Centaurus 1994

É única.
É country.
É prática.
É charmosa.

**A capa da agenda*
é emborrachada**

Não rasga. Não vinca. Não mancha.

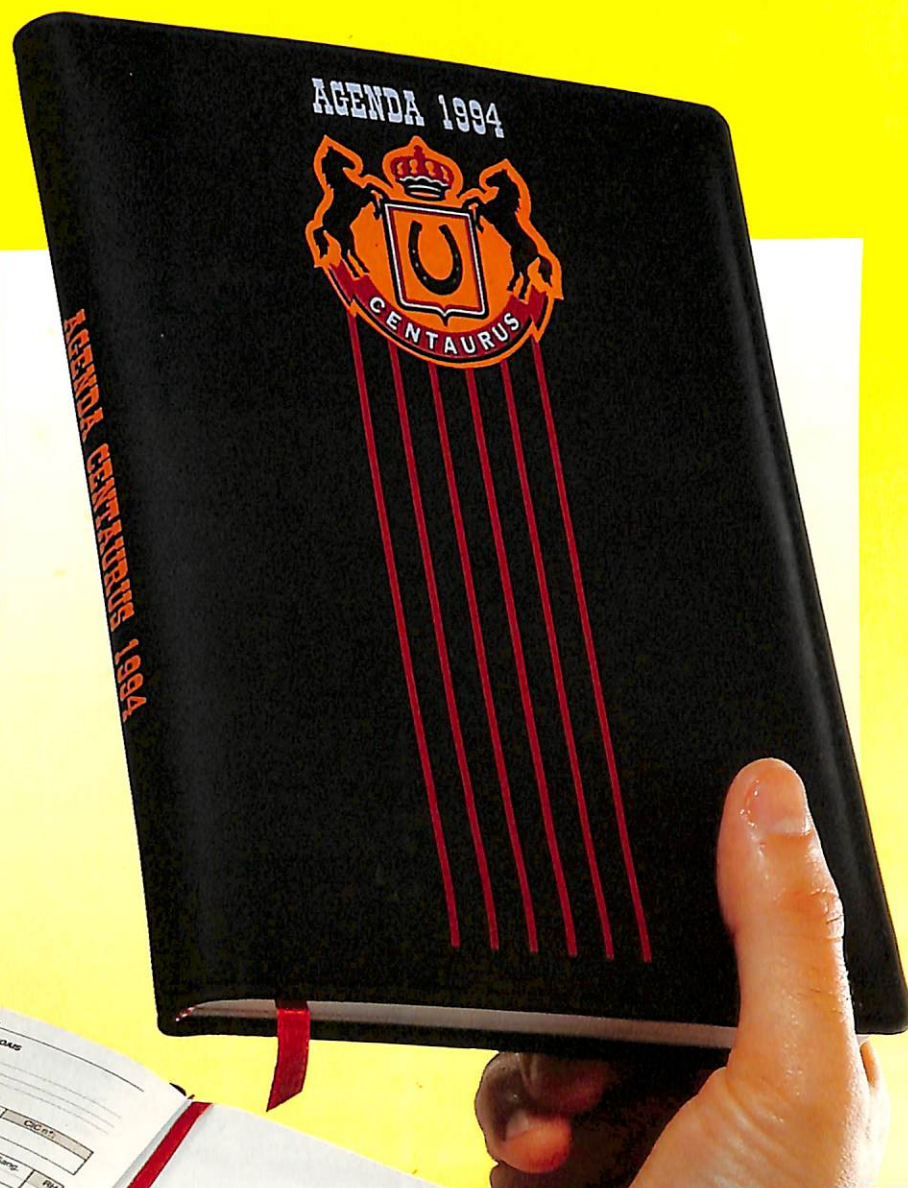
*Durabilidade a toda prova
(a dobra tem reforço
de tecido maturado e texturizado):
V. pode jogá-la no chão ou
contra a parede. Nada acontece.

A TIRAGEM SERÁ LIMITADA.

FORMATO:

Fechada: 17,3cm x 21cm

Aberta: 36cm x 21cm



Os meses são
intercalados com
o traço de Berega,
o mais consagrado
artista plástico
do Brasil
especializado em
figuras equínas.

Já!
Você encomenda
agora e
ganha dinheiro!
Preço oferta/congelado,
sem juros, sem correção
monetária.

Apenas:
CR\$ 3.300,00
até 29 de outubro/93

ÚTIL

● Calendário agrícola
mensal, abrangendo 32
produtos

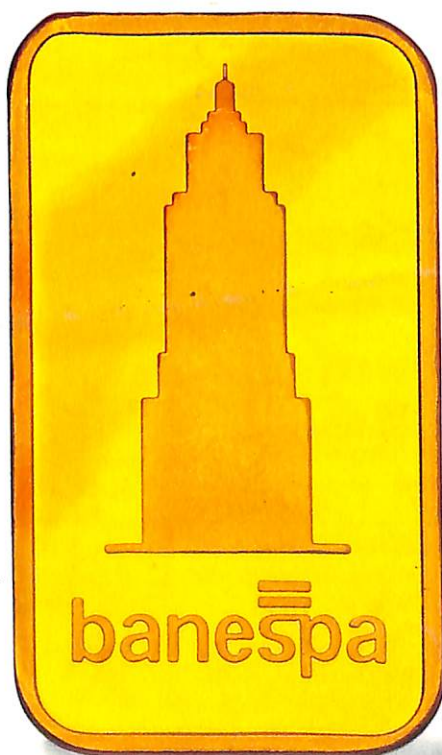
- Calendário para eqüinos,
bovinos de corte, de
leite, e ovinos.
- Quadro de conversão
de medidas. Sistema
métrico. Medidas
inglesas.
- Dezenas de informações
gerais e outras tantas,
dirigidas diretamente ao
produtor rural.



EDITORA CENTAURUS

Av. Getúlio Vargas, 1558
CEP 90150-004 - Caixa Postal 2890
Porto Alegre - RS
Tel.: (051) 233-1822 - Fax: (051) 233-2456

Em suas mãos,
sem custo de frete
até dia 15 de dezembro.



**ALGUNS VALORES
NÃO MUDARAM
MUITO NOS ÚLTIMOS
5 MIL ANOS.**

Se você quer um investimento seguro que resista a qualquer mudança na história, aplique em Ouro Puro Banespa. É você quem escolhe quanto essa economia vai pesar no seu bolso: barras de 5, 10, 20, 50, 100 gramas e uma onça (31,1g). Ouro Puro Banespa. Liquidez garantida e rentabilidade que ultrapassa a barreira do tempo.

OURO PURO
banespa